

RODRIGO FERREIRA MAURER

**DO UM QUE NÃO É SETE: O CASO DA ANTIGA
REDUÇÃO DE SAN FRANCISCO DE BORJA E A
DINÂMICA DA DIFERENÇA**

Passo Fundo, Agosto de 2011

RODRIGO FERREIRA MAURER

**DO UM QUE NÃO É SETE: O CASO DA ANTIGA
REDUÇÃO DE SAN FRANCISCO DE BORJA E A
DINÂMICA DA DIFERENÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Luis Carlos Tau Golin.

Passo Fundo
2011

DEDICATÓRIA

Aos alicerces de uma vida inteira: meus pais e meu irmão.
Aos alicerces que hoje me motivam a projetar dias melhores para sempre: à minha companheira e esposa Leticia Zinelli e ao nosso pequeno grande Mohan.

AGRADECIMENTOS

Inicio estes meus agradecimentos pelo meu grande amigo Muriel Pinto; pois sem a oportunidade concedida no ano de 2006, dificilmente teria conhecido a pesquisa.

Ainda por conta do ano de 2006, agradeço aos camaradas Fernando Rodrigues e Cesar Augusto Rodrigues, pelas oportunidades pioneiras que disponibilizaram para discorrermos sobre a nossa San Borja missioneira.

À Alexander Retamozzo, por provar que para ir ao cosmos não necessitava de muita gasolina.

À Mário Hoff e Helder Kaleff do Amaral, que me mostraram quanto é importante o homem ser sincero nos momentos decisivos da vida.

Ao professor Dr. Eduardo Neumann, pelos comentários, pelas dicas e pelas oportunas e sábias palavras de incentivo.

Ao Dr. Artur Barcelos ao me contextualizar uma realidade além do meio universitário e científico.

À Marta Zinelli, Sandro da Silva e Paulo Sérgio Goulart, meu muito obrigado, por me provarem que dias melhores são possíveis.

Agradeço aos integrantes do grupo de pesquisa Relações de Fronteira: história, política e cultura na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Uruguai. Helenize, Matias, Jeremias, à vocês meu muito obrigado. Estendo este agradecimento à Alexandre Roberto Villanova Fernandes, apesar das nossas diferenças clubísticas.

Agradeço ainda, ao 7º Núcleo CPERS, Passo Fundo, pela hospedagem e pela atenção concedida.

À você Lore, muito obrigado pelo tratamento e pelas palavras de apoio e confiança desprendida.

Agradeço às secretárias do programa: Jenifer de Brum e Liliane Vedoy. À vocês meninas, muito obrigado pela paciência, pois foi fundamental para a realização deste trabalho tão estafante chamado dissertação.

Agradeço à Dilva Carvalho Marques, bibliotecária responsável da Unipampa, campus de São Borja, pela ajuda incondicionável e compreensão.

Agradeço aos professores do programa, pois a atenção e a confiança depositada foram decisivas para conseguir a tão sonhada bolsa da Capes. Quero fortalecer este agradecimento ao Dr. Adelar Heinsdfeld, ao me tranquilizar quando da realização do estágio. À professora Dr^a Ana Luiza Reckziegel, ao me mostrar quanto é importante o pesquisador se integrar ao seu objeto de estudo. Aos professores Dr. Paulo Afonso Zarth e Dr^a Gizele Zanoto, por terem aceitado o convite de participar da banca final dessa dissertação. Ao meu orientador, professor Dr. Tau Golin, que sempre com palavras sábias mostrou o melhor caminho para essa proposta.

Por fim, estendo esses agradecimentos para aqueles que acompanharam esta jornada desde o primeiro dia que saí de São Borja em direção a primeira aula em Passo Fundo.

À minha querida mãe que não mediu esforços para me possibilitar a realização desse sonho. Ao meu grande pai por interrogar-me sobre o que esta escrevendo, portanto, o meu grande historiador da vida. Ao meu irmão que, mesmo à distância, nunca me deixou esmorecer perante o desafio. À minha vó, por ter me confortado com palavras sábias e oportunas nos momentos que estivemos juntos.

Ao professor Dr. Ronaldo Bernardino Colvero, que me fez encarar o mestrado, mesmo sabendo que exigiria muito da minha parte.

Por fim agradeço a minha companheira Leticia, pela serenidade e disposição concedida nos momentos mais difíceis que me acompanharam nesses dois anos de dedicação.

EPÍGRAFE

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri.

_ Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.

Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei.

Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.

Eduardo Galeano,

As Palavras Andantes.

RESUMO

Esta dissertação analisa o sentido refratário que historicamente ficou classificada a antiga redução de San Francisco de Borja. Nesse sentido, abordaremos questões relacionadas à parte cultural, social e étnica que acabaram envolvendo a mesma, levando-se em consideração o espaço-região que lhe foi destinado quando da sua fundação.

Conceitos como o de *diversidade reducional* e de *centro conversor das missões* serão utilizados para provar que a identidade e o fortalecimento daquela redução se deram por uma conseqüência cultural e de identificação com os chamados povos ocidentais do rio Uruguai, no caso, Yapeyu, La Cruz e Santo Tomé. Esta projeção foi assumida pela redução de San Francisco de Borja e formalizou um fluxo contínuo entre as duas margens do rio Uruguai. Tal encargo acabou lhe rendendo duas “certidões”: a histórica e a de descritiva. A certidão histórica será aplicada para caracterizar o processo da sua fundação, levando-se em consideração os motivos que envolveram a mesma no ano de 1690. Já a certidão descritiva é aquela que ficou registrada nas fontes primárias, sobretudo de origem religiosa, que objetivaram repassar à redução a responsabilidade por várias desordens que o projeto reducional comportava. A partir dessa problemática apresentaremos questões aleatórias que acabaram envolvendo diretamente ou indiretamente a redução ou alguns dos seus personagens para provar que os mesmos refletiam uma conjuntura colonial que agia de maneira silenciosa e sorrateira para alcançar os interesses que envolveram o contexto. Para isso lançaremos a hipótese da existência de um acordo paralelo no qual antecipou possíveis desordens a partir da aplicação do Tratado de Madri na América Meridional. Parte desse conteúdo servirá de base para discorrermos sobre a Guerra Guaranítica e, sobretudo a não participação da redução de San Francisco de Borja na mesma. A explicação para tal discordância se dará por fatos relacionados ao ano de 1758, quando questões passaram a ser levantadas a partir de *mini-inquéritos* nos refúgios potenciais da época: nas estâncias ganaderas. Em conjunto, aconselha-se a edificação de um cenário paralelo que foi envolvido por uma série de fatos que teve San Borja e seus personagens como objetos centrais, contudo os mesmos foram analisados a partir de duas constantes do período colonial: o “cotidiano indígena” e o possível “mundo em conversão”.

Palavras-chave:

Projeto Reduacional, Tradições indígenas, Mediação Cultural, Relações Cotidianas.

RESUMEN

Esta tesis analiza el sentido refractario que históricamente la primera se ubicó la reducción de San Francisco de Borja. En este sentido, se discuten cuestiones relacionadas con la participación cultural, social y étnica de la misma manera, teniendo en cuenta el espacio-región en la que se colocó en su fundación. Conceptos como la diversidad y el centro del convertidor reduccionistas de las misiones será utilizado para probar la identidad y el fortalecimiento de esa reducción es el resultado dado por la cultura y la identificación con los occidentales llaman el río Uruguay, en el caso, Yapeyú, La Cruz y San Thome. Esta proyección fue asumida por la reducción de San Francisco de Borja y formalizado un flujo continuo entre las dos orillas del río Uruguay. Esta tarea le ganó dos “certificados“ de la histórica y descriptiva. El certificado será aplicada para caracterizar el proceso histórico de su fundación, teniendo en cuenta las razones que participan de la misma en 1690. Puesto que el certificado es de tipo descriptivo que se registró en las fuentes primarias, principalmente de origen religioso, que pretendía pasar la responsabilidad de reducir el número de trastornos reduccionistas del proyecto implicaba. A partir de este número presentamos sólo preguntas al azar que, directa o indirectamente a la reducción o algunos de sus personajes para demostrar que refleja una situación colonial, que trabajó en silencio y sigilosamente para alcanzar los intereses que rodean su contexto. Para que la hipótesis de la existencia de un acuerdo paralelo en el que se anticipó a posibles trastornos de la aplicación del tratado de Madrid en América del Sur. Algunos de estos contenidos será la base para hablar de la guerra guaraní y, especialmente, la no participación de la reducción de San Francisco de Borja en el mismo. La explicación de esta discrepancia se dará por datos sobre el año 1758, cuando las preguntas comenzaron a ser levantado de mini-encuestas de posibles refugios de la época: en los ranchos de ganadería. Juntos, le aconsejamos que construir un escenario paralelo que se ha visto afectado por una serie de acontecimientos que habían de San Borja y sus personajes principales como objetos, sin embargo, fueron analizados a partir de dos constantes de la época colonial: los “indígenas todos los días” y la posible “conversión del mundo”.

Palabras clave:

Proyecto reduccionistas, tradiciones indígenas, mediación cultural, las relaciones de la vida diaria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Representação do espaço missioneiro antes de 1690.....	18
Figura 02: Representação do espaço missioneiro a partir da fundação de San Francisco de Borja.....	30
Figura 03: Plano o Mapa del Pueblo de la Real Corona nombrado Santo Tomé, 1784.....	3.3
Figura 04: Mapa de las Reducciones con i fiumi Paraguay, Paraná y Uruguay (frente).....	37
Figura 05: Mapa de las Reducciones con i fiumi Paraguay, Paraná y Uruguay (verso).....	38
Figura 06: Mapa representando as estâncias.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AÇÕES INDÍGENAS E PROJEÇÃO REDUCIONAL: FATOS QUE FORMALIZARAM A FUNDAÇÃO DO CENTRO CONVERSOR DAS MISSÕES.....	15
1.1 OS GUENOAS: DE GRUPO TRIBAL A JESUS MARIA, UMA REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NO ESPAÇO MISSIONEIRO	19
1.2 PASSOS, CAPELAS E CAMINHOS: O PROCESSO DA IDENTIFICAÇÃO E AS CONDIÇÕES DA ACESSIBILIDADE	27
2 TRATADO DE MADRI: TRATATIVAS OCULTAS NUM CENÁRIO DE INCERTEZAS	40
3 SAN BORJA E GUERRA GUARANÍTICA: A BIFURCAÇÃO DE FATOS NA ENCRUZILHADA DE INFORMAÇÕES	48
3.1 DAS ESTÂNCIAS AO EQUILÍBRIO CULTURAL: POSSIBILIDADES E PROJEÇÕES NO ANO DE 1758. UMA CONTRIBUIÇÃO DOCUMENTAL PARA A HISTORIOGRAFIA	49
3.2 SER REFRAATÓRIO: UMA CARACTERÍSTICA DA DIVERSIDADE REDUCIONAL QUE ACABOU RESULTANDO NA RECUSA BORJISTA AO LEVANTE	60
CONCLUSÃO	68
BIBLIOGRAFIA GERAL	96

INTRODUÇÃO

Em 08 de outubro de 1759 na presença de Don Diego de Sallas, o índio *borjista* Eleuterio Añendae fez o seguinte depoimento: "Que el autor de la rebelión fué Cepé, que con sus cartas convocatorias incitó a los indios a oponerse a los ejércitos; pero que en el pueblo del declarante fueron despreciadas, aunque algún otro de los indios, según ha oído, se unió a los alzados de los demás"¹.

Por um bom tempo essas palavras concentraram as nossas atenções, não exatamente pelo conteúdo explícito da descrição mas porque representavam uma mensagem significativa do problema que nos comprometemos a explicar, isto é, que a redução de San Francisco de Borja não respondia por ações isoladas dos seus integrantes porque a mesma não havia participado do levante indígena.

A segurança no depoimento de Eleutério Añendae e os cuidados tomados para livrar a redução de uma possível advertência acabaram demonstrando que se tratavam de projeções distintas. De um lado encontrava-se a redução², ou seja, uma macro-estrutura missional que

¹Este depoimento assim como outros que fazem parte da investigação de Diego de Sallas, se encontram no anexo deste trabalho. Os mesmos foram retirados de: PASTELLS, Pablo. *História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*. Tomo VIII. Librería General de Vistoriano de Preciados. Madri, 1912.

² O conceito de Redução que aplicaremos no decorrer deste estudo corresponderá à condição de organização que envolveu o projeto a partir de uma realidade colonial, ou seja, quando o que interessava era alterar o espaço de origem "infidel" ao modo que pudesse integrar gradualmente o indígena à sociedade espanhola e também a

havia se organizado a partir de questões básicas e de caráter interno que visava formalizar uma estrutura político-administrativa confiável. E o próprio índio, ou seja, uma personagem cultural e independente no cenário colonialista.

A base dessa interpretação se concretiza a partir do que Clifford Geertz conceituou como a *instabilidade dos significados*, ou seja, quando certos indivíduos participavam e se identificavam como parte integrante de uma determinada comunidade religiosa, contudo poderiam revezar outras práticas que não necessariamente a do espaço que estavam habituados a participar³. Isto facilitou enormemente o desenvolvimento do nosso trabalho, pois o mesmo passou a ser realizado a partir de situações que os documentos e as bibliografias apresentavam.

A pesquisa foi estruturada a partir de três eixos de interpretação histórica: às questões vinculadas a fundação e localização da redução, nesse caso, tivemos de levar em consideração o espaço, a região e principalmente as questões culturais que já existiam antes de ocorrer a sua realização no ano de 1690; aos anos decorrentes da chamada *Guerra Guaranítica*, dentre os quais, os de 1758 e 1759, pois a partir desses seria possível compreender os motivos que levaram a mesma a não participar da referida guerra; e ao ano de 1769, ou seja, dez anos pós realização do inquérito de Don Diego de Sallas – portanto – um motivo incisivo no que envolve a manutenção e reprodução de certos discursos que acabaram fixando a redução como uma redução *refratária*. Nesse sentido procuramos compreender os motivos que tornaram aquela redução um símbolo de desordem (no que envolve as atitudes de seus indígenas) e descomprometida (pois não auxiliava nem procurava integrar-se aos interesses e problemas das demais reduções orientais do rio Uruguai).

As possibilidades que tínhamos até então, não garantiam a plausibilidade necessária para referendarmos a hipótese levantada. Foi aí que decidimos trabalhar com algo que ainda é muito pouco valorizado pelos historiadores que estudam as *missões*, ou seja, o espaço-região destes aglomerados culturais. Na realidade atentamos a uma observação feita pelo pesquisador Artur Barcelos quando afirmou que:

É justamente esta situação de construção do espaço que escapa a vários estudos sobre a Companhia de Jesus na América, embora o espaço sempre esteja presente,

religião cristã. Portanto projetamos o termo redução ou reduções a partir do que Bartolomeu Mélia (1988) chamou de *proyectos más anticoloniales dentro de la Colonia*. Para outros entendimentos sobre o termo redução ver: BAPTISTA, Jean. O Temporal: sociedades e espaços missionais. *Dossiê Missões: Volume I*. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009; KERN, Arno & PEREIRA, Ione. Missões jesuíticas coloniais: um estudo dos planos urbanos. In: *História em Reflexão*. Vol. 2, nº 4. UFGD, Dourados jul/dez 2008; BARCELOS, Artur. Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

³GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ainda que de forma transversal, mesmo em trabalhos cujo enfoque se dê sobre o político, o social, o econômico ou o cultural. Em parte, isso ocorre porque os historiadores resistem em afrontar o espaço enquanto categoria de análise. Resulta mais cômodo tratar sobre estruturas espaciais já constituídas⁴.

Ciente desta realidade passamos a compreender San Borja a partir de situações relacionadas ao espaço que havia lhe sido proporcionado para formalizar-se enquanto redução. Ou seja, precisávamos compreender as realidades que antecederam tal realização e assim, poder firmar os motivos de tal indiferença perante os demais povos orientais do rio Uruguai. Na realidade a fundação da redução não alterou as rotinas culturais e étnicas que existiam no espaço-região, pelo contrário foi a partir da sua realização que tais características passaram a ser observadas e sentidas de maneira mais intensa.

O caso dos *borjistas*⁵, analisado sob uma óptica pouco acurada, pode representar o que Michel de Certeau chamou de *as engenhosidades do fraco*. Contudo, tal característica deve ser melhor formulada para evitar possíveis equívocos, já que em San Borja não existiu o que o historiador considerou ser o *consumidor passivo*, ou seja, aquele que age de maneira calculada e silenciosa para alcançar seus objetivos⁶. Os *borjistas* ao invés disso não precisaram “tramar” as suas ações para atingir seus objetivos, os mesmos só reproduziam aquilo que já fazia parte do seu convívio cultural, ou seja, a diversidade reducional e suas repercussões foram tão evidentes que se tornaram parte do cotidiano dos mesmos. O diferente para eles, além de uma condição cultural assumiu uma característica de representação e isso ganhou repercussão fora da própria redução, o que favoreceu a interpretação de redução “refratária”.

A estrutura que envolve esta dissertação foi pensada com a finalidade de caracterizar uma construção *in loco* sobre algo que foi envolvido por fatos e situações desencontradas. Diante disso procuramos organizar tais informações de maneira que as mesmas não se tornassem interpretações isoladas perante o objeto. A construção em momento algum poderia repassar a falsa idéia de que a condição de indiferença ou descomprometimento da redução fosse apenas reflexo do seu isolamento geográfico perante os demais povos orientais. Para evitar tal equívoco, chamamos atenção para o que segue:

La experiencia cotidiana inter-cultural (jesuita-indígena) generó un funcionamiento.

⁴BARCELOS, Artur. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. Tese de doutoramento, PUCRS, Porto Alegre, 2006, p. 12-13.

⁵ Povo *borjista* será o emprego que utilizaremos para caracterizar o contingente populacional que fez parte da redução de San Francisco de Borja.

⁶Para saber mais sobre este caso ver: DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Por funcionamiento interpretamos el intento de configurar una experiencia similar en cada asentamiento, aplicando los mismos conceptos esenciales pero readecuándolos a realidades concretas. La realización de esta compleja experiencia es lo que permite definir a esta Macro-región como una Región Cultural. Esta estructura fue evolucionando en función del ajuste continuo de los principios rectores⁷.

Esta interpretação de *região cultural* se encaixa perfeitamente no contexto que envolve a antiga redução de San Borja, pois estimula e projeta novas possibilidades a partir de referências que envolveram a mesma e os vários personagens que dela participaram. Tais possibilidades lembram o que Peter Burke denominou de *histórias das comunidades* ou *dos povos*⁸, ou seja, uma produção historiográfica que se integra à determinados lugares ou comunidades que as análises totalizantes não costumam visitar. Como nosso interesse está centrado em apresentar a condição cultural que existiu numa redução perante as demais que compuseram um determinado espaço geográfico a descrição será pautada a partir do sentido comparativo que envolve o problema, portanto, inserindo o mesmo dentro de um contexto regional de ação e de conhecimento.

A pesquisa aqui empreendida foi desenvolvida a partir de documentos da época, dos quais foram extraídas informações que não contemplam apenas San Borja e os povos orientais do rio Uruguai, mas também as reduções ocidentais— Yapeyu, La Cruz e Santo Thomé⁹. A fim de estabelecer um eixo de relação no qual fosse possível fazer uma comparação entre tais espaços culturais a partir da redução *borjista*, dividimos a dissertação em três capítulos:

O capítulo 1 traz à luz dois fatos ainda pouco explorados no campo historiográfico: a fundação de San Francisco de Borja e a opção de incluir aos grupos indígenas ali reduzidos, os *índios Guenoas*¹⁰. Faremos uso destes dois fatos históricos para compreender uma ação empreendedora, que foi aplicada pela Companhia de Jesus na última década do século XVII, e que contribuiu decisivamente para a redução reconhecer-se enquanto povo.

A seqüência dos fatos e posteriormente a aplicação do conceito de *centro conversor das missões* para a redução de San Francisco de Borja poderá incidir a idéia de que houve uma política de estreitamento cultural entre as duas margens do rio Uruguai, contudo, a nossa

⁷LEVINTON, Norberto. *El espacio jesuítico-guaraní: la formación de una región cultural*. Asunción: Biblioteca de Estudios Paraguayos, 2009, 261.

⁸BURKE, Peter. *Formas de hacer Historia*. Madrid, Alianza, 1999.

⁹Esta relação estabelecida entre a redução de San Francisco de Borja e os demais povos ocidentais serão representados em algumas situações do nosso trabalho como bloco, a fim de evitar maiores confusões com os povos orientais do rio Uruguai.

¹⁰No que envolve a grafia dos nomes de grupos indígenas, acompanharemos as normas da “*Convenção sobre a grafia dos nomes tribais*”, assim aprovada no ano de 1953, na primeira Reunião Brasileira de Antropologia, quando ficou estipulada a seguinte determinação: “os nomes tribais se escreverão com letra maiúscula” e “não terão reflexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substancial, quer no adjetival” (Schaden:1976). Na hipótese desses nomes constarem em documentações, respeitaremos as grafias originais da época.

proposta rejeita essa possibilidade, pois ficou constatado a partir das documentações que a redução foi fundada para satisfazer e acompanhar os interesses de ordem geopolítica, cultural e administrativa dos povos ocidentais já projetando um possível fortalecimento a partir de ações paralelas entre as mesmas.

O capítulo 2 traz algumas contribuições e levanta uma hipótese no que se refere ao Tratado de Madri. Para isso apresentaremos uma troca de correspondências que envolveram um representante da Companhia de Jesus e possivelmente um representante dos interesses lusitanos para debater a possibilidade do não cumprimento deste Tratado na América Meridional. Mais do que necessariamente uma descrição individual, o mesmo prova que os mentores do processo se mantiveram cientes todo o tempo sobre o que estavam prestes a realizar e as conseqüências que teriam por conta de tal ação. Contrapondo a interpretação ibérica, estes personagens contextualizaram o assunto a partir de fatos e circunstâncias locais. Isso lhes deu condições de prever a resistência indígena antes mesmo que ela pudesse ser pensada.

No capítulo 3 explicaremos os motivos que levaram a antiga redução de San Francisco de Borja à não apoiar a milícia indígena nos anos de *Guerra Guaranítica* (1753-1756). No entanto, a explicação será dada a partir de fatos posteriores ao período mencionado, mais precisamente a questões que ocorreram no ano de 1758. Os mesmos servirão como suportes para legitimar a questão étnica e cultural que envolveu a redução. Dentre a série de fatos e personagens que serão abordados nesse contexto, um deve ser destacado: o índio *borjista* chamado *Thimotheo Baheaba*. A importância deste antigo cacique resulta de uma ação que ele próprio procurou garantir: reagrupar os índios que se encontravam dispersos entre as antigas estâncias ganaderas e com isso, convencê-los a retomar suas atividades ao lado dos portugueses. Essa tentativa conturbou novamente o espaço missionário retomando o espírito de investigações e de combates rápidos, fazendo lembrar significativamente os anos de autogoverno¹¹.

Por fim, apresentaremos questões aleatórias que acabaram envolvendo direta ou indiretamente a redução ou alguns dos seus personagens para provar que os mesmos foram reflexos duma conjuntura colonial que agia de maneira silenciosa e sorrateira com a finalidade de não expor as falhas e interesses que envolviam uma época extremamente fisiologista. Parte deste contexto ficará categorizado a partir de questões relacionadas à antiga redução de San Francisco de Borja ou como preferimos denominar, através do *centro conversor das missões*.

¹¹ Neste estudo em alguns momentos utilizaremos o emprego de autogoverno para referir-se aos anos de Guerra Guaranítica.

1 AÇÕES INDÍGENAS E PROJEÇÃO REDUCIONAL: FATOS QUE FORMALIZARAM A FUNDAÇÃO DO CENTRO CONVERSOR DAS MISSÕES

A fundação de uma redução exigiu por parte dos seus idealizadores um conhecimento amplo da geografia e da logística de uma determinada região, contudo não foram os únicos conhecimentos levados em consideração. A escolha do local considerava outros interesses que não somente as questões relacionadas ao ambiente físico. Situações de ordem administrativa, social e cultural também eram questões observadas, porém, na maioria das vezes, não ficavam registradas em documentos.

Questões como as que envolviam uma disputa entre reduções e grupos indígenas por determinadas localidades¹², ou ainda, os problemas de origem étnica cultural¹³ que a região comportava antes de uma fundação reducional, são exemplos clássicos destas realidades não mencionadas. E tal panorama se deve única e exclusivamente aos religiosos, pois preocupados em demonstrar o progresso das suas reduções deixavam de enfatizar certos fatos. A difusão dessas realidades poderia repercutir em desastrosas conseqüências não apenas para a redução idealizada, como também para as demais que passariam a conviver com possíveis diferenças ou irregularidades. Daí o motivo de certas situações tornarem-se conhecidas somente anos depois do fato consumado.

A verdade é que jamais saberemos por completo os interesses que envolveram

¹² Esta disputa por espaço que colocou em lados opostos reduções e grupos indígenas (principalmente os de origem pampeana) foi muito comum na macro-região missioneira. Na realidade não podemos interpretar essa disputa como uma luta por espaços agrários, antes disso foi uma disputa que envolveu concepções simbólicas e sagradas para o indígena. Situação que foi sendo limitada e disputada a partir do momento que o projeto reducional se consolidou na prática. Vários trabalhos tratam de apresentar esta disputa e principalmente a configuração do projeto reducional a partir de espaços simbólicos indígenas. Para saber mais sobre tais questões ver: Barcelos (2006); Baptista (2007); De Masy (1992); Levinton (2008); Maeder & Bolsi (1983); Nofri (2009); Susnik (1983); Wilde (1999).

¹³ Problemas de origem étnica cultural é um termo que será aplicado nesse estudo para caracterizar uma realidade que foi muito presente no chamado “mundo infiel”, isto é, o confronto entre determinados grupos indígenas. Com a formação das reduções esses confrontos vão ser menos comuns, contudo os seus reflexos serão sentidos no espaço missional sob várias maneiras. Para um entendimento mais consistente sobre o referido assunto ver: Carlos Paz (2011); Santos & Baptista (2007); Kern (1994); Rissotto & Gonzales (1990); Gambini (1988); Becker & Cebey (1978).

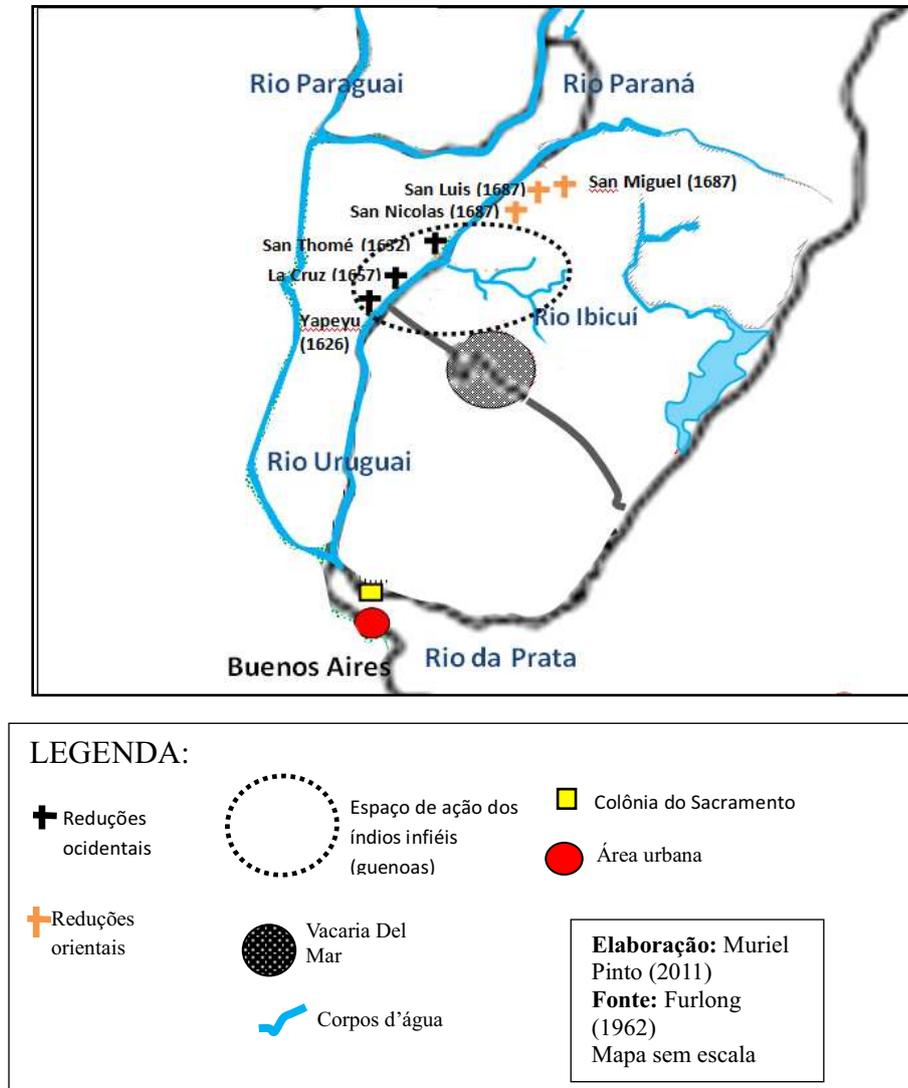
determinadas fundações de redução, contudo podemos nos aproximar daquelas realizações ao constatar a realidade cultural que prevalecia nestes espaços-região antes de tais configurações. Tal técnica é possível quando se compreende a expansão do projeto reducional como uma política do período colonial, ou seja, quando as ações passavam a ser feitas com a finalidade de garantir uma estrutura burocrática e cultural através de valores sociais que os grupos indígenas já mantinham¹⁴.

Neste sentido, o fio condutor deste primeiro capítulo é a análise dos interesses que envolveram a realização da redução de San Francisco de Borja, procurando diminuir a distância que separa a matriz cultural dos atores envolvidos no processo de ocupação e suas ações posteriores a isso. Para tanto, recorreremos a dois instrumentos de apoio que permitiram compreender melhor a formação desta redução: as bibliografias e os documentos que registraram fatos ou situações inusitadas sobre a mesma. De imediato a impressão que fica é que a redução de San Francisco de Borja foi fundada para resolver antigos problemas que já estariam atormentando a evolução do projeto reducional como um todo.

A saída encontrada para garantir a expansão desejada foi remover a base destes problemas para o cotidiano da redução *borjista*, porém, o resultado final dessa experiência foi decisivo para a formação de um povo refratário. Diante disso, chamamos a atenção para a disposição do espaço missionário antes de 1690:

¹⁴No período colonial brasileiro foi muito comum certos grupos indígenas resistirem à esta estrutura colonial ou às representações advindas da mesma, principalmente os de origem religiosa. Sobre algumas destas resistências ver entre outros: Cunha & Castro (1986); Monteiro (1994) principalmente o capítulo IV que trata da disputa que envolveu os colonos e jesuítas perante a utilização da mão-de-obra indígena; Vainfas (1995); Barros (1997); Fausto (2001). No que se refere a resistência dos guaranis na bacia do Prata, ver a interessante análise de Maria Cristina dos Santos: *Os movimentos guarani de resistência à colonização da bacia platina (1537-1660)*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PPGH-PUCRS, 1988.

Figura 01: Representação do espaço missioneiro antes de 1690



A ilustração caracteriza dois momentos distintos de projeto missional: um totalmente consolidado, do lado ocidental do rio Uruguay, por meio das reduções de Yapeyu, La Cruz e Santo Tomé; o outro, do lado oriental, se encontrava num momento incipiente, pois significava a retomada de um progresso interrompido pelos ataques bandeirantes na terceira década do século XVII¹⁵. Passado praticamente cinco décadas, a Companhia de Jesus foi convocada novamente a retornar à margem esquerda do rio Uruguay. Esta reconfiguração veio

¹⁵Estamos nos referindo à interrupção que o projeto missional sofreu por conta das ações promovidas pela bandeira de Raposo Tavares (1638). Tal ação acabou resultando no que os estudos etno-históricos denominaram ser a descaracterização da primeira fase reducional (1610-1640). Para um melhor entendimento sobre a interrupção da primeira fase ver: Furlong (1962a); Mélia (1978); Kern (1982); Maeder & Bolsi (1983); Araujo (1986); Maeder (1989); Hernández (1992); Avellaneda (1999); Barcelos (2000); Quevedo (2001); Galvez (2006).

acontecer no ano de 1687, com o retorno das reduções de San Nicolás e San Miguel¹⁶, mais o acréscimo da redução de San Luís Gonzaga. Começava assim, o que muitos estudos denominaram ser a *segunda fase reducional*¹⁷.

Além destas duas realidades o espaço ainda contava com a presença de índios pampeanos; personagens de uma cultura nômade que costumavam defrontarem-se ao sentido sacro-cristão que o projeto missional expandia. Por conta dessa resistência, acabaram recebendo a caracterização de índios infieis, ou seja, aqueles que não correspondiam aos ensinamentos religiosos que o cotidiano reducional determinava. Dentre esta parcela de índios infieis estavam os Guenoas, que nas palavras de Francisco Jarque se projetavam como sendo:

La nación de los indios llamados guanoás son los gentiles más inmediatos a las reducciones, pobladas sobre el río Uruguay, discurren por las tierras que hay entre el dicho río y las costas del mar del Norte, entre el cabo de Santa Catalina y el Río de la Plata. [...] De estos bárbaros, algunos frecuentan, cuando no lo impiden las crecientes de los ríos, las reducciones del Yapeyú, la Cruz y Santo Tomé, para comprar algunos frutos. Otros roban ganados y aún gente que los guarda, en las heredades pertenecientes a dichas reducciones. Y así por muchos motivos solicitan los padres misioneros su conversión, haciendo repetidas correrías en los meses del año en que sus tierras son capaces de caminar¹⁸.

Tão importante quanto à descrição feita pelo religioso é a importância histórica da observação, pois reflete uma realidade que vem ganhando um espaço significativo no campo historiográfico: a diversidade étnica cultural do chamado espaço missioneiro. Esta conjuntura foi algo tão presente no cenário disposto que acabou envolvendo inúmeras realidades culturais e de vários grupos indígenas. As referências por sua vez, acabaram se *confundindo* quando o sentido particularizado passou a ser maior do que a condição de autonomia e subsistência. Esta análise resume em poucas palavras o que foi a história dos Guenoas e, por conseguinte, a própria história da redução de San Francisco de Borja. Ambas foram utilizadas por certos personagens do período colonial para justificar fatos dúbios ou precariedades que o projeto missional (enquanto segmento administrativo colonial) não dava conta de resolver por conta do *hibrismo cultural* que o mantinha¹⁹.

¹⁶O povo de San Nicolás foi fundado a primeira vez em 1626, já o povo de San Miguel foi alocado inicialmente no ano de 1632, num local chamado Rincão de San Pedro, na margem direita do rio Ybicuí. Para um melhor entendimento sobre estes povos na primeira fase reducional, ver: FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Teorema, 1962.

¹⁷ Para saber mais sobre esta linha de interpretação, ver: Flores (1983); Araújo (1986); Gambini (1988); Hartmann (1969); Hilbert (2001).

¹⁸JARQUE, Francisco. *Las misiones Jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las misiones de la compañía de Jesus en la provincia del Paraguay, Tucumás y Rio de La Plata*. 1ª ed. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 2008, p. 121-122.

¹⁹ O conceito de *hibridismo cultural*, por hora empregado simplifica todas as manifestações culturais, atitudes, expressões, símbolos, mentalidades, práticas e representações que envolveram a redução e seus possíveis

Grandes partes das ações nas quais a redução se envolveu dentro do espaço missioneiro se tornaram referência em vários trabalhos e hoje se complementam nesta análise. As ações empregadas podem ser perfeitamente justificadas quando levamos em consideração a origem das mesmas. Nessa lógica, por mais inusitado que possa aparentar o fato, o mesmo jamais estará em condição de isolamento. No caso de San Borja, essa temática foi representada na prática, pois reproduziu uma política de organização que não visou isoladamente à consolidação de um poder colonial, mas também um avanço geoestratégico que pudesse garantir a solidez necessária para o bloco (Yapeyu, La Cruz, Santo Tomé e San Borja). E foi justamente esse sentido de organização que acabou elevando a redução ao ponto de assumir e manter a condição de *centro conversor das missões* até meados do XVIII.

1.1 OS GUENOAS: DE GRUPO TRIBAL A JESUS MARIA, UMA REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NO ESPAÇO MISSIONEIRO

10 de dezembro de 1683: "Las almas que vinieron conmigo son treinta y dos, de ellas están ya diez bautizados." Com estas palavras o então padre da redução de Santo Thomé, Francisco Garcia, encerrava o relato de uma experiência única – conviver durante vinte e cinco dias com índios Guenoas. Partes dessa experiência foram reveladas em uma correspondência remetida ao padre provincial do Paraguai, Tomás de Baeza²⁰.

Depois de vários sermões e encontros com lideranças indígenas, Garcia se dava por satisfeito com o resultado alcançado, pois reconhecia as dificuldades de tal empreitada. Começava assim uma jornada da qual o padre se acostumaría a realizar em várias outras oportunidades, muitas, aliás, lhe reservariam surpresas perigosas como demonstrar a seguinte passagem:

Em 1693, o Padre Francisco Garcia preparava-se para retornar ao povoado de Jesus Maria com 28 Guenoas convencidos a se integrar à vida reducional, quando, por influências malignas, os nativos se rebelaram quase promovendo a morte do Padre²¹.

A situação exposta simplifica em poucas palavras a temática cultural que envolvia o cotidiano do grupo Guenoa, ou seja: resistir ao sentido de conversão e perceber qualquer ação

personagens. Para saber mais sobre o termo, ver: BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos (coleção Aldus 18), 2003. Ainda sobre a aplicação do termo *hibridismo cultural*, no período colonial, ver: PAIVA, Eduardo F. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

²⁰ *Ib. idem*, p. 121.

²¹ SANTOS, Maria Cristina dos. & BAPTISTA, Jean T. Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII-XVIII). In: *História Unisinos*. 11(2), Maio/Agosto 2007, p. 244-245.

como uma oportunidade para guerrear²². Em outra oportunidade Garcia já havia descrito este grupo da seguinte forma:

Son muy guerreros, a cuya causa tienen muchos enemigos que les obligan a estar siempre con las armas en la mano, y se convocan unos caciques a otros, aunque vivan muy lejos, con los humos o resplandores de las grandes hogueras que encienden cada uno en su territorio, para avisar que hay enemigos en sus tierras, y que es necesario unirse muchos a la defensa²³.

A característica guerreira dos Guenoas foi muito difundida pelos discursos jesuíticos e por consequência desta rotina milicianiana, muitos dos seus inimigos foram conhecidos, entre os quais, os charrúas e os yarós. Sobre a relação de divergência existente entre os guenoas e o primeiro grupo, o pesquisador Diego Braco referiu-se como um estado permanente de guerra, pois os encontros aconteciam com a intenção de exterminar o grupo opositor²⁴. No que se refere à relação guenoa-yaró, a situação não se alterava muito, como podemos perceber pelo discurso de Garcia:

Dilaté declararles el fin principal de mi entrada en sus tierras, esperando que fuesen adonde estaba mi rancho, donde agasajándoles, entraría más en provecho mi razonamiento. Pero como viese que no gustaban de ir conmigo, antes querían que yo me volviese, y ellos ir en busca de los yarós, para vengar las muertes y hostilidades que habían recibido de aquellos sus enemigos²⁵.

A base do conhecimento por parte destes personagens é praticamente a mesma que envolveu qualquer outro grupo indígena do pampa: eram índios nômades, caçadores e altamente belicosos. Costumavam transitar nas margens dos rios e buscavam o fortalecimento interno do grupo a partir das representações simbólicas que envolviam os interesses de parentesco e de ancestralidade²⁶. No entanto, a descrição de infieis amparava-se sob dois sentidos de interpretação: a do jesuíta, que se preocupava em desqualificar a sua cultura a fim

²²Essa condição guerreira não foi uma característica particular dos guenoas, outros grupos indígenas também se utilizaram desta condição e aplicaram-na em outras partes da colônia. Para um conhecimento mais técnico sobre a condição guerreira do indígena, ver: Nofri (2009); Wilde (2003); Fausto (2001); Quevedo (2000); Lopes (1999); Barros (1997); Damiani (1996); Vainfas (1995); Barral (1992); Susnik (1990-1991); Lévi-Straus (1989); Mélia (1988); Clastres (1988); Santos (1988); Becker (1984); Neves (1978); Holanda (1977) Ribeiro (1977).

²³JARQUE, Francisco. *Las misiones Jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las misiones de la compañía de Jesus en la provincia del Paraguay, Tucumás y Rio de La Plata*. 1ª ed. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 2008, p. 121.

²⁴BRACO, Diego. Los errores Charrúa y Guenoa-MInuán. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, nº 41, 2004, p. 126.

²⁵JARQUE, Francisco. *Las misiones Jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las misiones de la compañía de Jesus en la provincia del Paraguay, Tucumás y Rio de La Plata*. 1ª ed. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 2008, p. 126.

²⁶No campo da etnologia essa interpretação adota o termo de *famílias extensas*, ou seja, quando os grupos se estruturam a partir de alianças ou casamentos que assim eram negociados por lideranças indígenas (tanto no campo material quanto espiritual). Para saber mais sobre as *famílias extensas*, ver: Schaden (1974); Susnik (1983).

de afirmar que reprimia as suas ações no cotidiano missional; e a do índio reduzido, que percebia a manutenção das suas origens históricas e culturais através destes grupos.

Com a expansão do projeto reducional o controle passou a ser maior sobre os índios aldeados, contudo, não foi suficiente para extinguir certos hábitos da sua cultural tribal. Um exemplo que sintetiza muito bem o que acabamos de referir foi à relação de identificação que envolveu estes personagens com outros grupos que costumavam transitar nos arredores das chamadas estâncias reducionais²⁷.

As estâncias, naquele contexto também serviram como espaços da representação infiel e mediação indígena, basta ver que práticas e costume como a feitiçaria, o xamanismo, a poligamia, o uso de ervas e bebidas eram registradas com maior volume nessas localidades. Em outras palavras, os caminhos que levavam as estâncias também conduziam à ancestralidade destes indígenas²⁸.

Motivos ou influências não faltavam para que os indígenas aldeados optassem em retomar os velhos costumes do passado. E um dos maiores incentivadores para que isto ocorresse foi sem dúvida o Guenoa. Não saberíamos precisar até que período este grupo agiu no espaço missioneiro, contudo, encontramos uma interessante discussão sobre os mesmos no ano de 1769 como prova a seguinte descrição:

Este Pueblesito de Jesus María nada se ha multiplicado, porque muchos dellos ya se han muerto, y los pocos otros se y von paseando á ver á sus parientes, llevando consigo algunos Guaranis de S. Borja consigo como ya amigos suyos, de suerte que el año de 21 estando yo este Pueblo de S. Borja Compañero del P^o Cura Joseph de Astorga ya no huvo de los Guanoas convertidos del Pueblo Jesus Maria pero los indios Guaranís de S. Borja siempre con este título de Guanoas convertidos, aunque no los huvo mas, han hecho varias pretenciones y suplicas á los Super^s engañandolos varias vezes y enredandolos. Con esta sutrasa salieron varias vezes con sus pretenciones y esto es el origen y causa de tantos dísturbíos. Con este pretexto los Borjistas en varias partes se han espaciados, ocupando varios pedasos de tierras realengas en las vercinas Estancias, en dandoles convenia para robar ganado ageno (grifo do autor)²⁹.

Estas palavras foram proferidas por aquele que foi o único jesuíta a permanecer em

²⁷ A estância é uma unidade de produção pecuária, com predominância da criação de gados vacum, cavalos, ovinos e caprinos. Seus extensos rebanhos eram destinados à manutenção dos Povos guaranis e à exportação, especialmente através do beneficiamento do couro. As sedes de estâncias guaranis eram constituídas de um pequeno núcleo populacional, com ranchos e capelas. Nota de Tau Golin. *A guerra guaraníca: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 328. Sobre questões relacionadas às estâncias e suas possíveis finalidades na região missioneira, ver: Levinton (2005); Djenderedjian (2004); Paniaguá (2003); De Masy (1989); La Salvia (1988); Morner (1986); Flores (1977).

²⁸ É característico encontrar preocupações desse porte nos registros deixados pelos padres Superiores quando das visitas que realizavam nas reduções

²⁹ Correspondência de Segismundo Asperger para o Governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucareli y Úrsua. S. S. Apostolles, 10 de outubro de 1769. A.G.N.A. Sala IX: 18.05.01.

terras americanas após a expulsão da Companhia de Jesus da América Meridional: Segismundo Asperger³⁰. O motivo para sua permanência ainda é duvidosa, contudo, sabe-se que o mesmo estava com uma idade muito avançada na ocasião, assim poderia não suportar uma viagem tão longa e cansativa como a que teria de fazer para retornar à Europa. Nesta condição, o mesmo continuou a residir em S. S. Apóstoles e de lá passou a redigir correspondências contextualizando situações que teria presenciado enquanto missionário³¹. E o caso que acabamos de referir faz parte destas experiências, na realidade foi uma aplicação feita para influenciar na decisão do Governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucareli y Úrsua³², para que este, desse parecer favorável ao Povo de San Nicolás numa disputa de terras que envolvia a redução *borjista*. A localização deste terreno não chegou a ser mencionado, contudo sabe-se que tais terras comportavam uma boa concentração de cabeças de gado. Para embasar ainda mais a sua argumentação o religioso registrou as seguintes linhas:

Pués el año de 27, estando yo Cura en el Pueblo de S. Lorenzo mis feligreses me han avisado de que los Borjistas, se habían metido en la Estancia Grande tras un arroyo en un rincón, sacando de un rodeo Grande el ganado y pillando ô hurtando Vacas etc. yo como ya sabedor de las cosas de los Borjistas, para no cer de ellos enredado, me fue alla âla Estancia hasta 80 leguas tejos el Pueblo y todo â vi con mis ojos. allí los halle, aranchados como infieles segun me lo han dicho a los de mi Pueblo, y haciendo les cargo, nos upieron que responder, dando toda la culpa al Correg^r el qual entonces estubo allí y sabiendo mi venida no quis esperarme escapandose â sus yerbales lejanos. Luego les hise retirar de allí y con esto se acabo el pleito. Avisando yo en in fornando de todo, lo que yo he visto con mis ojos a su P^e Cura, que entonces era el P^e Miguel Gimenez, mui nuevo, y si experiencia en el gobierno de sus Estancia (grifo do autor)³³.

Asperger rememorou fatos com a intenção de garantir ganho de causa ao povo *nicolaísta*, porém suas palavras foram rebatidas por outro personagem da época: Francisco

³⁰ Segismundo Asperger nasceu no dia 20 de outubro de 1687 em Innsbruck – Alemanha. Ingressou na Companhia de Jesus em 1705. Em fevereiro de 1717 desembarcou Buenos Aires, em abril já se encontrava na Província de Cordoba para retomar os estudos de teologia, filosofia e gramática que havia interrompido na Europa, contudo ficou conhecido pelos trabalhos que desenvolveu no campo botânico. Exerceu seus ofícios religiosos nas reduções de Martirés, San Nicolas e Apostolles de onde veio a falecer em 23 de novembro de 1772. Para saber mais sobre o mesmo, consultar: FURLONG, Guillermo. Un médico colonial. Segismundo Aspergi (desde 1687 hasta 1772). In: *Estudios*, 54: 117-148, Buenos Aires, 1936.

³¹ Continuação da Correspondência de Segismundo Asperger para Francisco de Paula Bucareli y Úrsua. S. S. Apostolles, 10 de outubro de 1769.

³² Francisco de Paula Bucareli y Úrsua, nasceu em Sevilha no dia 18/09/1708. Foi governador de Buenos Aires de 1766 a 1770. Foi responsável por executar a ordem de expulsar os jesuítas da América Meridional. Foi Vice-rei de Navarra e faleceu em 1775. Para saber mais sobre o mesmo, ver: Furlong (1962); Doblas (1785).

³³ Continuação da Correspondência de Segismundo Asperger para Francisco de Paula Bucareli y Úrsua. S. S. Apostolles, 10 de outubro de 1769.

Bruno de Zavala³⁴, governador da Província do Uruguai. Este acabou trazendo a seguinte contribuição ao fato:

Señor los de este pueblo de Sⁿ Borja se quexaron q los de Sⁿ Nicolás entraban à su Estancia a donde tienen uno Ganado alsado e q mande no executassen acerca de esto vieron algunos de aquel cabildo de Sⁿ Nicolás con esse papel que le dio a su Administrador el P^o Sigismundo Asperger, el no quise se leyesse y procure que se ajustassen como lo hisieron por escrito³⁵.

Pela declaração de Zavala fica claro que o mesmo estava respondendo uma consulta do Governador de Buenos Aires. Infelizmente não podemos encontrar o documento que deu início a esta discussão, no entanto, por base de casos semelhantes que ocorreram o no ano de 1769, é provável que o referido problema tenha se alastrado além desse breve contexto³⁶. Tais correspondências acabaram representando o mesmo assunto: acusações sobre invasões em estâncias alheias. Porém, a maneira como tais problemas foram representados pelos autores antes citados diferem-se por sua descrição. Asperger procurou chamar a atenção do Governador de Buenos Aires a partir do seguinte raciocínio: que a redução de San Borja e, por conseguinte os *borjistas* eram coisas distintas dos *Guenoas*. Algo praticamente impossível de ser provado ou de ser aceito, pois os Guenoas tiveram sua trajetória junto à redução desde

³⁴ Francisco Bruno de Zavala [ou Zabala] conhecia a região e os índios missioneiros, especialmente os guaranis de Santa Tecla, desde 1749. Ainda no posto de tenente-de-dragões, foi encarregado por Andonaegui de investigar as denúncias do Superior das Missões, padre Bernardo Nusdorffer, de que os luso-brasileiros preparavam-se para povoar as cabeceiras do rio Negro. Nota de Tau Golin (1999, p. 212).

³⁵Correspondência de Francisco Bruno de Zavala para o Governador de Buenos Aires Francisco de Paula Bucareli y Ursúa, do povo de San Borja no dia 26/11/1769. A.G.N.A. Sala IX: 18-05-1.

³⁶Caso semelhante envolveu a redução de La Cruz. A mesma acabou participando de duas disputas territoriais para confirmar supostos limites. Num primeiro momento disputou com a redução e Santo Tomé um monte chamado Mangarati. Neste caso, a redução de La Cruz acabou saindo vitoriosa, e ficou registrado por Francisco Bruno de Zavala no dia 26/11/1769 em correspondência remetida para Francisco Bucarelli y Ursúa. A.G.N.A. Sala IX: 18.5.1.

O segundo caso foi algo muito mais técnico e envolveu uma disputa de terra que mantinha 8.000 cabeças de gado com a redução de Yapeyu. Aquela na oportunidade alegava possuir um título que teria sido dado por um suposto Padre da Companhia [sic], porém a alegação de La Cruz foi incisiva e prática, como prova as palavras do próprio Zavala: “*Los de La Cruz alegan la posesión de mas de quarenta años, y tienen un papel de una cesión q les hizieron los yapeyuanos en precencia de varios Padres, este no es papel autentico sino una contradición que condice con la antigua Possession. Los de Yapeyu con la noticia ò idea de que ja sido suyo de año y medio à esta parte fueron a notificar à los de La Cruz q se lo despoblassen que la necesitaban para poner las vacas que passaban el Ibicui para tener para las ventas de los otros Pueblos, y esto lo requirieron en nombre de el Rey por que su Correg^{or} escrivio desde B^sAyres por lo que emperaron à sacar el Ganado q allo tenían los de La Cruz, y los Yapeyuanos à passar Ganado, y poner puestos en lo que concideraban raya de lo q se seguian diferencias esto es en sustancia las razones de unos y otros el dicho terreno le haze mucha falta a La Cruz porq sin el que ha muy reducido, Yapeyu dexando el terreno q tantos años ha poseido los de La Cruz le queda aun territorio en frente de su Pueblo para passar las vacas q venda à los otros Pueblos y pueden esta en la rinconada q haze el Ibicui con el Uruguay e tien passo en el uruguai para esta banda assi les he dicho que no tienen razon y que los de La Cruz tienen un possession muy antigua, y ellos con mucha resignación se han suletado [...]”*. Trechos de uma correspondência de Francisco Bruno de Zavala da redução de Yapeyu em 07/02/1758, para Francisco de Paula Bucareli y Ursúa. A.G.N.A. Sala IX: 18.5.1. Contudo as discussões não se encerraram nesta correspondência, o fato repercutiu muitas discussões e acabou misturando vários personagens e organizações da época, dentre os quais: Gregorio de Soto [sic!]; e os referidos cabildos das duas reduções.

a fundação desta. Além disto, tanto os *borjistas* quanto os *Guenoas* partilhavam dos mesmos espaços de atividade (estâncias, povos ocidentais, rio Uruguai, etc.).

Já a abordagem de Zavala, apresentou uma versão diferente do religioso. O governador da Província do Uruguai ao contrário do jesuíta descreveu que os *borjistas* teriam lhe reclamado de invasões *nicolaístas* às suas estâncias. O que também não significa que o mesmo estivesse relatando a verdade. Contudo as últimas frases do jesuíta levam a crer que o caso foi tratado para satisfazer interesses pessoais e garantir uma “vitória particular”:

Es cierto que su Excel^a El S^r Gover^r pasado Dⁿ Pedro [Cevallos] Estando alli, les mostro su corazon mui piedoso; dandoles varias vezes unas tropillas de Vacas para su comida, y antes de partirse de su pueblo les dió 6300, cabezas de ganado (grifo do autor)³⁷.

Pelo conteúdo do problema fica claro que o religioso se ocupou da situação para confortar uma mágoa antiga, subentende-se que o mesmo ainda sentia certo desconforto perante os índios *borjistas*. Para Asperger, os *borjistas* não poderiam ter recebido a doação de 6.300 cabeças de gado no ano de 1727, pois estes costumavam se utilizar da condição dos *Guenoas* para infringir sobre as estâncias alheias, no caso descrito, na estância alheia (a de San Lorenzo). Diante de tal panorama, acreditamos que o jesuíta não deve ter conduzido o caso de 1769 com a sensatez que merecia o caso, e por conta disso passou a rememorar fatos de tal teor com a finalidade de garantir o sucesso que para ele seria o mais justo, ou seja, que o impasse sobre a posse de terra fosse dado à redução de San Nicolás.

Por situações como esta a qual foram envolvidos os *Guenoas*, o pesquisador Moacyr Matheus Sempé, fez o seguinte alerta: “os estudos que vimos realizando com relação ao Povo de Jesus Maria dos *Guenoas* estão, ainda, muito longe de serem satisfatórios. A documentação é escassa e muito pouco esclarecedora, quando não controvertida”³⁸. O caso que de Asperguer e Francisco Zavala expõe muito bem esta constatação, pois demonstra que existiram duas versões para um fato que com certeza houve interesses de ambas as partes e como tais deveriam ser ganhas no argumento e no convencimento de quem iria decidir o impasse, no caso o Governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucarelli y Úrsua.

Num estudo recente, Maria Cristina dos Santos e Jean Baptista acabaram chamando atenção para o caso da *diversidade reducional*, isto é, quando determinadas reduções

³⁷ Palavras que direcionaram o encerramento da correspondência de Segismundo Asperger para Francisco de Paula Bucareli y Úrsua. S. S. Apostolles, 10 de outubro de 1769.

³⁸SEMPÉ, Moacyr Matheus. O oitavo povo das missões orientais do Uruguai. *A população missioneira*. IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Anais. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1981, p. 190.

concentraram nos seus espaços missionais o índio guarani e outros grupos indígenas³⁹. Trabalhos como o de Branislava Susnik (1983) e de Ítala Becker (1984), também já haviam constatado a possibilidade desta unificação cultural, porém, fizeram breves comentários no sentido de caracterizar a sobredita relação como algo intrínseco e que fazia parte da essência do próprio indígena, ou seja, não trataram o problema como um fato possível dentro do projeto reducional. Tal entendimento vem sendo retomado novamente, o que não significa uma revisão etno-histórica, mas sim uma assimilação das interpretações pioneiras com a intenção de demonstrar que a mesma fez parte da história de San Borja e assim se manteve por muitos anos, ao ponto de ser lembrada e colocada sob discussão no ano de 1769.

Se fizermos um balanço rápido nas produções atuais, observaremos que certos assuntos continuam a chamar atenção por conta das lacunas que cercam as suas aplicações. Estes são os casos que envolvem as fugas de indígenas das reduções, a disputa terrena e simbólica entre jesuíta e feiticeiro, as festas, as liturgias, etc. Dessa forma, as explicações continuam sendo aquelas que caracterizam a essência tribal deste indígena que supostamente o espaço reducional acabou “encampando” para o seu convívio, ou como se referiu Wilde:

A nivel más general, este proceso implicaba la aceptación indígena de posiciones cada vez más fijas y subordinadas en la estructura en virtud de la delegación que hacían a las instituciones coloniales de un poder que antes residía en la sociedad indígena⁴⁰.

Apesar das várias incertezas que sustentam a história dos Guenoas, podemos afirmar que a influência deste grupo foi muito presente nas reduções ocidentais e, possivelmente, teria se expandido até os povos orientais caso não fosse idealizada a fundação de San Francisco de Borja. Talvez, por conta disto, os religiosos procuraram a todo custo à conversão deste grupo na chamada redução de Jesus Maria dos Guenoas. No entanto, a tentativa de redução não durou muito tempo, apesar de algumas referências terem persistido no espaço missioneiro, como provou a descrição de Asperger.

Para o historiador Jean Baptista, a experiência de Jesus Maria dos Guenoas acabou resultando na formação de um bairro da antiga redução *borjista* e as primeiras notícias dessa experiência passaram a ser percebidas no ano de 1690⁴¹, situação totalmente apropriada se

³⁹Houveram outros exemplos desta experiência, dentre estes o da antiga redução de Yapeyu. Neste caso ver: Levinton (2009); Baptista (2006); Braco (2004).

⁴⁰WILDE, Guillermo. Prestígio indígena y nobleza peninsular. La invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay. In: *Jahrbuch für eschichte Lateinamerikas*, nº 43, 2006, p. 137.

⁴¹BAPTISTA, Jean. A invisibilidade étnica nos registros coloniais. Missões Guaranis ou Missões Indígenas? In: *Povos indígenas*. Coordenação Geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretores do volume Arno A. Kern, M. Cristina dos Santos, Tau Golin. Passo Fundo: Méritos, 2009. v. 5 – (Coleção História do Rio Grande do Sul), p. 211.

levarmos em consideração a sobredita data e sua relação com a fundação de San Francisco de Borja⁴².

Como se percebe, a história sobre os Guenoas está dividida em pequenos fragmentos documentais e em tempos históricos distantes. Por outro lado, é importante ressaltar que algumas referências se mantiveram intactas a partir de dois tempos cronológicos: a que antecedeu o projeto reducional e a que estipulou o prazo final da sua realização, pós – 1768. Resta agora descobrir as suas influências nos anos que separam estes dois marcos temporais, pois talvez possam estar nestes intervalos a maior parte das respostas que continuam encobertas entre a história do indígena e a história que o religioso produziu para caracterizá-lo dentro de um contexto colonial.

Naturalmente, os indígenas bem notavam as diferenças entre as propostas missionais e suas organizações anteriores. No entanto, ao se depararem com as situações contextuais, eles não deixaram de redimensionar suas organizações nos novos espaços oferecidos pelo mundo colonial⁴³.

Os Guenoas enquanto grupo indígena do pampa ou Jesus Maria dos Guenoas enquanto tentativa de unificação (possivelmente redução) são provas suficientes das incertezas que amparam este vasto e profícuo campo de pesquisa. Em alguns momentos o contexto que envolve esses personagens se confunde com a história de algumas reduções e isto certamente motivou conflitos entre duas realidades aparentemente distintas: o do “mundo convertido” e do “mundo infiel”. Em outras palavras os documentos provam que o ser indígena persistiu

⁴²Esta condição se faz representar através da seguinte passagem: San Francisco de Borja, en la margen oriental del Uruguay, río en médio de Santo Tomé, fundada año 1690, en 28 grados 48 minutos de latitud y 322 y 16 minutos de longitud, con 650 familias, que hacen 3.541 almas. In: PASTELLS, Pablo. História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil). Tomos I a VIII. Madri: Libreria General de Vistoriano de Preciados, 1912, p. 783. Ainda sobre a fundação de San Borja em 1690, o pesquisador Ernesto Maeder (1989, p. 60), fez a seguinte explicação: “Cuando a fines del siglo XVII se funden nuevos pueblos en Rio Grande, será precisamente con el excedente de estas populosas reducciones: S. Luis será poblada en 1687 con indios de Concepción; S. Francisco de Borja y S. Lorenzo, con gente venida de S. Tomé y de S. Maria a la Mayor en 1690”. Não queremos com estas passagens descaracterizar a observação que foi feita pelos estudiosos locais do atual município de São Borja, que outrora chegaram a afirmá-la como a primeira redução dos Sete Povos, se utilizando para esta condição a data de 1682. Estes por exemplo foram os casos de Aparício Silva Rillo (1982), Cláudio Oraindi Rodrigues (1982) e Francisco Odonell (1982). Os mesmos, aliás, devem ter acompanhado a observação feita por Aurélio Porto, pois certamente foi o primeiro pesquisador a estipular este marco. No entanto tal informação comprova que o mesmo agiu de maneira proposital para confirmar algumas situações do seu interesse pessoal. Pois muito antes de existir a sua consagrada obra *História das Missões do Uruguay*, já existiam observações que provavam justamente a data de 1690. Estes foram os casos de Félix Azara (1798), Gonzalo Doblás (1836), Avé-Lallemant (1858), Cônego João Pedro Gay (1861), Alexandre Bague (1874), Hemetério Velloso da Silveira (1909). Todos de alguma maneira fizeram questão de referir que a redução foi fundada no ano de 1690. Por saber da condição que Aurélio Porto ocupava na época, coordenador do IHGB, só nos resta a seguinte conclusão: o mesmo desconsiderou tais produções. Os motivos que o levaram a fazer isto ainda são desconhecidos, contudo não resta maiores explicações à não ser esta, ao menos que o mesmo tenha desconsiderado tais obras.

⁴³ BAPTISTA, Jean. O Temporal: sociedades e espaços missionais. *Dossiê Missões: volume I*. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009, p. 23.

para demonstrar que tais “mundos” poderiam ter funcionado em perfeita harmonia. A possibilidade da alternância existe, cabe agora, sabermos onde a mesma se manifestou. Pois de nada basta reconhecermos o sentido de harmonia sem antes imaginarmos o inverso, ou seja, sendo desenvolvida por aquele que segundo consta foi inserido no espaço reducional, no caso: o “índio infiel”.

1.2 PASSOS, CAPELAS E CAMINHOS: O PROCESSO DA IDENTIFICAÇÃO E AS CONDIÇÕES DA ACESSIBILIDADE

Como o próprio título do capítulo denota o espaço missioneiro não se resumiu às ações praticadas pelos grupos indígenas. Para responder ao avanço deste segmento foi incentivada a expansão reducional, ou melhor, a composição de um projeto empreendedor. Para isso, como afirmamos anteriormente, foram implementados dois segmentos de projetos reducionais: o da margem ocidental do rio Uruguai, representado pelos povos de Yapeyu, La Cruz e Santo Thomé; e o da margem oriental, que retomavam quando uma expansão interrompida por praticamente quatro décadas. Apesar destes avanços faltava ainda a realização de um posto que diminuísse a distância que separava ambas as projeções. E foi diante disso que se fundou a redução de San Francisco de Borja.

Geograficamente a redução foi alocada na margem esquerda do rio Uruguai, contudo, as suas ações raramente corresponderam a esta composição. Enquanto estabelecimento reducional, o povo manteve um relacionamento muito próximo dos povos ocidentais e isto fez com que se afastasse dos assuntos de interesse dos povos orientais. A explicação para este fenômeno encontra-se nas funções assumidas no seu processo de fundação.

Num primeiro plano, a redução foi alocada com a finalidade de controlar as movimentações praticadas pelos grupos indígenas – principalmente os Guenoas – pois estes costumavam transitar entre as estâncias de gado e as chamadas reduções ocidentais. Com o passar dos anos essa prática acabou repercutindo um novo sentido para a redução, passando de centro controlador a um centro de amparo a vários grupos indígenas, que não somente os Guenoas, mas sim a todos os grupos considerados infiéis e com características pampeanas⁴⁴. E isso fortaleceu os laços culturais entre e a redução e os demais povos ocidentais, que partilhavam destas presenças rotineiras. Com a diminuição destes avanços o intercâmbio

⁴⁴São vários os trabalhos que apresentam a redução como acolhedora de vários grupos indígenas que não somente os guenoas, mas também charruas, minuanos, yarós. Para saber mais sobre esta condição ver: Baptista (2006), Becker; Cebey (1978), Braco (2004b), Furlong (1962a), Levinton (2009), Maeder; Bolsi (1983), Martini (1999), Nofri (2009), Pérez (1993), Rabuske (1978), Santos; Baptista (2007) e Wilde (2009).

passou a existir entre estas reduções, até se confirmar num grande bloco de apoio⁴⁵.

As repercussões, no entanto, foram sentidas nos povos da margem direita do rio Uruguai, quando estes passaram a compreender tal composição como uma ação de desprendimento por parte de San Borja. Acompanhando a linha de raciocínio do pesquisador Tau Golin, essa situação pode ter ocorrido por circunstância da região ser uma construção histórica, o que pode ter despertado uma idêntica polêmica na qual o consenso não foi alcançado⁴⁶. Este entendimento, sendo reportado para o espaço/região ao qual foi alocada a redução *borjista* (banda oriental), justificou-se, pois a mesma contrariou as ambições dos seus “irmãos geográficos” com o intuito de fortalecer as políticas de interesse da sua essência cultural, ou seja, da banda ocidental do rio Uruguai.

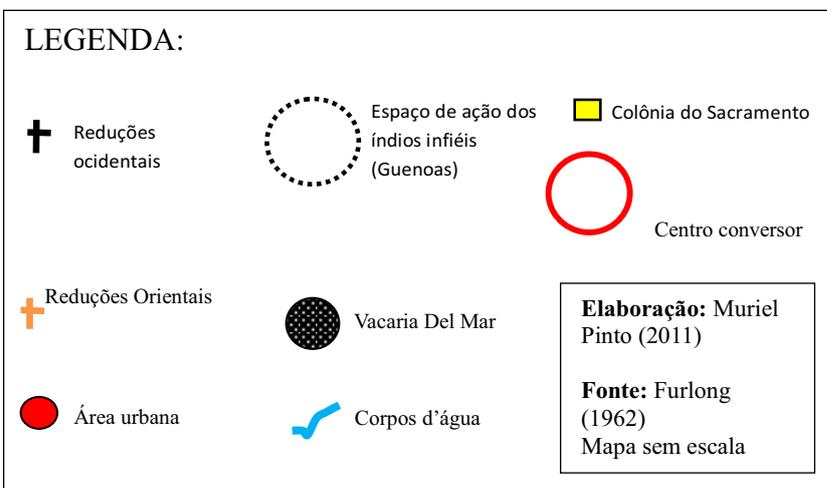
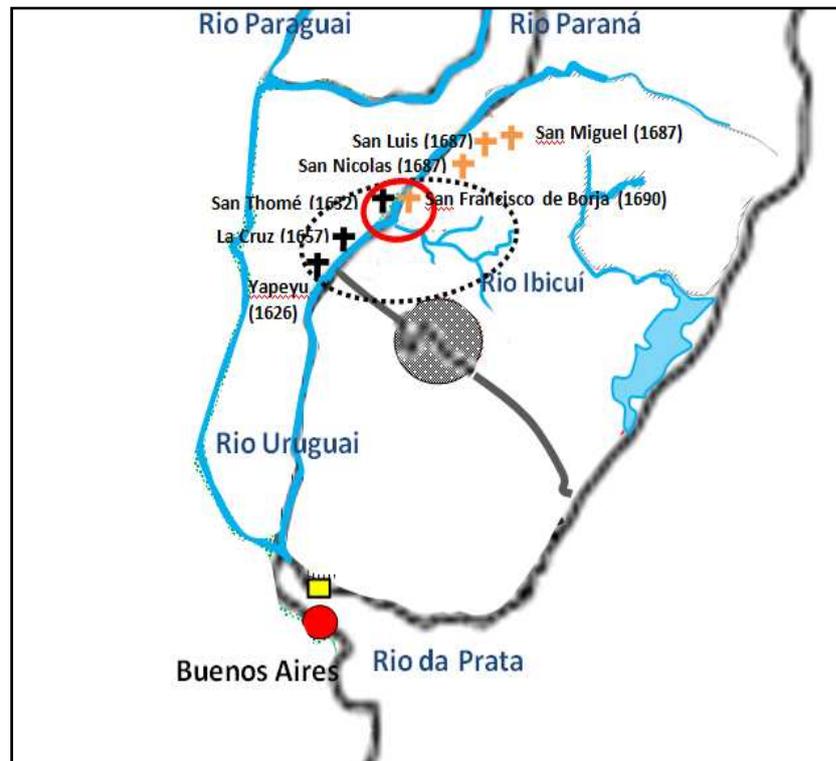
A combinação desta realidade se deu por dois meios: pela aproximação cultural (já que a redução foi fundada a partir de uma divisão feita na redução de Santo Thomé); e também pelo livre acesso às representações extra-reducionais que as reduções ocidentais mantinham em constante convívio, dentre estas, as estâncias de gado, os passos e as capelas. Por esse motivo as escolhas das alocações reducionais dependiam de um estudo aprofundado em torno do espaço, da região e das representações locais, tanto no sentido reducional, quanto na parte que envolvia o universo cultural do indígena. Um erro, em qualquer uma dessas situações, poderia repercutir em problemas capitais para a própria continuidade administrativa, não só de uma determinada redução, como também do próprio projeto da Companhia de Jesus. Por conta disso, Barcelos (2000:125) contextualiza que a localização foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento das Reduções. O mesmo ainda complementa que desde as primeiras instruções e recomendações percebe-se a importância destinada a determinadas características que o local do futuro deveria possuir.

San Borja, por sua vez, passou a se dedicar de forma integral aos assuntos de interesse dos povos ocidentais e assimilou dos mesmos uma política que acabou colocando em prática no espaço geográfico que disponibilizava. Isto lhe firmou a condição de *centro conversor*, como demonstra a representação do mapa abaixo:

⁴⁵Não saberíamos precisar até quando este bloco de apoio foi mantido, mas pela série de documentos que analisamos podemos afirmar que a relação entre os mesmos se desgastou assim que certas localidades passaram pelo reconhecimento de limites no ano de 1769.

⁴⁶GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 52

Figura 02: Representação do espaço missioneiro a partir da fundação de San Francisco de Borja



A descrição de centro conversor serve para registrar as ações na qual foi envolvida a redução de San Borja, no que diz à complexidade cultural que envolvia tal espaço. Sobre a condição de espaço acompanhamos a interpretação proferida por Michel de Certeau quando afirmou que:

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade

polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. Em suma, *o espaço é um lugar praticado* (grifo do autor)⁴⁷.

Neste caso, a maioria das situações não representa a característica isolada do povo, mas sim a do próprio espaço ao qual costumou conviver. Habitados às ações refratárias, os índios *borjistas* passaram a executá-las na prática, ou seja, assimilaram um contexto cultural que já existia antes mesmo da sua alocação.

A necessidade de aproximar culturalmente a redução dos povos ocidentais incentivou a busca por novos espaços que pudessem promover essa integração e isto aumentou o fluxo de locomoção entre os indígenas dessas reduções favorecendo a criação de novos passos – pontos intermediários que possibilitavam a transposição de uma margem à outra dos rios. No tocante à relação estabelecida entre San Borja e Santo Thomé, uma observação merece destaque:

Sobre el Río Uruguay se destacaban los “pasos” San Isidro y San Lucas. Ambos permitían la comunicación con las misiones orientales, desde la reducción de Concepción el primero y desde Apóstoles el segundo. El siguiente “paso” de relevancia era el que comunicaba Santo Tomé con la reducción de San Borja. Río abajo existían otros pasos frente a las reducciones de La Cruz y Yapeyú, los que llevaban directamente a las vaquerías y a los yerbales y a estancias misioneras ubicadas en las misiones orientales⁴⁸.

A finalidade técnica dos passos era facilitar o acesso aos locais estratégicos do projeto reducional, no entanto, a simbologia dos mesmos foi muito mais significativa do que os interesses estratégicos. Se existia a possibilidade de chegar até o outro lado do rio, é porque havia convivência do lado que esperava, ou seja, era uma relação de mão-dupla.

Os passos também eram utilizados para facilitar as funções comerciais da época, como aponta uma documentação analisada pelo pesquisador Artur Barcelos:

En los tratos de hacienda que celebran unos pueblos con otros se este al entable antiguo en el conducir, es a saber que los Pueblos de la otra banda del Uruguay la pongan en el paso de la Concepción y los Pueblos desta banda que pongan en el mismo lugar la paga y para los quatro Pueblos del Yapeyu, Cruz, S. Borja y S. Thome la pongan en la otra banda del Piratini. [...] Para evitar los graves inconvenientes que se siguen de que multitud de Indios de otros pueblos venga a este de la Cand.^a [Candelária] y a sus chacras con ocasion de pasar bacas, se

⁴⁷CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 202.

⁴⁸SNIHUR, Esteban. *El universo Misionero Guaraní*. Buenos Aires: Sudamerica Joven Ensayo, 2007, p. 114-115.

encargara dho Pueblo de posarlas dandole la quarta parte como se estila. [...] Por el passo Ytaqui de la Cruz passaran las tropas de Bacas de S. Joseph de S. Carlos e Ytapua por el yaguaraiti de S. Thome. Las de los Martires Cand.^a y S. Cosme por el aguapey de la Concep.ⁿ las de S. Anna Loreto y S. Ygn.^o mini por el arecutai de los Apostoles las del Corpus, Trin.^d y del Jesus si vaquearen⁴⁹.

Por essa análise, fica subentendido que o bloco foi projetado com a finalidade de garantir a auto-subsistência dos mesmos. Essa situação também contribuiu para o fortalecimento cultural e étnico destes povos. Do fortalecimento cultural e étnico foram projetadas as identificações de pertença o que conseqüentemente deu sentido a construção das capelas. Estas, por sua vez, serviram basicamente a duas funções: como uma representação sagrada⁵⁰, ou como um posto de parada para aqueles que tinham de executar tarefas em regiões distantes da sua estrutura reducional de origem. No sentido da coletividade ostentavam um papel ainda maior:

Se entendermos tal característica aos demais povoados, pode-se inferir que a função coletiva de cada uma das capelas centrais fosse de suma importância à geração de uma história e uma identidade específica dos povoados missionais, comprovando explicitamente que a área central serve para unir simbolicamente os moradores dos povoados, não para subjugar-los⁵¹.

Não por acaso, no espaço que compreendia o raio geográfico entre a redução de Yapeyu e San Borja, foram estabelecidas aproximadamente 20 capelas⁵². Esse número é uma prova concreta da integração daqueles povos e elucida parte da indiferença que existiu entre a redução de San Borja e os demais povos da banda oriental do rio Uruguai.

⁴⁹BARCELOS, Artur. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. Tese de doutoramento, PUCRS, Porto Alegre, 2006, p. 437.

⁵⁰Esta condição pode ser perfeitamente empregada tanto para o jesuíta quanto para o indígena, este último porque que via nestas representações a sua permanência cultural, haja vista que, as mesmas se localizavam fora do espaço urbano propriamente dito da redução e se expandiam para o espaço rural.

⁵¹BAPTISTA, Jean T. Igreja, capelas e Opy: as áreas de reza das lideranças missionais. In: *XXIV Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, 2007, p. 06.

⁵²A constatação foi feita a partir de dois pontos básicos de análise: algumas documentações que encontramos e que serão apresentadas na sequência deste trabalho e dos estudos feitos por Guillermo Furlong (1962); Artur Barcelos (2006); Baptista (2007b). No que se refere a antiga redução de San Borja já se sabe que a mesma tinha ligação com as capelas de San Ignacio, San Lucas, San Antonio, San José, San Javier, San Martín, San Pedro, San Marcos entre outras. Já o povo de Santo Thomé tinha acesso as capelas de San Estanislao, San José de Caazapá, Los Santos Mártires, San Lorenzo, Ntra. Sra. De la Concepción, San Isidro del Boyrucay e Coay Guazú. Todas no entanto se encontravam localizadas em pontos estratégicos mantendo uma uniformidade de direção, que para este caso seria o raio composto entre San Borja e Yapeyu.

No entanto, não concordamos com a explicação dada à distância da redução de seus ervais. Acreditamos que os mesmos foram abandonados por causa da inconstância que possuíam os índios da redução. A justificativa dessa interpretação se ampara no *memorial*⁵⁵ deixado por Bernardo Nusdorffer para o povo de San Nicolás, redigido no ano de 1747:

Cuando llegaren del Ierbal los iervateros del pueblo se averigüe lo que han hecho los Cruceños y se informara de todo al P^e Superior a cuyo juicios y determinación se deben sugetar tidos y para ocurrir en adelante a los daños que pueden ocasionarse en herbales de este pueblo, **si depondra q en (quando no van los del mismo pueblo a hacer yerba) que vayan en todo caso quatro ô tres indios del pueblo a su tiempo para ver adonde trabaxan y como lo hacen los Cruceños Borjistas, ô quales qui en a otros que se aprovechan de los yerbales de estos pueblos por del Uruguay cercer os al yerbal de Sⁿ Nicolas (grifo nosso)**⁵⁶.

O fato de San Borja não ter conservado seus ervais favoreceu de forma vertiginosa a seqüência de episódios refratários, nos quais se envolveram os índios *borjistas*. A notícia de saída destes personagens da redução para os campos ervateiros sempre pôs em alerta os representantes da Companhia de Jesus. O próprio representante da redução José Cardiel⁵⁷ chegou a referir-se em correspondência ao comandante do destacamento de San Luís para que o mesmo ficasse atento, pois estavam a caminho dos territórios sob seu comando 30 indígenas *borjistas* e *thomistas* para *hacer yerba*⁵⁸.

Casos como o que acabamos de descrever foram mais comuns do que se possa imaginar. Em outro memorial, redigido para o povo de San Lorenzo, Bernardo Nusdorffer determinou a seguinte ordem:

El ejercicio de las armas los Domingos se hara sin falta y con todo empeño para que los indios se habiliten en el uso de las bocas de fuego, y en las flechas para defender sus estancias, mugeres e hijos: no buelba a suceder lo que ha sucedido poco ha en la

Thome. Por irironia do destino não consta nada que lembre San Borja ou seus possíveis ervais. O mesmo faz parte do acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil e pode ser consultado livremente a partir do seguinte endereço eletrônico: <http://bndigital.bn.br>

⁵⁵Os memoriais eram os registros deixados pelos Padres Superiores das Missões quando finalizavam as suas visitas às mesmas. Serviam para determinar regras e obrigações que a princípio deveriam ser colocadas em prática nos povoados. A análise destes registros é algo imprescindível para este campo de pesquisa pois possibilita uma análise técnica sobre a parte cultural, social e administrativa que envolvia as reduções na época das descrições. Apresentaremos outros memoriais na seqüência do trabalho.

⁵⁶Adição ao memorial que foi feito e estabelecido para a redução de San Nicolás no dia 18/02/1747. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

⁵⁷Para saber mais sobre José Cardiel e os procedimentos aplicados principalmente no ano de 1747 ver: FURLONG, Guillermo. *José Cardiel, S. J. Y su carta-relación (1747)*. Librería del Plata, Buenos Aires, 1953; MARTINI, Mônica P. Un Plan de evangelización tardío: las colonias de indios guaraníes proyectadas por José Cardiel (1747). *Anales de las VII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas*, IIGH, Resistencia, 1999.

⁵⁸Correspondência de José Cardiel, remetida do povo de San Borja no dia 09/01/1758. Não podemos descobrir o nome do Comandante do Destacamento de San Luís por conta da redução se encontrar deteriorada. A.G.N.A Sala IX: 6.10.3.

estancia de este pueblo con los vagabundos⁵⁹.

Os “vagabundos” aqui lembrados pelo religioso, até onde foi possível constatar, eram uma referência indireta aos índios *borjistas/Guenoas*, pois dias antes da sua visita estes haviam praticado uma *vaqueada*⁶⁰ na estância lorenzista⁶¹. Como se percebe, a saída dos *borjistas* gerava expectativa em várias localidades, ou, como referiu Nusdorffer, despertava o instinto de *malocar de los borjistas*⁶².

Outro fato que motivou a diferenciação cultural dos índios de San Borja das demais reduções orientais foi a não utilização do porto do rio Piratini. O mesmo era para os povos orientais um local de unificação cultural. Surtia efeito semelhante aos acessos que a redução possuía diante dos povos do bloco. San Borja, até por uma condição de logística, ocupava os acessos disponibilizados no rio Uruguai.

Na documentação há pouca informação sobre os portos missioneiros. Entretanto, sabe-se que havia um porto sobre o rio Piratini que era utilizado pelos povos de cima da Banda Oriental, São Miguel, São Luís, São Lourenço, São João, Santo Ângelo e São Nicolau. São Borja utilizava embarcadouros às margens do rio Uruguai⁶³.

No raio geográfico que compreendia o bloco, as possibilidades de encontro eram inúmeras. No entanto, não devem ter ocorrido de forma regular, como nas antigas reduções orientais. O ato de concentrar as mercadorias no porto do rio Piratini, certamente favoreceu um sentido de reciprocidade entre aquelas reduções. Vale recordar que o suposto porto do rio Piratini, a princípio, foi identificado pelo padre Francisco Jaeger, no ano de 1959⁶⁴. Porém, essa observação não assume uma condição de destaque no nosso trabalho pela constatação feita, mas sim pelo que representa a sua existência diante da conturbada relação que existiu entre San Borja e os demais povos orientais. Ainda que seja necessário comprovar sua existência por via arqueológica/documental, este porto se projeta como o símbolo da unidade que cerca os povos orientais e, conseqüentemente, o descrédito por parte de San Borja. Contudo, a base deste descrédito pode estar na década de implantação da antiga redução, pois:

⁵⁹Esta passagem compõe parte do *memorial do povo de San Lorenzo*, deixado por Bernardo Nusdorffer no dia 26/01/1747. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

⁶⁰Vaqueada naquele tempo tinha o significado de saque de gados.

⁶¹Lorenzista esta sendo utilizada para caracterizar do povo de San Lorenzo.

⁶²Este emprego foi muito utilizado pelo religioso para se referir as ações dos índios *borjistas* e foi constantemente difundido nas demais reduções orientais do rio Uruguai. Condição que suspeitamos ter sido feita intencionalmente para evitar uma possível aproximação entre estas duas realidades.

⁶³BARCELOS, Artur. *Espaço & arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 303.

⁶⁴Para este caso ver: JAEGER, Luis G. A cata dos tesouros jesuíticos. In: *Revista Pesquisas*, nº 3. Porto Alegre, Inst. Anchietano de Pesquisa, 1959, p. 16.

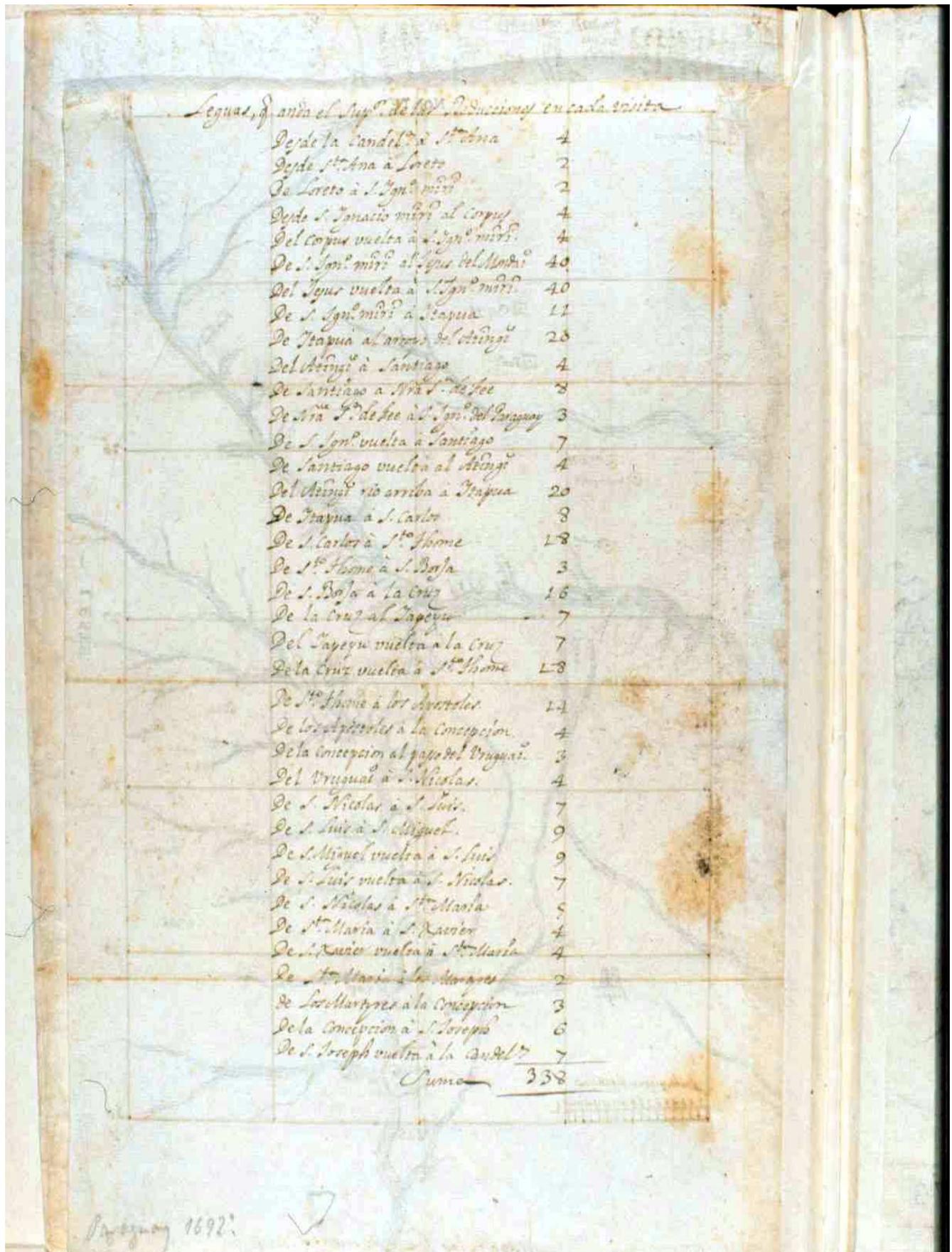
A década de noventa foi marcada por conflitos pontuais entre as reduções. O Provincial Ignácio de Frias se viu obrigado a redigir uma longa carta, onde expunha sua discordância com o fato de que muitos missionários expressavam em suas correspondências as queixas e críticas aos seus colegas de outras reduções⁶⁵.

Essa interpretação reflete todas as observações que fizemos até aqui e estabelece um novo sentido para a questão do afastamento da antiga redução de San Borja frente aos demais povos orientais. Fica claro que tal afastamento não foi provocado por um distanciamento geográfico, como alguns estudos chegaram a afirmar⁶⁶, mas sim por afinidades culturais ou de acesso aos mesmos lugares simbólicos. Por conta de certas informações, as reduções orientais acabaram assimilando a idéia de diferença do povo de San Borja. A explicação para este efeito encontrava-se na maneira como certos padres da época se dirigiam à redução. As descrições variavam conforme os interesses dispostos e eram registrados de várias maneiras, desde a publicação de um memorial, até um simples registro de léguas, como representa o seguinte mapa:

⁶⁵BARCELOS, Artur. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. Tese de doutoramento, PUCRS, Porto Alegre, 2006, p. 448.

⁶⁶Estes foram os casos de Carlos Teschauer (2002) e Hemetério José Velloso da Silveira (1909).

Figura 05: Mapa de las Reducciones con i fiumi Paraguay, Paraná y Uruguay (verso)



Ambas imagens fazem parte do mesmo mapa (frente e verso)⁶⁷ e é muito provável que tenha sido feito para a visita de um padre Superior na região missioneira. As descrições contidas são as demarcações em léguas de uma redução à outra. E é justamente este registro simbólico que interessa à nossa pesquisa, pois indicam como as interpretações eram formuladas para projetar San Borja às demais reduções orientais.

Neste mapa, ficaram registradas 37 demarcações, no entanto, nenhuma fez referência à distância que separava, em léguas, a redução de San Borja dos demais povos orientais. A palavra San Borja, neste caso, foi lembrada em duas oportunidades e serviu justamente para demarcar a sua distância referente aos povos de Santo Thomé e La Cruz. Ou seja, era a descrição do que ocorria na prática. Para comprovar o que acabamos de mencionar reproduzimos nove referências:

De S. ^{to} Thome a S. Borja -----	3
De S. Borja a La Cruz -----	16
De La Cruz a Yapeyu -----	7
Del Yapeyu vuelva a La Cruz -----	7
De La Cruz vuelva a S. ^{to} Thome -----	18
De S. Nicolas a S. Luis -----	7
De S. Luis a S. Miguel -----	9
De S. Miguel vuelva a S. Luis -----	9
De S. Luis vuelva a S. Nicolas -----	7

As informações contidas comprovaram uma situação muito comum nesta trajetória de pesquisa, pois se torna instigante como os padres tratavam a condição do pertencimento cultural. A representação do mapa legitimou uma situação que relutávamos em crer, isto é, da possibilidade das informações referentes a San Borja não serem constatadas a partir dos registros feitos sobre os povos orientais. No entanto, tal realidade foi comprovada e, desde então, passamos a observar a procedência dos documentos e as informações referentes à

⁶⁷O mesmo faz parte do acervo do Archivio Storico della Compagnia de Gesù (Archivum Romanum Societatis Iesu – ARSI) e sua imagem foi gentilmente cedida pelo pesquisador local da cidade de São Borja, Fernando Rodrigues. O registro deste mapa esta como: *Mapa de las Reducciones con i fiumi Paraguay, Paraná y Uruguay, fra i 24° e 30° lat. [1690-1691]*. No entanto no seu verso apresenta a seguinte descrição: "Leguas que anda el Superior de las Reducciones en cada visita". E traz ainda um escrito aparentemente moderno querendo representar a suposta data do mesmo: *Paraguay 1692 [?]*.

redução. Estas, de fato, justificam ou partem daqueles povos que influenciaram na sua composição cultural, ou seja: Yapeyu, La Cruz e Santo Thomé.

Diante desta circunstância, estamos convencidos de que San Borja foi fundada para corresponder aos interesses do lado ocidental e, para isto, não faltam casos ou documentos que registrem tal intuito. Logo, tentar representar uma possível unificação cultural entre essa redução e os demais povos orientais é um ato evasivo de conteúdo, quando ainda um equívoco histórico, pois são desconsiderados os fatores regionais⁶⁸, bem como a cultura pela qual estes povos assumiram, por influência dos cotidianos que participavam. Estas situações acabaram incidindo na chamada *identidade étnica*, como bem demonstra a pesquisadora Maria Cristina dos Santos:

[...] la identidad étnica, no es una condición puramente subjetiva, sino el resultado de procesos históricos específicos que dotam al grupo de "*un pasado común y de una serie de formas de relación y códigos de comunicación que sirven de fundamento, para la persistencia de una identidad étnica específica*", bien para la reconstrucción de la identidad (grifo do autor)⁶⁹.

Esta realidade fez parte da história da redução de San Francisco de Borja e não deve ter sido muito diferente das várias reduções que ainda são passíveis de análises mais particularizadas. Cabe agora descobrir quais são elas e os motivos que levaram a fundação das mesmas, pois é justamente nesse contexto de formação que os processos reducionais acabam se tornando mais claros por parte de quem os analisa, sejam no sentido de aplicação quanto no sentido de incerteza que ronda o envolvimento destas experiências em referência ao projeto reducional que a Companhia de Jesus procurou aplicar na América Meridional.

⁶⁸Para chegar a esta conclusão tivemos de recorrer aos entendimentos propostos por alguns estudiosos, tanto do campo historiográfico como do geográfico, dentre estes: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História regional: dimensões teórico-conceituais. In: *História: debates e tendências*. Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 15-22, junho de 1999; VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: a busca de interfaces metodológicas. In: *LOCUS: revista de história*, Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, p. 84-97; GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995; SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço, técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

⁶⁹SANTOS, Maria Cristina dos. *Aspectos de la resistencia guaraní: los proyectos de integración en el Virreinato del Río de La Plata (1768-1805)*. Tesis Doctoral. Departamento de Antropología Americana. Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid; Madrid, 1993, p. 37.

2 TRATADO DE MADRI: TRATATIVAS OCULTAS NUM CENÁRIO DE INCERTEZAS

Até que ponto uma medida oficial pode ser respeitada? Quanto tempo pode perdurar uma exigência que foi feita para satisfazer interesses externos? Poderá a mesma exigência, representar outras finalidades que não sejam as que foram acertadas anteriormente entre duas partes? Como conciliar possíveis transtornos, quando já se sabe que os mesmos serão inevitáveis? Poderá existir bom-senso em algo que foi projetado sob suspeita?

Estas e outras perguntas foram feitas quando nos deparamos com documentos que apresentavam um diálogo diplomático suspeito entre duas partes interessadas em um objeto único de interpretação – contudo não podemos saber a que objeto tratavam – suspeitasse que seja uma negociação paralela sobre o Tratado de Madri a partir de personagens que não se encontravam na Europa, mas sim representando os interesses da Companhia de Jesus e da corte portuguesa aqui na América Meridional. E foi através de alguns “achados documentais” que compreendemos que o resultado muitas vezes não justifica o fato consumado, apenas reproduz as situações que antecederam o mesmo enquanto discurso. Isto é o que melhor caracteriza o acordo e assinatura do Tratado de Madri⁷⁰.

As retificações feitas ao Tratado pelos agentes ibéricos⁷¹ resultou numa inconformidade geral no espaço missioneiro. A mesma foi aumentando gradativamente até eclodir no que a historiografia costumou chamar de *Guerra Guaranítica*.

⁷⁰Sobre o Tratado verificar entre outros: GOLIN, Tau. *A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002; VIANA, Hélio. *História das fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1948 (cap. VIII); MATEOS, Francisco. El tratado de límites entre España y Portugal de 1750 y las misiones del Paraguay (1751-1753). In: *Missionalia Hispánica*, n.17, 1949; COLVERO, Ronaldo. *Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2004; QUEVEDO, Júlio. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. São Paulo: Edusc, 2000; CAMARGO, Fernando. Las relaciones luso-hispánicas en torno a las misiones orientales del Uruguay: de los orígenes al Tratado de Madrid, 1750. In: *Fronteras de la historia*, año/vol. 8, Ministerio de Cultura Bogotá, Colombia, 2003.

⁷¹O Tratado foi firmado em Madri em 13 de Janeiro de 1750, na presença de D. João V, monarca de Portugal e D. Fernando VI, rei espanhol. A efetivação do mesmo aconteceu para rever algumas demarcações sobre o Tratado de Tordesilhas, o que acabou opondo o interesse de ambas coroas. Por conta deste impasse, foi utilizado o Mapa das Cortes (1749), um instrumento cartográfico que valorizava e caracterizava os rios e montanhas para demarcar tais limites. A partir deste instrumento, Portugal acabou ratificando o Tratado de Madri em 26 de Janeiro e Espanha em 08 de Fevereiro. Existe uma interessante análise sobre a cartografia que teria sido utilizada para a efetivação do Tratado de Madri. Para saber mais, ver: FERREIRA, Mario Clemente. O Mapa das Cortes e o Tratado de Madrid: a cartografia a serviço da diplomacia. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p. 51-69, Jan/Jun 2007.

A Guerra Guaranítica (1753-1756) foi o evento bélico deflagrado pelo levante dos índios rebeldes contra os demarcadores e exércitos de Espanha e Portugal. Motivou-se pela rejeição de seis cabildos situados a oriente do rio Uruguai, caciques de Misiones e jesuítas, ao contestarem cláusulas do Tratado de Madri (1750). A causa principal de permuta dos Sete Povos (espanhol) pela Colônia do Sacramento (português)⁷².

Na prática, a permuta acabou ganhando a denominação de *transmigração* e significava que os missioneiros deveriam abandonar o cotidiano reducional (igrejas, casas, oficinas, etc.) e suas posses extra-reducionais (estâncias de gado, campos de erva-mate, campos de algodão), para recomeçarem suas vidas em localidades demarcadas pela coroa espanhola. Esta exigência foi analisada pelo pesquisador Júlio Quevedo da seguinte forma:

A determinação da Coroa para transmigração expressa no Tratado de Madri confirma que os guarani-missionários deveriam fortalecer os povoados que naquele momento seriam fronteiriços, como San Thomé, Yapeyu e La Cruz – todos na margem ocidental do rio Uruguai. O governo espanhol esperava que os vassallos transmigrassem e localizassem as suas novas aldeias nas proximidades dos rios Uruguai, Ibicuí e Negro. Nesses limites deveriam organizarem uma barreira defensiva ao avanço português⁷³.

A expectativa de que os índios aceitassem tais condições, não surtiu o efeito esperando, pois os espaços demarcados não comportavam as necessidades dos indígenas, nem dos religiosos. Logo, não demoraria muito para que os mesmos requisitassem a revisão de tais determinações.

As inquietações tornaram o espaço missionário em um centro "chasque"⁷⁴, pois tal foi o acúmulo das informações e de correspondências produzidas na época, muitas, aliás, eram desconstruídas propositalmente com a intenção de entruncar os vários interesses que estavam em discussão.

Por parte das coroas de Portugal e Espanha, as transmigrações significariam o primeiro passo para a confirmação de uma estabilidade geopolítica, o que motivou medidas de auxílio entre as mesmas, a fim de resolverem rapidamente tal situação⁷⁵. No que se refere aos padres da Companhia de Jesus, os mesmos foram incumbidos inicialmente de motivar os translados, a fim de que ocorressem de forma pacífica e sem muitas desordens. Para isto, foram tomadas algumas precauções como elucida a seguinte passagem:

⁷² GOLIN, Tau. Cartografia da Guerra Guaranítica. In: *1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Anais. Paraty, 10-13 de maio de 2011.

⁷³ QUEVEDO, Júlio. As missões jesuítico-guaranis. In: *Colônia*. BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coordenação geral). Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1. Coleção História do Rio Grande do Sul, p. 126.

⁷⁴ Sobre este caso ver: NEUMANN, Eduardo. A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai – século XVIII. In: *História Unisinos*, vol. 11, n. 2 – maio/agosto de 2007.

⁷⁵ Sobre a condição geopolítica que envolveu o Tratado de Madri ver: HEINSFELD, Adelar. Os tratados de limites coloniais e o espaço territorial missionário no contexto da geopolítica hispânica para a América. In: *XI Jornadas Internacionais sobre as missões jesuíticas*. Porto Alegre de 6 a 9 de setembro de 2006.

Mui S^{mo} Aprecio la favorecida de V.R su fecha 22 del pasado, por la que conduze del logro de los ciento quarenta y cinco indios charruas, y ninôs bautisados y tanmién de los recojidos â esos pueblos las dos naciones minuanes y guenoas que me alegraré permuta la Divina Mag^d que en estos y los demas dispersos se consiga la que les ve seamos. Con la fecha doy orden al Correxidor del Pueblo de Yapeyú que al recino de el sin excusa alguna marchar con los 145 indios charruas al Rio Paraná, donde V.R les distinare por no convenir el residencia â unos y otros en el Yapeyú por las muchas contingencias que V.R no ignora y que puede â caezer que otros iguales del Campo, â vista el buen tratamiento que se ussa con ellos, vengan de su propio motibo â incorporarse y ruego que V.R concorra â este intento enquanto fuere dable. Para cino esfuerzo con esta misma ocasion ordeno por la adjunta (que a V.R passo avierta a mi theniente general de Santa Fee para que al trancito de V.R â ella estegan promptos dose hombres españoles y conferido con V.R passen luego al Yapeyú para que con el Corregidor y indios de el pongⁿ en execusion de conducir todos esos indios charruas al rio Paraná, donde V.R les destinare⁷⁶.

O teor dessa documentação complementa uma descoberta feita pelo pesquisador uruguaio Diego Bracco, quando o mesmo apresentou fatos que comprovam uma operação militar comandada pelo governador de Buenos Aires Joseph de Andonaegui y Plaza⁷⁷ para exterminar os grupos infieis da região missioneira⁷⁸.

Estas situações devem ter sido muito comemoradas pelo jesuíta Bernardo Nusdorffer⁷⁹, pois se encaixavam perfeitamente no seu modo de pensar⁸⁰. A sua convicção de reprimir contatos entre índios reduzidos e índios infieis foi tanta que acabou encontrando a plausibilidade necessária nas exigências que o Governador de Buenos de Aires assumiu quando da assinatura do Tratado de Madri. Este último acabou tornando-se uma espécie de embaixador do acordo ibérico na América Meridional, já o religioso ficou encarregado de repassar a ordem da transmigração às reduções⁸¹. Estes encargos foram interpretados como medidas de Estado, contudo, tais contingências não contemplavam o interesse dos grandes

⁷⁶ Correspondência de Joseph de Andonaegui para Bernardo Nusdorffer, Buenos Aires, 9 de noviembre de 1750. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

⁷⁷ Joseph de Andonaegui y Plaza (1680-1761). Nasceu em Marquina, província de Viscaya, Espanha. Assumiu o governo de Buenos Aires em 9 de agosto de 1745. Foi substituído por Pedro de Cevallos, em 1756. Morreu em Madri no dia 3 de setembro de 1761.

⁷⁸ Esta descrição foi feita pelo autor e consta em: BRACCO, Diego. Los errores Charrúa y Guenoa-Minuán. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, nº 41 op. cit., p. 132-133.

⁷⁹ Bernardo Nusdorffer (1686-1762). Natural de Platting (Baviera, Alemanha). Ingressou na ordem jesuítica em 1704. Fez os primeiros votos em Landsberg, Baviera, 1706. Ordenado sacerdote em 1716. Chegou em Buenos Aires em 1717. Foi superior dos guaranis em dois periodos, de 1734-1738 e de 20.11.1747 a 12.06.1752. Provincial do Paraguai de 1743 a 1747. Morreu em San Carlos (Corrientes, Argentina). Nota de Tau Golin, 1999, p. 150.

⁸⁰ Vários são os registros deixados pelo mesmo no qual demonstram a sua tenaz insistência em reprovar as relações estabelecidas entre índio reduzido e índio infiel. E hoje, podemos referir que este empenho não surgiu na época que estamos explanando, pelo contrário a convicção do religioso já vinha desde muito tempo e os fatos subsequentes só vieram a fortalecer seu argumento.

⁸¹ Para o pesquisador Arno Kern os Governadores exerciam seu poder total a partir dos jesuítas, sobretudo pelas autoridades mais importantes da Companhia de Jesus, no caso o Padre Provincial e o Padre Superior. Neste sentido a relação Nusdorffer e Andonaegui se encaixa perfeitamente nesse contexto. Para saber mais sobre esta relação ver: KERN, Arno. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 25-28.

prejudicados do processo, no caso, os índios reduzidos e os padres que administravam as reduções. O anúncio do Tratado de Madri foi recebido com total desconfiança por estes personagens, sendo que atitudes de incredulidade começaram a ser expressadas no ano de 1751, quando certos jesuítas passaram a redigir cartas pedindo explicações para os seus superiores sobre o motivo que teria levado a coroa espanhola a aceitar o acordo⁸². O resultado final deste esforço teve proporções inimagináveis e muitas informações acabaram direcionando para hipóteses um tanto quanto suspeitas, como prova a seguinte documentação:

I todo se remitiria al Rey menos la carta que V.R. me escrivio â mim por que en esta no les parecia bien el a capise 6º que contan: tenemos por cosa casi cierta que este tratado se ha efectuado sin noticia del Real Consejo de Indias, y receharon se llebar ese â mal en la corte el que se disesse que no se consultaban con Ministros tan sabios materias de tanto peso todo lo demas se remite al Gov^{or} de Buenos Ayres para que alla lo comunice con los comissarios que vienen â estas permuta de territorios, donde V.R. lo podra ver y reconocer si fuera necesario por que no sê si podrê conseguir alguna copia de la carta que escrivira Sr. Ex^a al Gov^r como conseguir esa copia inclusa del Auto del acuerdo. P. mio Rec^r ablemos claro: todos y cada uno de estos S^{tes} conocen la razon, confiessan y gritan la perdida del Reyno; publican la lealtad de la Comp^a pero despues de todo, temen al Ministro, y a lo Reyno, y nada se apeyen â mandar por escrito. Ya me acontecio de escribe yo claramente â V.S^{or} Ministro: que si esa ser leal Vasallo el conocer el detrimento del Reyno y no oponerse con fortaleza a que sucida? Nada respondeu a esto; y solo se [...] en que no se ha partipado â este Gov^{no} y que no se pueden oponer a lo que es mandato dela Corte y tiene comissarios particulares que deban executar lo. Hasta aqui he querido dar â V.R relacion pontual de todo lo actuado en que no he omitido diligencia, passo, mi trabajo que condusga para gloria de Dios, honor de esa S^{ta} Prov^a bien del Reyno y servicio del Rey. [...] Mi confianza en la resistencia que hazôn los indios guaraníes â esta entrega, pues siendo tan aversos a los Portugueses, no dudo que ô se defazan matar ô se huizan a los Montes antes que entregares al Dominio de los Portugueses (grifo do autor)⁸³.

Estas palavras fazem parte de uma correspondência enviada pelo Padre Provincial da Companhia de Jesus, Baltazar Moncada. O destinatário infelizmente não pode ser identificado por conta da precariedade da documentação, porém, é possível perceber que foi escrita para chamar atenção de alguém relacionado aos interesses de Portugal. O curioso, neste caso, é o conteúdo exposto por Moncada, pois o mesmo, dando claros sinais de indignação, advertiu: "I todo se remitiria al Rey menos la carta que V.R. me escrivio â mim por que en esta no les parecia bien el a capise 6º que contan: tenemos por cosa casi cierta que este tratado se ha

⁸²Esta situação foi descrita por Nusdorffer nas seguintes palavras: "O que finalmente se resolveu, foi recorrer com cartas ao senhor vice-rei em Lima, à Audiência de Chuquiasca, hoje Sucre, ao padre geral em Roma, ao confessor do Rei em Madri e todos os que podiam estar em condições de informarem Sua Majestade a propósito das consequências fatais que se seguiriam para toda esta Cristandade e todas estas províncias, no caso de executar este Tratado. Nestas diligências se passou, pois, todo o ano de 1751. Todos na verdade o deixamos para trás com gravíssimas aflições, recorrendo sem exceção ao Senhor Deus e clamando ao céu pelo remédio". In: TESCHAUER, Carlos. op.cit., p. 261.

⁸³ Correspondência de Baltazar Moncada para [sic!]. Lima, 6 de junho de 1751. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

efectuado sin noticia del Real Consejo de Indias [...]".

O religioso não esclareceu a qual sexto capítulo se referia, mas com certeza não estava fazendo alusão ao artigo 6º do Tratado de Madri⁸⁴, pois neste não existem referências que se aproximem ao conteúdo exposto, muito menos sobre o Real Conselho de Índias⁸⁵. A problemática para este caso, esta dividida em duas hipóteses: a primeira é que o religioso estaria contrapondo uma sobredita carta deste suposto representante, isto é, o Padre Provincial teria se indignado com a possibilidade do tratado ser realizado sem notícia (conhecimento) do Real Conselho de Índias.

A segunda hipótese e, com certeza, a mais contundente, é que este documento poderia representar uma possível tréplica de Moncada a um documento de sua autoria. Neste caso, o mesmo pode ter feito uma proposta para o suposto representante português, que envolveria o sobredito sexto capítulo. A advertência que segue é enfática neste sentido: "y receharon se llebar ese â mal en la corte el que se disesse que no se consultaban con Ministros tan sabios materias de tanto peso todo lo demas se remite al Gov^{or} de Buenos Ayres".

O motivo das trocas de correspondências foi, sem dúvida, o Tratado de Madri. Contudo os indicativos apresentados pelo Padre Provincial recaem para a existência de novo documento, o qual pode ter sido redigido propositadamente para as partes que se encontravam na América Meridional, discutindo o acordo ibérico. Indícios para esta realidade não faltam e para fomentar ainda mais esta possibilidade, ocupamo-nos das últimas frases de Moncada, quando este referiu que: "mi confianza en la resistencia que hazôn los indios guaraníes â esta entrega, pues siendo tan aversos a los Portugueses, no dudo que ô se defazan matar ô se huizan a los Montes antes de entregarse al Domínio de los Portugueses".

As palavras que complementam o desfecho da correspondência induzem-nos a pensar que aquele religioso não voltaria a interpelar o representante português para algo do qual ele

⁸⁴O Tratado de Madri foi composto por vinte e seis artigos e o 6º artigo traz a seguinte descrição de demarcação: "*Desde a boca do Igurey, continuará pelo álveo, acima, até encontrar a sua origem principal; e, dali, buscará, em linha reta, pelo mais alto do terreno, a cabeceira principal do rio mais vizinho, que deságua no Paraguai, pela sua margem Oriental, que talvez será o que chamam Corrientes; e baixará, pelo álveo deste rio, até a sua entrada no Paraguai, desde a qual boca subirá pelo canal principal, que deixa o Paraguai em tempo seco; e, pelo seu álveo, até encontrar os Pântanos, que forma este rio, chamados a lagoa dos Xarais; e, atravessando esta lagoa, até a boca do rio Jaurú*". Apud, GOLIN (1999, p. 550). O Tratado e seus artigos também constam em: CORTESÃO, Jaime. *Do Tratado de Madri à conquista dos sete povos (1750-1802)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

⁸⁵Não entraremos nos méritos de discutir o Conselho Real de Índias, justamente porque acreditamos que ambos personagens reconheciam a importância do mesmo, pois se tratava de ser o principal órgão da administração colonial espanhola, tanto na América quanto nas Filipinas. O Conselho foi criado por Carlos V em 1524 com a finalidade de acessorar a parte executiva, legislativa e judiciária da corte, auxiliava também para as questões que envolviam nomeações de Vice-Reis, de capitães gerais e demais autoridades da área militar e judiciária. Sobre este caso ver: BECÚ, Ricardo Zorraquín. *La organización política argentina en el período hispánico*. Buenos Aires: Editorial Perrot, 4ª ed., 1981.

já havia tomado a decisão. Isto fica claro pela maneira como o religioso se referiu a possibilidade de resistência dos indígenas, tratando a mesma como algo certo. Condição que fortalece ainda mais a hipótese de que tenha ocorrido uma discussão paralela sobre o Tratado de Madri na América Meridional.

Situações como a que envolveu o padre provincial aconteceram constantemente por todo o ano de 1751, e não se resumiram exclusivamente às expectativas dos chamados sete povos das missões⁸⁶. Nesse sentido, a efetivação do Tratado de Madri foi discutida por vários personagens da América Meridional, pois a sua realização implicaria significativas mudanças em praticamente todo o continente. O caso de Moncada faz jus a esta interpretação – da abrangência intercontinental –, pois o mesmo se encontrava em Lima, no Peru, chamando a atenção para algo que era de interesse de todo o continente.

A descrição regionalizada, muitas vezes aplicada para caracterizar o Tratado de Madri e os povos orientais do rio Uruguai, estabeleceu-se por conta da resistência indígena. Contudo, não podemos considerar apenas esta argumentação algo estático, pois existiram várias outras situações que acabaram repercutindo decisivamente no cotidiano de outros indígenas e de outras localidades do Brasil⁸⁷.

A própria resistência indígena demorou a acontecer na região missioneira, pois os indígenas procuraram manter intacta a ordem hierárquica que reconheciam como válida, estabelecida basicamente sob três pontos de referência: Europa, América Meridional e reduções. Ou seja, existia uma ligação continental que determinava o que deveria ser aplicado nos povos missioneiros. Só depois de várias tentativas para retroceder o acordo é que uma parcela optou pelo levante, porém, a conjuntura geral não se limitou a isso. O Tratado

⁸⁶Os Artigos XIII e XIV confirmam que o Tratado de Madri foi tratado à nível colonial e não em uma temática localista, pois demonstra que Dom João V cedeu a Colônia do Sacramento com a intenção de continuar explorando os vastos territórios da Amazônia, Mato Grosso e Goiás, ou seja, abria mão do contrabando do Rio da Prata para regularizar a ocupação de uma região aurífera que já vinha dando resultados para a coroa. A Espanha por sua vez firmou a regularização das suas posses no Oriente para ser mais específico nas Filipinas. Sobre as repercussões do Tratado de Madri na região norte do Brasil, ver: REZENDE, Tadeu Valdir Freitas de. *A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição de fronteiras*. Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História Econômica. São Paulo, 2006.

⁸⁷Novamente chamamos a atenção para os casos que envolveram a região norte do Brasil. Sobre esta situação ver: BEOZZO, José Oscar. *Leis e Regimentos das Missões – Política Indigenista no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1983; REIS, Arthur César Ferreira. *Limites e demarcações na Amazônia Brasileira. Vol 1: A fronteira colonial com a Guiana Francesa; Vol 2: A fronteira com as colônias espanholas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948; RAYMUNDO, Leticia de Oliveira. O Estado do Grão-Pará e Maranhão na nova ordem política pombalina: a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e o Diretório dos índios (1755-1757). In: *Almanaque Brasileiro*. Nr 3. Maio de 2006. Disponível em: www.almanack.usp.br, acesso em: 15/11/2010; COELHO, Mauro Cezar. *Do Sertão para o Mar – um estudo sobre a experiência portuguesa na América: o caso do Diretório dos Índios (1751-1798)*. Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, departamento de História Social. São Paulo, 2006.

significava mudanças profundas no espaço colonial e estas seriam sentidas de várias maneiras, não só no sentido geopolítico, mas também no sentido cultural, pois envolvia o cotidiano de vários personagens⁸⁸. Isto certamente foi observado pelos responsáveis que realizaram o acordo. Uma prova foi a comitiva que desembarcou em Buenos Aires no dia 20 de fevereiro de 1752⁸⁹.

Para o pesquisador Leonel Pérez (1989), a explicação subsequente do acordo e principalmente o levante estiveram relacionados a uma questão básica: a informação. O mesmo aponta para a hipótese de que a maioria das situações acabavam tomando proporções infundadas, porque haviam interesses particulares vinculados às mesmas, tanto para quem remetia estas informações quanto para quem as recebia.

O fato é que os assuntos se renovavam a cada notícia difundida e as repercussões muitas vezes se mantinham contidas dentro de uma rotina de divulgação. Isto prevaleceu e até certo ponto foi salutar para o próprio cotidiano missioneiro, pois quanto mais dúvidas existissem, mais se punham em alertas as reduções⁹⁰.

Para Diego Braco, o caso de Madri serviu para a sociedade colonial conhecer os vários grupos indígenas que existiam na época⁹¹. Na nossa concepção, o caso só se tornou irreversível porque faltou uma aproximação, tanto dos representantes régios interessados em efetuar o Tratado de Madri, quanto por aqueles que tinham de se conformar com a situação. Além deste afastamento, existiu outra questão de suma importância: a omissão dos agentes do Tratado. Os mesmos não se esforçaram em compreender os motivos que levaram os indígenas a desistir das transmigrações. Esta situação acabou gerando um clima de insatisfação na região missioneira e fez com que alguns indígenas optassem pelo levante. No entanto, tal

⁸⁸Esta situação se fez registrar em uma ordem estabelecida por Pedro Lizoain no dia 15/09/1752. Na oportunidade o mesmo suspendia o Padre Domingo Bandiera de realizar as confissões com seus índios para se dedicar a recolher todas as informações possíveis para formar e ilustrar a história das antigas reduções. Não temos notícia se o referido padre conseguiu reunir todas e por conseguinte realizar o que lhe foi proposto, contudo fica o registro da iniciativa. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.1.

⁸⁹Esta comitiva teve por finalidade principal colocar em prática o acordo entre coroas, porém antes de iniciarem os trabalhos, os comissários tiveram de se reunir com alguns personagens da época nas chamadas conferências, o objetivo das mesmas era conhecer o máximo possível sobre a realidade vigente tanto no que envolvia as reduções, os indígenas, os religiosos bem como pessoas ligadas ao Governo Geral. A descrição da comitiva e alguns destes casos foram descritos por Nusdorffer. Para saber mais ver: TESCHAUER, Carlos. op. cit., p. 273-276.

⁹⁰Estamos referindo a condição fronteiriça à qual coube ao projeto reducional, para saber mais ver: KERN, Arno. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982; NEUMANN, Eduardo. Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na Banda Oriental 1680-1757. In: *Revista Complutense de Historia de América*, 2000, 26: 73-92; REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteiras no espaço platino. In: *Colônia*. BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coordenação geral). Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1 Coleção História Geral do Rio Grande do Sul; POENITZ, Edgar; Alfredo. *Misiones, Provincia Guaranítica. Defensa y disolución*. Posadas: Editorial Universitaria, 1993.

⁹¹BRACO, Diego. op.cit., p. 136.

decisão representou uma dura pena para aqueles que dela participaram.

As responsabilidades pela derrota só tornaram-se claras três anos após o fato consumado e a explicação reside numa problemática: os milicianos não eram coesos suficiente para suportar ou combater uma batalha de tais proporções como o da *Guerra Guaranítica*. Tal realidade expôs num curto espaço de tempo as diferenças que existiam entre aquelas reduções⁹². A escolha, às pressas, de um novo líder para suprir a falta de Sepé Tiarajú, morto em combate⁹³, é uma prova de que o levante não foi uma organização coletiva das reduções, mas sim uma interpretação visionária e louvável por parte de alguns que acreditaram ser possível vencer as tropas ibéricas⁹⁴.

E é sob esta ótica que interpretamos o levante, pois foi uma ação simbólica que procurou encontrar forças em situações isoladas, desconsiderando sobretudo a possibilidade de um fortalecimento paritário entre as reduções. A guerra em si foi fomentada por que existiam informações desconhecidas na região missioneira. E é dentro dessa lógica que explicaremos os motivos que levaram San Borja a não aderir à milícia indígena.

⁹²Para a etnógrafa Branislava Susnik a milícia não deu certo porque existiram interesses distintos entre as reduções e isto foi decisivo para que as mesmas não entrassem em uma harmonia para resistir. Para saber mais sobre este caso ver: SUSNIK, Branislava. *Los aborígenes del Paraguai – etnohistoria de los guaraníes – Época colonial*. Asunción: Museu Etnográfico Andres Barbero, 1979-1980, p. 220-230.

⁹³Sepé Tiaraju foi morto em combate no dia 07 de fevereiro de 1756. A partir daí os indígenas tiveram de realizar às pressas um conselho para escolher seu substituto. Acabaram optando por Nicolas Ñeengiru, um corregedor da redução de Conceição. Não são claros os motivos desta escolha pois o mesmo não tinha uma experiência em combates no entanto era bem visto pelos demais milicianos por causa da sua oratória. Com a ascensão de Ñeengiru a característica do levante foi alterada e passou a ser um embate aberto ao invés de se utilizar dos momentos de distração das tropas ibéricas como ocorria com seu antecessor. Para saber mais sobre estas questões ver: Golin (1999).

⁹⁴A hipótese mais utilizada para explicar esta persistência indígena é que os mesmos acreditaram ser possível repetir os feitos de 1754, quando obtiveram vitórias significativas perante as tropas ibéricas, dentre as quais a batalha de Rio Pardo. Para saber mais sobre este caso ver: Golin (1999b); Quarleri (2009a); Several (1995); Vieira (2005).

3 SAN BORJA E GUERRA GUARANÍTICA: A BIFURCAÇÃO DE FATOS NA ENCRUZILHADA DE INFORMAÇÕES

Na história das antigas reduções coloniais certos contextos exigem uma contextualização acurada sobre suas conseqüências, nesse caso, as explicações acabam envolvendo outras particularidades indutivas que acabam se distanciando de esclarecimentos pormenorizados ou de abordagens simplistas. É dentro desse universo investigativo que está inserida a chamada *Guerra Guaranítica*. A mesma não foi um fato isolado na história das reduções coloniais, embora muitas vezes seja representada como tal, por conta das repercussões que acabaram lhe envolvendo⁹⁵.

Antes disso, o levante foi uma ruptura na própria conjuntura da América colonial e isto lhe estabeleceu um caráter contínuo que não se encerrou na batalha de *Caiboaté*⁹⁶. As conseqüências desta ruptura continuaram sendo percebidas mesmo após a finalização da guerra, como provam os atritos internos que envolveram certas reduções. Neste capítulo trataremos sobre o desgaste que envolveu a redução de San Francisco de Borja, por um lado, e os demais povos insurgentes, de outro.

Sobre este assunto, especialmente, muitas foram as informações trocadas entre os envolvidos e várias foram as passagens que se referiram a este caso. No entanto, quando o assunto é a não participação da redução de San Borja no levante, as hipóteses se bifurcam

⁹⁵Para uma análise mais técnica sobre as várias formas de interpretar a guerra ver: GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul*. 2.ed. Passo Fundo/Porto Alegre: Ediupf/Ufrgs, 1999; QUARLERI, Lía. Gobierno y liderazgo jesuítico-guaraní en tiempos de guerra (1752-1756). In: *Revista de Indias*, 2008, vol. LXVIII, núm. 243; GANSON, Barbara. La rebelión guaraní en un contexto comparativo. In: *XII Jornadas Misioneras*. Buenos Aires, 2008; HENIS, Tadeo Xavier. *Diario histórico de la rebelión y guerra de los pueblos guaraníes, situados en la costa oriental del río Uruguay, del año 1754*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1886; LEONHARDT, Carlos. La guerra de los siete pueblos. In: *Revista Estudios*. Buenos Aires, T. XXII, 1922; NEUMANN, Eduardo S. Episódios de rebelião na fronteira: a Guerra Guaranítica (1752-1756). In: *O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil*. NEUMANN, Eduardo S.; GRIJÓ, Luiz Alberto. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010; BARRAL, G. A. *Rebeliones indígenas en la América española*. Madrid: Mapfre, 1992.

⁹⁶A batalha de Caiboaté ocorreu no dia 10 de fevereiro de 1756, em localidades no atual município de São Gabriel -RS. Porém a motivação já havia ocorrido três dias antes, através do assassinato de Sepé Tiaraju. Segundo consta o mesmo teria sido morto pelo comandante português José Joaquim Viana. Este fato alvoroçou os demais indígenas e os mesmos acabaram decidindo por um novo enfrentamento e é justamente este novo embate que a historiografia costumou chamar de Batalha de Caiboaté. Conforme diário do oficial espanhol Francisco Graell, a batalha teria durado "uma hora e um quarto" e teria ocasionado a morte de 1.500 índios e 154 apreensões. Já as tropas ibéricas teriam tido uma baixa de quatro homens. Para contrapor estes números existe o registro do jesuíta Tadeu Hennis, o mesmo declarou que os indígenas tiveram uma perda de 600 homens e 150 foram presos. Para uma compreensão mais detalhada ver: GOLIN, Tau. *Etnocídio e herança indígena*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999; GRAELL, Francisco. *O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol*. Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1998; Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. 3ª série, n. 9, 1º trimestre de 1853; QUARLERI, Lia. El territorio jesuítico-guaraní: del enfrentamiento de sentidos al conflicto armado (1750-1761). In: *História Unisinos*, vol. 11, n.2, maio/agosto de 2007; AVELLANEDA, Mercedes. El ejército guaraní en las reducciones jesuítas del Paraguay. In: *História Unisinos*. São Leopoldo, vol. 9, nro. 1, 2005.

entre a expectativa da explicação e o próprio ato da *Guerra Guaranítica*, fazendo com que ambas realidades acabem se distanciando por falta de referências plausíveis e documentais.

Nesse sentido, nossa proposta surge para superar essa questão complexa e, acima de tudo, estruturar uma nova maneira de analisar o fato histórico sobre o levante, onde seja possível responder os motivos que envolveram à recusa *borjista*, levando em conta situações que ocorreram nos anos subseqüentes ao mesmo, principalmente nos anos de 1758 e 1759.

3.1 DAS ESTÂNCIAS AO EQUILIBRIO CULTURAL: POSSIBILIDADES E PROJEÇÕES NO ANO DE 1758. UMA CONTRIBUIÇÃO DOCUMENTAL PARA A HISTORIOGRAFIA

A conjuntura dos fatos e o resultado final da *Guerra Guaranítica* acabou sendo o foco de farta documentação oficial, oficiosa e de particulares, diante disso, a explicação para seus efeitos depende da busca incessante por novos documentos. Esta tarefa faz parte de um trabalho estafante, que não se ampara isoladamente na busca por novas informações, mas sim nas formas como se efetuam tais procuras e abordagens. Observamos isso quando passamos a compreender o sentido dicotômico da redução de San Borja frente a pretensa composição generalizante dos povos da banda oriental do rio Uruguai. Num primeiro momento nos dedicávamos a compreender as interpretações clássicas, ou seja, aquelas que descreviam a sua negação ao levante indígena⁹⁷. Tais projeções deixavam subentendido que existia algo mais além das constatações já apontadas na historiografia corrente.

Deste modo, fomos à busca de situações que caracterizassem os últimos quatro anos da década de cinquenta do século XVIII. Tínhamos um fato limitante: o inquérito promovido por Don Diego de Sallas em Itapuá e em San Borja no ano de 1759⁹⁸. Essa condição facilitou em grande parte a sequência metodológica da nossa pesquisa, pois através do mesmo podemos estipular limites e reconhecer o sobredito “sentido coletivo” do projeto reducional. Porém, faltava ainda encontrar argumentos que firmassem a condição refratária da redução *borjista*.

O ano de 1758 resguardou a maioria destas informações e como num “grande calabouço” começaram a surgir personagens novos para o contexto histórico que havíamos nos comprometido a contextualizar. Muitos se mantêm no anonimato historiográfico até esse

⁹⁷Comprendemos por interpretações clássicas os seguintes trabalhos: Francisco Graell (1755-1756); Juan Escandón (1804); Tadeo Xavier Hennis (1886); Carlos Leonhardt (1922); Aurélio Porto (1954); Jaime Cortesão (1969); Artur Rabuske (1978;1983); Pérez (1989); Carlos Teschauer (2002).

⁹⁸Partes deste inquérito serão apresentados na sequência do trabalho.

exato momento. Neste sentido tentaremos dar vozes a todos para que possam demonstrar as angústias que se mantiveram pós Tratado de Madri.

Muitos indígenas tiveram de fugir dos seus povos de origem tanto durante a *Guerra Guaranítica*, quanto depois da mesma. E o espaço básico de concentração destes personagens foram as localidades próximas às estâncias. Porém, tais deslocamentos não foram feitos visando somente a condição da subsistência. Acreditamos, inclusive, que esta tenha sido a última opção, pois o que procuravam eram espaços para praticar antigos ritos, ou seja, pretendiam retomar práticas da sua cultura milenar. Contudo tais ensejos acabaram encontrando uma resistência por parte de certos personagens que naquele período já se encontravam administrando o espaço do antigo projeto reducional. E é justamente esta composição de fatos que ganham uma atenção especial no nosso estudo, pois acreditamos ser possível responder não só a década de 1750, como também situações relacionadas a própria conjuntura missioneira a partir da mesma.

Não podemos afirmar o momento exato em que essa força tarefa passou a perseguir e investigar estes indígenas, porém, por fragmentos documentais já se sabe que houve um enfrentamento entre forças portuguesas do destacamento de dragões e uma milícia indígena no mês de dezembro de 1757. Por conta desse embate os indígenas acabaram se dividindo em três partidas (grupos) entre as proximidades e estâncias referentes aos postos de S^{ta} Maria e Yapeyu⁹⁹. Praticamente duas semanas após a primeira constatação, o capitão do Destacamento de Dragões, Dⁿ Lucas Infante, declarava:

No se pierda tiempo en despachar la tropa que pareciese suficiente para recoger los indios dispersos, y que va ya el P. Phelipe Ferder para socorrerlos en sus necesidades espirituales, entretanto que unidos todos los que se puedan incorporar y con el aviso de V.M se despache del camino y mientras hacer todos su transmigración. A Dⁿ. Francisco Pieza puede principal obgeto és recoger a los indios dispersos, y que por esta rason no puede distraerse como seria preciso para ponerse se intento à perseguir los infieles que concluda la transmigración y el encargo que llevo de escotoar à Echevarria mientras hace el reconocimiento de que fue encargado en cuyo casso y buelto por acá despedirá aquella tropa, **entonces se pensara de proposito en la forma de uno golpe decisivo** a los infieles a quienes no obstante se de vera ofender (o grifo é nosso)¹⁰⁰.

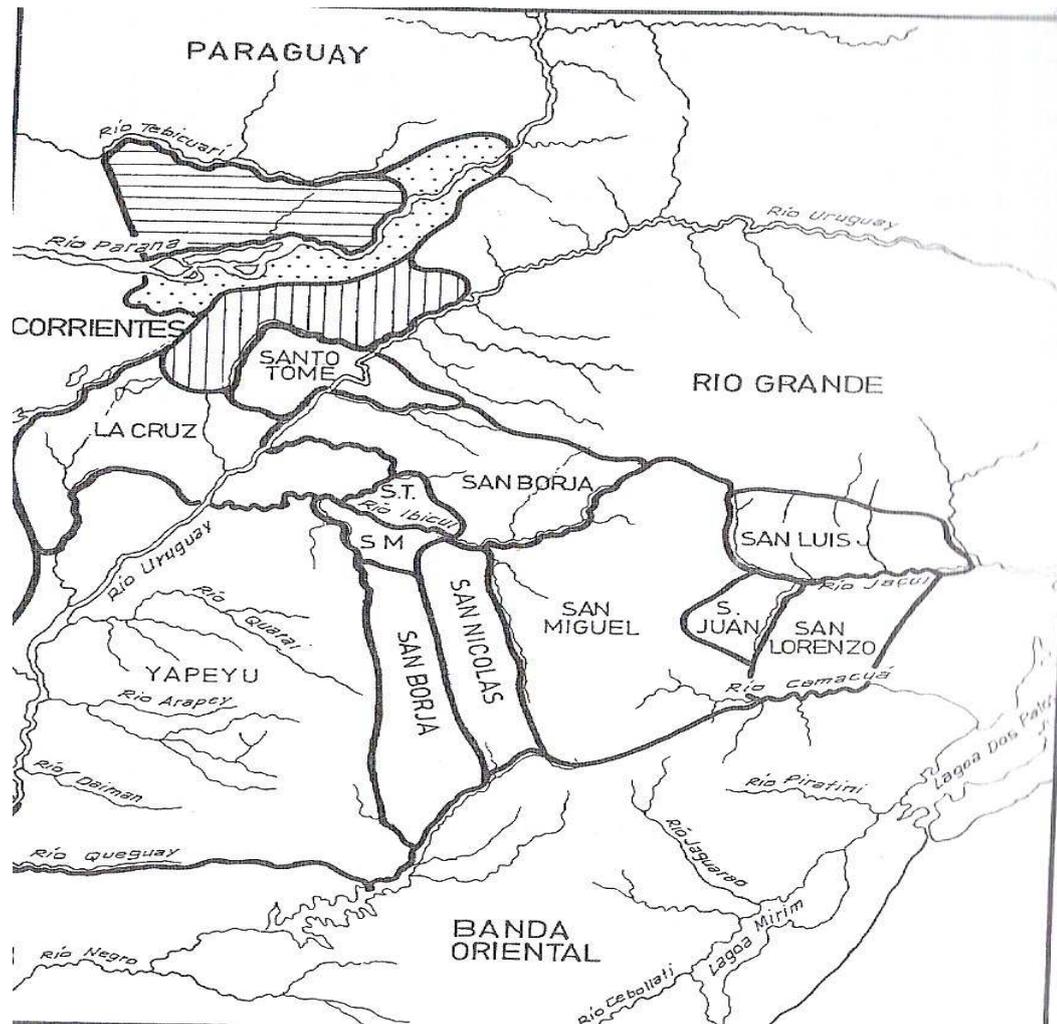
Para o oficial os infiéis estariam barrando o retorno dos antigos índios aldeados às reduções, no entanto a realidade foi outra: os indígenas não tinham sido impedidos de retornar as reduções, pelo contrário optaram em permanecer próximos às estâncias e na presença dos

⁹⁹ Correspondência do oficial português, Joseph de Molina, para o então Governador de Buenos Aires Pedro de Cevallos. A mesma foi remetida da estância de San Miguel, no dia 07/01/1758.

¹⁰⁰ Correspondência de Dⁿ Lucas Infante para Dⁿ. Pedro de Cevallos. A mesma foi escrita na redução de San Borja no dia 11/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.03.

índios infieis, pois assim poderiam retomar um sentido de organização que lhes garantisse um sentido de unidade e de fortalecimento mútuo a partir de questões relacionadas à ancestralidade dos mesmos. Logo, passaram a se localizar próximos às estâncias de Santo Tomé, de La Concepción e de San Ángel Custódio¹⁰¹. As antigas estâncias passavam agora a servir de *refúgio* para estes indígenas.

Figura 06: Mapa representando as estâncias



Fonte: Demonstração do espaço missioneiro a partir das estâncias. In: MAEDER, Ernesto. *Misiones del Paraguay. Conflictos y disolución de la sociedad guaraní (1768-1850)*. Editorial Mapfre, Madrid, 1992.

¹⁰¹Nos anexos deste trabalho consta uma ilustração que tem por título: *Mappa que conten o pais da Colonia até as missões e o caminho que fizeram as duas armadas de S. Magde Fidellma e Calto [17--]*. Aparentemente parece ter sido feito para demonstrar uma ação que foi feita ou que iria ser feita pelas tropas ibéricas nos anos de auto-governo, pois traz o seguinte enunciado: *Dos portugueses marcha dos espanhóis*; e estabelece um registro de deslocamento que deveria ser feito do oeste para o leste, deixando subentendido que estariam em direção das estâncias reducionistas. O mesmo tem uma importância fundamental enquanto instrumento de localização pois representa exatamente onde estavam localizadas as estâncias. O referido mapa faz parte do acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil e pode ser consultado a partir do seguinte endereço eletrônico: <http://bndigital.bn.br>

Todavía, os indígenas não se fixavam por muito tempo em um determinado local, passaram a transitar livremente, sem um linha migratória comum. Essa tática dificultava as buscas à estes índios, o que desestabilizou inclusive as relações entre os próprios representantes do poder vigente. Um exemplo claro dessa fragmentação ocorreu quando Don Lucas Infante acabou errando o paradeiro destes grupos. O mesmo havia deslocado a sua tropa até a estância de Santo Thomé, porém, ao chegar nesta localidade recebeu a informação que os mesmos já se encontravam alocados num espaço que compreendia a estância de San Borja e a Capela de S. Christobal. Tal situação acabou rendendo as seguintes palavras do então Governador de Buenos Aires, Pedro de Cevalos:

Passe V.s con el todo su Destacamento ala Estancia de S. Angel essa és màs adelante dela S. Borja, y dela Capilla del S. Christobal, eligiendo immediatto al Ibiqui el parage que sea mas a proposito para tener Ganado Cavalluno y Boyuno cubierti de qualquier insulto que pudieran intentàr los Infieles sobre lo que hago à vm el mas particular encargo pues essa miserable gente que no son capaces de acometer à vm con valor son tan diestros en el modo de robar los ganados como que se mantien en de esto toda la vida. No se pierda tiempo en despachar la tropa que parecieste suficiente para recoger los expresados indios dispersos y que vaya el P. Phelipe Ferder para socorrerlos en sus necesidades espirituales, entre tato que unidos todos los que se puedan incorporar y con el aviso de V.M se despache de aqui otro Religioso que los acompañe en lo restante del camino y mientras hacen todos el transmigracion. Evaquada esta diligencia hade pasar vm con el todo de su Destacamento a la Estancia dela Concepción, para situarse cerca dela Forqueta delos dos Rios Ibiqui y Yaguariguasu en donde se ha de construir el Fuerte, [...]. Por aora no hace falta la tropa de esse Destacamento en la Estancia de S^{to} Thome pues he embido à ella el del cargo de P^c Miguel Vidal, para recorre aquellos Indios y assi puede vm consertar el suyo entrada su fuerza y situarse en los parages que sean mas a proposito para la defensa delos Indios del nuebo Pueblo de S. Nicolas, pero sin estar mui cerca de èl por los desordenes que sabe vm sulceden con la ocaasion y el trato delas Indias, las quales se han de evitar con el maior cuidado sin que esto obstre a vm para dexarse vèr en el mismo Pueblo y que experimenten su trato dulce y benigno los Indios quienes se hade hacer entender el fin conque hà marchado esa Tropa de socorrerlos y las ordenes que yo le doy à vm de que se mantenga por aora en esas cercanias para impedir que los infieles les hagan mal, y regalandolos al mismo tiempo algunos rios y otras coxillas delas que llevo Iⁿ Joseph Molina conducira mucho esto para garantir la quietud y el buen orden que se desea. Como despues de incorporado com vm el Descamento del Theniente Dⁿ Francisco Pieza deve vm tener ciento y setenta hombres pues constando el todo de doscientos solo està separada aora la Partida de Dⁿ Miguel Vidal que se compone de treinta hombres [...] à vm con bastante fuerza despues que sea desbanecido los motivos del recelo del citado pues de S. Nicolas ya por que se ayan aterrado los fieles o porque se pongan de buenas para separalos vm Destacamento que se situe o enla Estancia de S. Angel, ô enla dela Concepción donde paresca mas conducente el din deque los Indios que estan en ellas no sean inquietados pelos Infieles y que en casso de necesidad formem um Puesto con foso y palisada segun estava antes determinado. Espero que enterado vm bien de todo lo prevenido procederà por los medios mas adequados asu puntual cumplimiento de que me dará vm su avisos en las ocaisiones que se ofrescan¹⁰².

As ordens estabelecidas por Cevalos não repassam a sua ira referente ao oficial, na

¹⁰² Correspondência que Pedro de Cevallos para Dⁿ Lucas Infante do Pueblo de S. Borja 24 de Enero de 1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

realidade a demonstração era questão de tempo como ficará provado a seguir. Parte desta raiva vinha sendo fomentada pelo oficial português, Joseph de Molina. Este já havia remetido uma correspondência para o Governador denunciando os maus tratos que Dⁿ Lucas Infante aplicava aos índios andarilhos. As conseqüências desses maus tratos segundo Molina acabaram prejudicando as tentativas de convencer os indígenas a retornarem para as suas reduções¹⁰³.

O fato é que Dⁿ Lucas Infante nunca escondeu que pretendia dar um ponto final às buscas e aos indígenas e a maneira mais fácil, segundo o mesmo, era dar um *golpe decisivo*. Este termo foi muito utilizado pelo militar nas várias passagens que analisamos¹⁰⁴ e tinha por objetivo induzir as demais autoridades da época a apoiarem a sua idéia. No entanto, essa obsessão não foi partilhada pelo Governador Cevalos, como prova uma correspondência de 03 de janeiro de 1758:

Renderlos yo presiendo S^t alegre for, a ya sido casi igual el deño encompetencia del una Tropa que cada Soldado vale por ciento; y no es esto lo pior, sino que ellos se haian deconfiado (los infieles) y no será fácil venir a las manos con ellos, de modo que se les pueda dar uno golpe decisivo, por que para mattarlos quatro ni ocho indios no vale la pena ne desnudar la espada; ni sirve esto para otra cosa que para probocarlos à cometer mayores robos y desordenes en las estancias. [...] fue pocos dias ha el Pueblo de S^{to} Thomé, y otra ô dos mas de las que se ayan desocupado de ir veres para que las criaturas Ancianos y Personas delicadas vengan con al comodidad posible, pero advierto a Vm que estando esos indios tan estragados en el modo de vivir sin religion y sin reglas, se les hara duro a muchos de ellos el venir a donde se vive christiana y regularmente aunq se estaban sin comprension mucho medios de todos modos para que el oficiais tome bien sus precauciones a fin de que no se le huyan en el camino¹⁰⁵.

Os procedimentos, no entanto, estavam sendo aplicados conforme as situações se apresentavam, contudo de uma certeza não podemos fugir: o entendimento militarizado que ocupou as atenções dos homens ibéricos nos anos de autogoverno¹⁰⁶ ainda continuava a repercutir com força nos anos subsequentes. As investigações foram feitas com a intenção de denominar os líderes indígenas. E foi justamente numa dessas operações que Joseph de

¹⁰³ Estas informações ficaram registradas por Joseph de Molina a partir de uma correspondência que foi remetida do povo de Santo Thomé no dia 09/02/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹⁰⁴ Foram analisadas 16 correspondências de Dⁿ Lucas Infante e em 12 delas registrou-se esta idéia, encontrando-se algumas vezes de forma clara o *golpe final*. Em outras, partindo de descrições que lembrassem o atraso das efetivações das ordens, Infante se utilizava de expressões como: *perda de tiempo*, ou ainda *necessitamos dar un basta*. Não conseguimos encontrar explicações plausíveis que caracterizem esta obsessão de Dⁿ Lucas Infante, contudo a mesma deve ter sido projetada após um ataque que o destacamento sofreu em meados do mês de dezembro de 1757. Por conta da documentação estar muito deteriorada, não podemos identificar o dia deste ataque porém sabemos que houveram alguns feridos na tropa comandada pelo oficial.

¹⁰⁵ Correspondência de Pedro Cevalos de San Borja para Dⁿ Lucas Infante, 03/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹⁰⁶ Autogoverno é uma denominação que se utiliza para referir-se aos episódios da Guerra Guaranítica ou do levante indígena.

Molina comprovou a participação do cacique *borjista*, Thimoteo Baheaba, como a liderança que tentava persuadir os índios vagantes para aliam-se a uma parcela de portugueses que haviam desertado das suas tropas e que estariam vivendo do saque de gado e de negociações nas proximidades das estâncias. Essa informação acabou sendo coletada através de quatro caciques: dois minuanos, *Mainorú* e *Martin*; e dois charruas, *Alboyaú* e *Cumandá*¹⁰⁷. O encontro ocorreu na estância de San Ángel¹⁰⁸ e expôs algo que já havia sido constatado por Lucas Infante, isto é, que o índio Thimoteo era o principal responsável pela permanência dos indígenas distante dos seus povos de origem, como prova o seguinte inquérito¹⁰⁹:

En el Campo delante dela Estancia de Sⁿ. Miguel a 3 de henero yo Dⁿ. Miguel Vidal, Alférez del Cuerpo de Drag^{es}. de Buenos Aires y Infante del destacamento de drag^{es}. que forma este campo, pasé a examinar el indio Tape que bajo se expassa en virtud de orden del Capⁿ. de Drag^{es}. Dⁿ. Lucas Infante Comandante del mismo destacam^{to}. para lo que dice comparecer ante mi â Juan Ignacio Delgado soldado Blandengue y interprete de la lengua Guarani al que tome juramento â Dios y Una Cruz de que exphueña (...) al mencionado Indio lo que se le perguntar y diría las respuestas q^o. aher (...) fielmente en cusa consecuencia (...) hice comparecer al Indio y preguntado como se llama y de que pueblo es

R----- Se llama Estanislau a Bacatu y q^o. es natural del pueblo de Sⁿ. Borja

P----- Como se havia en esta estancia

R----- Que vino llamado de su Cacique

P----- Si conoce a un Indio de su propia nacion llamado Thimotheo q es natur^l. de su mismo pueblo

R----- Que le conoce bien y que su apellido es Baheaba

P----- Si de pocos (...) ha tratado o hablado con el otro Indio Thimotheo

¹⁰⁷Este encontro ficou registrado em correspondência que o oficial português remeteu para Pedro de Cevalos em 01/02/1758. Segundo Molina, os caciques teriam lhe assegurado: *que habia con elles ninguno espanhol ô portugues pero que andavan algunos deles con o cacique Moreira*. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹⁰⁸Sobre a estância de San Ángel Custódio neste período conturbado de informações existe um interessante registro demográfico feito por Juan Ris de Bonnerval, o título do documento ficou como: *Noticia de los indios que han coxido en las cercanias del Pueblo de Sⁿ Angel, oy dia de la fecha*. O mesmo ainda traz as seguintes descrições: *Quar^l de Sⁿ Angel y enero 15 de 1758*;

<i>casamientos de Marido y Mujer</i>	98
<i>Mujeres solteras</i>	9
<i>Hombres solteros</i>	11
<i>Muchachos y muchachas de 10 a 12 años</i>	26
<i>Criaturas de tetas hasta 6 a 7 años</i>	55
<i>Total</i>	199

A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3

¹⁰⁹ Este inquérito faz parte de um seqüência de três inquéritos que encontramos arrolados nos documentos que analisamos no Archivo General de la Nación Argentina. A curiosidade e inquietação que envolve os mesmos se deu por uma observação feita: a falta das assinaturas dos índios que prestaram o depoimento a Dⁿ Felipe Infante. Pelas palavras daquele, os índios não haviam firmado firma porque não sabiam escrever, condição que acreditamos ser improcedente, haja vista que existem trabalhos como os de Eduardo Neumann, no qual provam que muitos indígenas no patamar de liderança sabiam ler e escrever. Contudo não descaracterizamos a abordagem feita pelo oficial pois a mesma representa um documento redigido na época, porém a maneira como relatou esta situação é algo pelo menos instigante. Para efeitos de plausibilidade o mesmo acabou convocando um indígena tradutor, este se chamava Juan Ignacio, contudo o referido índio não chegou a participar dos três inquéritos realizados, pelo contrário, cobriu apenas a confissão de Eugenio Tubuchain, um cacique de San Nicolás no dia 21/01/1758. O motivo pela escolha deste tradutor é que o mesmo seria *uno soldado blandengue ynteligente en el idioma guarany*. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

R----- Que no; pero si hablado con Dⁿ. (hijo de Thimotheo) indio de su parcialidad llamado Pablo Guary quien se halla como su padre con el expresado Thimotheo en la otra Banda del Ibicuy

P----- Si el atho Thimotheo y Pablo procuraban en su pueblo ynducir a los yndios q^c. no pasasen el Uruguay y viniesen a poblar las paragens ym mediatos a los Portugueses

R----- Que el otro Indio Pablo le dijo al que declara se fuese con el llebandose las familias, q^c. pudiese a la otra parte del Ibicuy qui allí estaban bien y que los Portugueses habian imbiado a los othros (...) Thimotheo y Pablo para que recogiesen todas las familias que pudiesen asi de aquel pueblo como de las estancias para que pasen el Ibicuy como lo han egecutado muchas q^c. tiene noticias e se hallan pasado el Ibicuy en la Capilla de Sⁿ. Thomé, q^c. esta de este pueblo, doce o quince leguas donde tienen rodeo de ganado y se hallan los otros indios Thimotheo y Pablo donde e ygualm^{te}. se hallan algunas familias de otros pueblos

P----- Si sabe que por el Padre Phelipe Ferder (...) de la Compañía de Jesus que se halla en esta estancia se han embiado recados (...) y amonestaciones a las expoçadas familias q^c. (...) hallan en Santo Thome para que se recojan (...) a este pueblo a estar prontas a cumplir las ordenes del Rey.

R----- Que es (...) y sabe que en virtud de estos recados y amonestaciones se han venido a esta estancia diferentes familias de las que estaban en aquel parage.

No habiendose q^c. y interrogar otra cosa mas al exparciado yndio y para conste lo firme y el exparciado ynterprete con el referido dia mes y ano. Dⁿ Miguel Vidal, Juan Delgado.¹¹⁰

A situação de Thimotheo Baheaba lembra um fato já clássico na historiografia que acabou envolvendo o padre Tadeo Hennis em 1754, quando o mesmo declarava explicitamente a sua indignação com um índio *borjista* que teria se oferecido "*a correr la tierra y recoger las cabezas de los padres que cortasen las espadas vencedoras de Gómez Freire*"¹¹¹. Este índio, na realidade teria desistido da vida reducional para viver junto dos índios minuanos. O mesmo tinha por hábito frequentar os bosques próximos às estâncias com a finalidade de praticar furtos. Certa feita, foi perseguido pelos índios de San Miguel e estes só não o mataram porque um certo sacerdote teria interceptado a ação. Logo após este fato o mesmo acabou sendo deportado para a redução de San Borja e lá chegando não demorou muito para persuadir outros indígenas a fugirem para as proximidades do rio Ibicuy. Esta insistência acabou lhe rendendo um reconhecimento por parte da tropa portuguesa como prova o discurso de Tadeo Hennis:

Con todo, no bastó esto para que este embustero perverso no se huyese otra vez, y se refugiase finalmente a los portugueses, quienes por estas esclarecidas hazañas lo hicieron corregidor (o principal del pueblo, como llaman los españoles) del pago que habían formado de los paisanos del dicho, y participantes de su suerte; y así lo recibieron solamene para que diese dictámenes contra su gente y compatriotas¹¹².

Não podemos afirmar se Thimoteo Baheaba era este mesmo índio apontado por Tadeo

¹¹⁰ A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹¹¹ HENNIS, Tadeo Xavier. *Diario histórico de la rebelión y guerra de los pueblos guaraníes, situados en la costa del río Uruguay, del año 1754*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1886, p. 32.

¹¹² Idem, p. 31.

Hennis, na ano de 1754, entretanto, as possibilidades são extremamente favoráveis para esta confirmação, principalmente se levarmos em consideração as semelhanças dos casos e a segurança que certamente deve ter sido garantida à este índio refrator que ajudava as tropas portuguesas. Pois como referiu Hennis, o mesmo lhes *proporcionava muitos acréscimos*¹¹³.

No caso de 1758, Thimoteo Baheaba e seu filho, Pablo Guary, ficaram constatadas como lideranças oriundas do povo de San Borja, porém, sabe-se também da existência de outras lideranças reducionais, como por exemplo os de *Dⁿ Vicente Guaracica* e *Dⁿ Antonio Curapa*, que faziam parte da redução de San Nicolás. O primeiro era Theniente e o segundo alcaide¹¹⁴, mas nenhum recebeu tantas atenções como o cacique *borjista*.

Esta situação estabeleceu um novo ritmo ao antigo espaço missioneiro e muitos procedimentos dos anos de auto-governo tiveram de ser mantidos, principalmente aqueles que previam um controle rígido por parte das saídas e entradas dos indígenas nas reduções, como consta o seguinte trecho:

Rmo Pe.

Esta mañana entraron en este Pueblo 303 indios que se han recogido en las campañas del Ibicui y que ha trato a su cargo el Alfez Miguel Vidal, y depues de haver descansado se ponen en camino para este Pueblo cuya noticias doy à V.R para que exercitamos su [...] piedad con estos pobres disponga que provisionalmente y mientras hay sus ranchos se alojen en los que habitan los que anteriormente han pisado a ese lado del Uruguay, asistimololes p^a su subsistencia en la misma forma q. V. R. lo esta haciendo con estos.
Sn Borja 20 de marzo de 1758¹¹⁵.

Os mesmos procedimentos de tempos passados voltavam a ser posto em prática no espaço missioneiro, porém, desta vez as informações passaram a ser feitas de maneira mais detalhada, no sentido de saber o paradeiro de Thimoteo, e por conseguinte as ações que aquele praticava com a finalidade de realizar a unificação que pretendia entre os indígenas e a parcela de portugueses desertores que se encontravam distribuídos em localidades próximas das estâncias.

É impossível, entretando, traçarmos alguma semelhança entre estes fatos e os que

¹¹³Devemos alertar que o religioso não referiu o nome do índio *borjista* nos fatos vinculados ao ano de 1754. Esta condição deve ser observada para não evitar uma possível confusão com outro índio da época, também minuano que se chamava Moreira. Este também mereceu as atenções de Hennis e ficou registrado por ter participado de uma negociação que envolveu os portugueses, ou como referiu o religioso: *Sospecho que el gentil había sido sobornado por los portuguese, para que persuadiese la retirada al ejército; porque ¿quién dará entero crédito a una gente infiel?* (HENNIS, op.cit., p. 31). Moreira ainda teria carregado as bagagens dos portugueses durante a expedição (idem, p. 44).

¹¹⁴ Estas informações fazem parte do depoimento de Eugenio Tubuchain, cacique de San Nicolás no dia 21/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹¹⁵ Correspondência de Joseph de Molina para Fran^{co} Xavier Limp. A.G.N.A. Sala IX 6.10.3.

envolveram as lideranças no episódio da *Guerra Guaranítica*, até mesmo porque não encontramos nenhuma documentação que demonstre o desfecho dos fatos vinculados ao ano de 1758. Apesar disso, a sequência dos fatos e as realidades descritas no ano de 1758 se equiparam muito as que envolveram os anos de *Guerra Guaranítica*, principalmente no que diz respeito à busca incansável por novas informações. Estas acabaram reproduzindo os mesmos problemas que envolveram a sequência do Tratado de Madri, isto é, várias informações (muitas delas forjadas), com a intenção de satisfazer interesses particulares de certos personagens.

A essa altura a tática do nomadismo indígena prevalecia sobre as buscas militares e estas, não tendo mais a que recorrer, forçaram a adoção de um sentido de resguardo às estâncias, fortalecendo a toda prova os discursos de dominação. No entanto, as buscas ganharam nova força a partir de um saque de 70 cavalos, em Salto [sic!]¹¹⁶. A repercussão deste episódio foi tamanha que seus efeitos foram sentidos pelos representantes do povo de San Borja:

Examine a todos sus compañeros uno por uno, ã ver si con verdad se le atribuye dicho hurto, ô a alguno de sus compañeros, y lo mismo ha hecho el Corregidor con todo el Cabildo, y con todo empeño, y no hemos podido descubrir nada, y me aseguran todos que esse furto han hecho unos Infieles, que tienen 3 Borgistas por vaqueanos, y el uno de ellos se arrimo a los Estancieros de esse Pueblo, y lo conto como se han hecho¹¹⁷.

Mais uma vez a redução de San Francisco de Borja se encontrava envolvida em uma situação de saque, o que é perfeitamente compreensível, já que as atenções voltavam-se para a mesma por circunstância das ações de Thimoteo. No entanto, esta atribuição depende de maiores informações, pois existe a possibilidade que tal acusação tenha sido feita para não expor outros personagens que estariam envolvidos no mesmo, no caso, soldados blandengues¹¹⁸ que teriam se ocupado da condição de peões para saquear os gados das estâncias¹¹⁹.

A hipótese do roubo ser atribuído à participação dos blandengues não diminui a

¹¹⁶ Acredita-se se tratar do Salto do Yucumã ou Grande Salto Moconã; fronteira argentino-brasileira entre San Pedro, província de Misiones, Argentina e cidade de Tenente Portela, estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

¹¹⁷ Correspondência do Capelão Francisco Serdaheli para Pedro de Cevalos, Yapeyu, 04/03/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹¹⁸ Corpo de cavalaria, formado por paisanos, civis, incorporados ao exército [espanhol]. Nota de Tau Golin, 1999, p. 454.

¹¹⁹ Esta descrição foi feita por Dⁿ Ricardo Wall (ministro dos interesses espanhóis) no dia 20/02/1758 e faz parte de uma correspondência que acabou sendo enviada para Francisco Graell. Esta possibilidade por sua vez, já havia sido alertada dezesseis dias antes do fato descrito, quando em 04/02/1758, Francisco Bruno de Zavala chamou a atenção de Pedro de Cevalos para uma possibilidade real de desordem por parte dos soldados blandengues. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

responsabilidade de alguns personagens da redução de San Borja, pelo contrário fortalece ainda mais a interpretação de que os mesmos agiam conforme as oportunidades se apresentavam. No entanto, a repercussão do caso, acabou motivando a seguinte ordem interna:

Pueblo de Sⁿ. Borja oct^o. 19 de 1758

El sargento de la Guardia del Uruguay hara que las Balsas que sirven para el transito del mismo Rio en el paso donde esta situado queden de noche en la costa oriental de él, inmediscitar a la refluída Guardia con los indios que las gobiernan y tendrá especial cuidado de que de esta parte no se transfiera a la otra, ninguna persona que no presentare licencia firmada de mi mano como le está prevenido en las ordenes que se devem obserbar en aquel puesto. De dia se podrá mantener una q otras balsas en la otra banda por si vinieren otros indios para relebrar a los que en ellos estan empleados conforme lo dispusiere el Pe. Cura del Pueblo de Sto. Thomé, a quién avisará el referido sargento de esta disposición pero devera igualmente celar que con este motivo no pasen a esta banda ninguna de las mujeres de los indios ni aun de estos no presentando papel de otro Pe. Cura, pues de lo contrario será responsable¹²⁰.

O ano de 1758, vale apontar, exige um cuidado especial, pois foi um período no qual as dúvidas acabaram ganhando mais repercussão que os fatos consumados devido a possibilidade real de novas mudanças. Em vários momentos as tratativas acabaram sendo comprometidas por conta desta característica, como prova a seguinte passagem:

Parece que el P^e. Soto, dice que no tiene noticia se allan indios dispersos en la estancia de Sⁿ. Mig^l. Y los Borgistas que se prevenia estan en ella, ha avido noticia se hallan con alguno ganado en marcha para Sⁿ. Christobal huyendo de los infieles q^e. llevaban de Batovi aci el Rio Negro.¹²¹

A indecisão expressa neste caso expõe com propriedade os dilemas do período em questão, e serve de argumento para justificar um fato que já vinha ocorrendo desde a época do levante indígena: a necessidade de descobrir os culpados para uma série de situações que ainda se encontravam sem explicação. Essa interpretação foi levada em consideração para averiguar a situação do padre da redução de San Nicolás, Joseph Unger¹²². O mesmo ainda mantinha uma boa relação com os índios vagantes no ano de 1758, e pretendia em efeito, organizar uma nova redução, como indica a declaração do índio *nicolaísta* Dⁿ Calixto Ñapuny:

¹²⁰Não existe o registro de firma do autor deste Registro Interno, contudo por conta da grafia sabe-se que foi uma determinação feita pelo Governador de Buenos Aires, Pedro de Cevallos. A.G.N.A. Sala IX: 06.10.03

¹²¹Carta de 12/02/1758 de Joseph de Molina para Pedro de Cevallos. A.G.N.A. Sala IX: 06.10.03

¹²²Padre José Unger (1717-1782). Natural de Schönbach (Boêmia, Tchecoslovaquia). Entrou na Companhia de Jesus em 1737, na Boêmia. Chegou a Buenos Aires em primeiro de janeiro de 1749. Fez os últimos votos em Santa Ana (Misiones, Argentina), 1752. Foi missionário, em São Lourenço e São Nicolau. Nota de Tau Golin, 1999, p. 504.

En el mismo dia mes y año pareceo ante señores a thos comandantes al Dⁿ. Calixto Ñapunay cacique de la expresada nacion Tape y haviendole preguntado como se llama y que nacion es

R----- Que se llama Dⁿ. Calixto Ñapunay y que es cazique de la nacion Tape

P----- Si jura â Dios y a una cruz de decir verdad en lo que fuere preguntado

R----- Que si

P----- De que pueblo es

R----- Que es del pueblo de Sⁿ. Nicolás

P----- Que adonde tiene al presente su domicilio y familia

R----- Que tiene su domicilio con su familia en la estancia de Sⁿ. Nicolás junto con otros indios de que tiene formado un pueblecito el Padre Jph Unger de la Compañía de Jesus

P----- Si sabe que el terreno de esta estancia havia algunos indios de los que huriron de sus pueblos cuando entro el ejército de S.M.

R----- Que no sabe ni tiene noticia que en todo el terreno de su estancia haia ningun indio de los que huvieron de los pueblos, pues todos los que havia en aquel territorio los ha recogido el expresado Padre y estan juntos pacifica y quietos en el referido pueblecito

P----- Que edad tiene y si sabe firmar

R----- Que le parece tendia cuarenta años con certa diferencia y que no sabes firmar pero se ratifica en al declar^{on}. que reba hecha y los firmaron los referidos señores comandantes y los ynterpretes de que [sic] fue en el referido dia mes y año¹²³.

O teor deste inquérito acabou exigindo novas explicações e o objetivo das mesmas era reunir argumentos suficientes que pudessem incriminar o referido padre, tanto pelo pretendia organizar, quanto por ações que teria se envolvido nos anos de *Guerra Guaranítica*. No entanto, o roubo dos 70 cavalos do Salto ainda repercutia com muita força no período e isto resultou um clima de incerteza que acabou sendo benéfico para o padre Joseph Unger, pois lhe deu possibilidades para defender-se de tais acusações e ainda colocar mais incertezas sob as ações que vinham sendo coordenadas por Dⁿ Lucas Infante e Joseph de Molina, como prova a seguinte documentação:

Tocante la pregunta que me hazen se tengo noticia alguna de unos indios dispersos y fugitivos por estos contornos del Pueblecito ô Estancia, no puedo contestar con otra, sino que informando con toda diligencia no hallarse otros indios en esta Estancia que los pertenecientes â esta misma agregación¹²⁴.

A maneira como se portou o padre Unger diante das acusações expõe muito bem o que foi o ano de 1758. Ou seja, os personagens se portavam a partir de ações dissimulativas. É evidente que o padre Unger sabia diferenciar os indigenas que se encontravam dispostos na localidade que ele estava atuando. Contudo, em hipótese alguma, haveria de revelar a verdadeira realidade, pois isto inevitavelmente poderia lhe reverter sérias consequências.

Por fim, qualquer ato de desordem que tenha ocorrido nas estâncias no ano de 1758, são justificáveis pela importância ancestral que estes espaços tiveram para os indígenas. Os

¹²³ Inquérito realizado no campo de San Ángel por Dⁿ Lucas Infante e Joseph de Molina em 25/04/1758 A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

¹²⁴ Padre Joseph Unger da estância de San Nicolás em 20 de Abril de 1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

atos demonstram o sentimento de pertença desses personagens perante tais localidades, pois nelas estavam as suas referências. E foi justamente esta característica que lhes diferenciou em relação aos homens ibéricos, pois estes enquanto agentes do Estado, não procuraram satisfazer outros interesses que não somente aplicar uma política burocrática para localidades que eles próprios acabaram descaracterizando quando decidiram levar a cabo os embates que envolveram a *Guerra Guaranítica*.

3.2 SER REFROTÁRIO: UMA CARACTERÍSTICA DA DIVERSIDADE REDUCIONAL QUE ACABOU RESULTANDO NA RECUSA BORJISTA AO LEVANTE

Desde o primeiro capítulo viemos deixando subentendido que o fenômeno da *diversidade reducional* foi decisivo para a série de problemas que envolveram a redução de San Francisco de Borja. Na realidade, foi uma característica que antecedeu a sua fundação e, com o passar dos anos, foi se consolidando até fazer parte da cultura de seus personagens. E é justamente nesta característica que apoiaremos as nossas reflexões para representar os motivos que levaram a redução a não apoiar o levante indígena nos anos de auto-governo.

A guerra em si não foi o objeto central das nossas explicações. Optamos em demonstrar o que ocorreu posteriormente a ela e às repercussões deixadas por estas ações na região missioneira. Para isso tivemos de recorrer às estâncias pois acreditávamos que nestas localidades estariam os personagens que acabaram ficando *desassistidos* no período pós-guerra.

A experiência das estâncias tem demonstrado que existiram outras práticas sócio-culturais que vão além da condição *ganadera* que envolveu as mesmas. A condição econômica e de subsistência só foram possíveis porque existiram ações que vão de encontro ao processo de relação cultural que o homem estabelece no decorrer da sua história. E foi pensando nisso que muitos indígenas e padres se colocaram em direção a tais localidades. Pois nelas (nas estâncias) a organização se dava pelo sentido de confluências socioculturais e étnicas com o princípio de inserir ou integrar culturas distintas e complexas. No entanto, tais refúgios não demorariam muito para serem descobertos e logo foi organizada uma operação que denominamos como *força-tarefa*. O objetivo da mesma foi dismantelar uma possível unificação entre as várias *parcelas culturais* que existiam na época, pois o fortalecimento das mesmas poderia resultar em novos problemas para o poder vigente.

Indiferente do que tenha resultado esta operação, a situação da região missioneira era

repleta de dúvidas tanto para aqueles que se encontravam na condição de *refugiados*, quanto para aqueles que investigavam o paradeiro dos mesmos. Foi uma época que fechou um ciclo conturbado da história missioneira, pois até então o que se percebia era a existência de uma realidade que antecedia o levante e uma realidade posterior ao mesmo. San Borja, por sua vez enquanto redução foi envolvida em ambos períodos sem sequer ter participado diretamente dos mesmos.

Diante de tudo isto cabe a seguinte pergunta: onde estiveram os índios *borjistas* nestes dois momentos? De imediato respondemos: nas estâncias reducionistas.

Este é um dado significativo que deve ser levado em consideração para discutir o não envolvimento da redução *borjista* em questões tão decisivas como a que envolveu a *Guerra Guaranítica*. Depois de concluída a guerra os índios puderam demonstrar seu verdadeiro interesse: pretendiam viver em liberdade e poder partilhar de situações que lembrassem o seu passado infiel/ancestral. E para alcançar esses objetivos, não escolheram alternativas, portanto, poderia ser alcançada a partir de um retorno a uma vida nômade e infiel ou partilhando a sobredita liberdade com alguns portugueses desertores que também se encontravam em condições semelhantes a que estavam procurando (preferencialmente próximo às estâncias).

Não descartamos nenhuma das possibilidades e se tratando de San Borja é possível inclusive que tenha ocorrido as duas. Sobre a condição dos *borjistas* terem optado em retomar as suas vidas como *índios nômades* é algo até compreensível se observarmos o histórico que envolve esta redução a partir da sua fundação. O que poderia ser impactante mas também não é o caso, seria a possibilidade destes indígenas terem retomado as suas vidas ao lado dos portugueses, mas isto também se apresenta como uma possibilidade real quando observamos os esforços que fez *Thimoteo Baheaba* para que isso ocorresse. No que envolve o campo historiográfico esta realidade tem se mostrado muito real, e os indicativos passaram a ser mais plausíveis a partir daquelas reduções que presenciaram a sobredita diversidade reducional – casos das reduções do *bloco* – Yapeyu, La Cruz, Santo Thomé e San Borja¹²⁵.

A fim de discutirmos essa realidade para a redução de San Borja, utilizaremos alguns casos que separamos especificamente. O primeiro diz respeito a um fato que envolve a expulsão do antigo padre da redução, chamado Jaime Mascaró¹²⁶. Este ocorrido, já clássico na historiografia, foi a prova que faltava para demonstrar que os *borjistas* já estavam

¹²⁵ Para compreender esse processo, ver: Garcia (2009); Baptista(2009); Levinton (2008).

¹²⁶Era natural de Palma, cidadela da região de Maiorca. Ingressou na Companhia de Jesus em 06 de outubro de 1740. In: Furlong (1962).

descontentes com tudo que havia sido projetado ao longo da sua história. Segundo palavras do próprio religioso os mesmos procuravam com a sua expulsão garantir a própria liberdade, tanto administrativa quanto religiosa¹²⁷.

A partir deste registro chegamos à conclusão de que a redução, em vários momentos, foi tratada como culpada pelas situações refratárias, porque os fatos exigiam uma agilidade nas investigações, mas, na prática, não significava uma agilidade, mas sim uma desculpa rotineira que certos personagens se utilizavam para evitar maiores problemas no sentido de advertências superiores (tanto eclesiástica quanto metropolitana). Diante disso, era mais cômodo jogar a responsabilidade dos fatos naquela que era uma redução “problemática por origem” do que chegar aos seus verdadeiros culpados.

Os culpados, por sua vez, não representavam o contingente total da redução, mas sim uma minoria que não se identificava como sendo parte da mesma, justamente porque eram oriundos de outras localidades ou com outras culturas, como foram os *Guenoas*. Já os responsáveis pelas acusações, cientes desta realidade, se ocupavam da situação para demonstrar serviço ou para diminuir o esforço de ter que denominar seus envolvidos. Portanto, a acomodação acabava se sobressaindo perante os problemas.

Não pretendemos dizer com isto que a redução não tinha culpabilidade pelos transtornos, contudo, acreditamos que os seus indígenas praticavam ações refratárias porque o espaço à qual estavam inseridos favorecia as mesmas. Tanto a nível interno quanto externo, levando-se em consideração a redução e o local onde foi alocada.

A interpretação de Mascaró é uma prova do que acabamos de descrever, pois ao apontar que os indígenas queriam liberdade, tanto administrativa, quanto religiosa, já demonstrava que eles estavam insatisfeitos com o modelo reducional empregado. Temos uma interpretação formulada sobre o problema: acreditamos que os mesmos queriam a liberdade para escolher o que era melhor para a sua própria cultura e isto ficou demonstrado na negociação que envolveu a redução e Bernardo Nusdorffer quando do episódio de transmigração:

Dia 10 de abril, vim a São Borja e falei aos índios. Estiveram todos de acordo em que não queriam estar sujeitos aos portugueses, mas ficar sob o domínio da Espanha. Mas, quanto ao lugar de sua mudança, houve diversidade de pareceres. Uns queriam ir a seus Ervais ("Yerbales"), sendo eles terras de seus avós, conquanto perto de/do Rio Grande. E transferi-los para lá era o mesmo que entregá-los aos portugueses. Propuseram-me depois, por instigação de seu cura [Jaime Mascaró], o corregedor e

¹²⁷Esta passagem faz parte de uma declaração feita pelo mesmo e esta no anexo deste trabalho e foi retirada de: ESCANDÓN, Juan. *História da transmigração dos sete povos orientais*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1961 [1804],p. 201-204.

tenente as terras do Queguai e apresentaram um mapa, em que estavam as que pediam. Não eram decerto menos que as situadas entre o Queguai e Rio Pardo, compreendido o de Baldés, que já se tinha destinado aos de São Miguel. Não lhes podia eu aprovar nem uma nem outra petição: portanto, não o território do rio Negro para os miguelistas nem o de Queguai, porque nestes mesmos dias me havia escrito o Pe. Antônio Estélez, S. J., que os yapeyuanos queriam dividir-se em duas partes e tinham ido ao Queguai, para escolherem um posto para seu povoado. E era para que outros "pueblos" em busca de terras não lhes as fossem tirar. Por não se saber em que banda a escolhessem, não se podia conceder aos borjistas o tal do rio, até ver o território que os yapeyuanos haveriam de escolher para si, visto terem mais direito¹²⁸.

Frente as condições, os indígenas e padres da redução de San Borja foram os primeiros a se colocara a caminho das localidades propostas para a transmigração¹²⁹, estabelecendo-se justamente em um posto que ficava nas proximidades do Queguai, chamado *San Fernando*. Em depoimento concedido no dia 04 de novembro de 1759, para Don Diego de Sallas¹³⁰, no quartel general de San Borja o *Ingeniero español* Don Juan Francisco Sobrecasos declarava:

que en 1752, cuando el Marqués de Valdelirios les intimó la orden de desocupar los siete pueblos, fué público y notorio que algunos pueblos hicieron sus disposiciones para mudarse; el de San Borja tennía ya hechos muchos edificios e iglesia en terreno llamado San Fernando, a la costa del Uruguay¹³¹.

Estas informações confirmaram o depoimento concedido no dia 08 de outubro, por Fernando Tucú, um Alcaide Mayor da redução. Porém, o indígena trouxe uma contribuição no sentido de demonstrar o motivo que levou os *borjistas* a retornarem para a sua antiga redução: segundo ele, isso fora reflexo de um ataque que haviam sofrido por grupos infieis¹³². Este caso chegou a ser descrito por Bernardo Nusdorffer no ano de 1753, entretanto, o mesmo tratou o assunto como algo que tivesse sido inventado pelos *borjistas* com a intenção de

¹²⁸TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Ed. Unisinos, 2002, p. 268

¹²⁹Este deslocamento aconteceu no dia 25 de outubro de 1753 e foi acompanhado pelo padre Miguel Marinón. Dias depois acontecia o traslado dos índios de San Lourenzo para o posto chamado *Tuyun-Guazu* e o responsável pela condução foi justamente o padre que acabou sendo expulso da redução borjista, Jaime Mascaró. Estas informações constam em: TESCHAUER, op. cit., p. 332.

¹³⁰Don Diego de Sallas foi coronel de Infantaria e major general do exército espanhol. Foi encarregado por ordens do Governador de Buenos Aires Don Pedro de Cevallos a promover uma averiguação sobre os autores da rebelião indígena. Na realidade ele deveria dar continuidade a uma averiguação que já havia começado no ano de 1756 pelo então Governador Don José Andonaegui. Ao todo foram 76 depoimentos coletados por Sallas e estes variavam desde lideranças indígenas até os representantes espanhóis que haviam participado no episódio. Os indígenas foram ouvidos e Itapúa atual Encarnación (Paraguai), já os oficiais no quartel general de São Borja. A averiguação iniciou em 23 de setembro e foi concluída em 11 de novembro de 1759. A ordem dada por Cevallos para que o mesmo colocasse em prática a averiguação e parte destes depoimentos disponibilizamos no anexo deste trabalho.

¹³¹PASTELLS, Pablo. *História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolíviay Brasil)*. Tomo VIII, primera parte 1751-1760, p. 597.

¹³²Depoimento de Fernando Tucú a Diego de Sallas. In: PASTELLS, op. Cit., p. 582-583. Juan Escandón (op.cit., p.97) descreve que os mesmos teriam retornado mais de meio ano depois das suas partidas [sic.]. Alega que os indígenas estavam cansados de estar longe de sua antiga pátria [sic.], ou seja não faz alusão alguma ao ataque que os indígenas sofreram.

retornarem a sua antiga redução¹³³.

Não sabemos ao certo até que ponto esta análise de Nusdorffer é confiável, mas reconhecendo o seu temperamento, bem como a mágoa que possuía em relação à redução, é provável que estas declarações tenham sido feitas para justificar um rancor pessoal e não para solucionar o problema¹³⁴, fazendo lembrar o caso que abordamos no início deste estudo quando expusemos a situação de Segismundo Asperger. O fato é que foram deslocados para o Queguai em torno de 120 a 150 *borjistas*¹³⁵ e, dadas as proporções, era um contingente pequeno se considerarmos que existiam outros grupos indígenas no meio do caminho que, com certeza, eram mais compactos que esta população descrita.

É evidente que houve certa motivação de Bernardo Nusdorffer em estimular o restante das transmigrações a partir de San Borja. Não sabemos ao certo até que ponto isto foi benéfico para o processo, pois as reduções podem ter interpretado esta ação como um exemplo de traição e não como um incentivo às suas realizações. O fato é que a transmigração foi cumprida rapidamente, o que fez com que o próprio Governador de Buenos Aires, Joseph de Andonaegui y Plaza¹³⁶, escrevesse uma carta elogiando a redução pelo feito. O mesmo ainda determinou que esta carta fosse traduzida para a língua guaraní e comunicada aos demais povos do Uruguai e também aos do Paraná. Segundo Nusdorffer:

Reparou-se na carta que, tendo-se mudado de modo igual dois "pueblos", isto é, o de São Lourenço e o de São Borja, o governador louvava apenas os índios de São Borja, não fazendo menção dos de São Lourenço. É possível que isso se tenha dado ou por equívoco do escrivão ou pelo fato do padre comissário ter-se esquecido dos

¹³³Sobre essa situação ver: TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Ed. Unisinos, 2002, Teschauer, p. 286-288.

¹³⁴A repulsa que Bernardo Nusdorffer sentia pela redução foi algo fora do comum e isto se manteve até o seu leito de morte, pois ficou registrado na sua última correspondência. A mesma teria sido escrita no dia 15 de março de 1761 em San Carlos. Nesta o referido religioso se sensibilizou com a situação que acabou envolvendo as reduções orientais do rio Uruguai após o levante indígena. Nesse sentido, fez questão de afirmar que os indígenas tinham se mostrado morosos em regressar a seus velhos lares porque lhes faltava tudo. No caso de San Nicolás, San Luís e San Ángel os mesmos ainda tinham o que comer, o gado. Diferente dos povos de San Lorenzo, San Juan e San Miguel que não poderiam mais contar com este produto porque os portugueses já haviam arrasado com tudo. O mais interessante de toda esta comoção de Nusdorffer é que ele se lembrou de seis povos orientais menos de San Borja, talvez porque a redução não merecesse ser lembrada nos seus últimos dias de vida. Informações contidas em: FURLONG, Guillermo. *Bernardo Nusdorffer y su "Novena Parte"*. Ediciones Theoria. Buenos Aires, 1971, p. 92

¹³⁵Nusdorffer se contradiz na quantidade que se colocou a caminho do Queguai. Num primeiro momento ele coloca que o padre Marinón havia partido com 150 índios. In: TESCHAUER op.cit., 291. Em um segundo momento ele menciona que estavam mudados 120 a 130 borjistas, conquanto sem as suas respectivas famílias, por causa da vizinhança dos charruas infieis [sic.]. In: idem, op.cit., 332. Juan Escandón, por sua vez, não estipulou um número exato para a população que se colocou a caminho para o Queguai, mas declarou que o povo se deslocou com cento e tantas carroças e carretas de telhado, indo em companhia de outro missionário, o P. Miguel de Soto [sic.] (op.cit., p. 97).

¹³⁶ Joseph de Andonaegui y Plaza (1680-1761). Nasceu em Marquina, província de Vizcaya, Espanha. Assumiu o governo em Buenos Aires em 9 de agosto de 1745. Foi substituído por Pedro de Cevallos, em 1756. Morreu em Madri no dia 3 de setembro de 1761. Nota de Tau Golin, 2004, p. 268.

lourencistas, não havendo, pois, informado que igualmente os dois povos tinham enviado gente e se haviam mudado. Assim ele terá possuído lembranças mais vivas de São Borja que de São Lourenço¹³⁷.

Não entraremos mais nos méritos da questão que envolveu o religioso e a redução *borjista*, até porque acreditamos já ter provado o remorso que envolvia a vida desse cidadão em referência à mesma. Quanto a questão da carta, percebe-se que o governador esqueceu de mencionar San Lorenzo propositadamente, isto é, não foi um equívoco do escrivão, como chegou a deduzir Nusdorffer. E isto foi feito com a intenção de engrandecer a transmigração de San Borja, pois a mesma possuía uma importância diplomática no processo, não só pela evolução dos trabalhos pretendidos como pela importância logística que representava¹³⁸.

Para San Borja esta política de exaltação acabou lhe rendendo oportunidades, para interpretar e decidir o que era mais conveniente de se colocar em prática. Isto também explica o não envolvimento dos seus indígenas na *Guerra Guaranítica*. Os mesmos perceberam que tal opção não lhes garantiria permanecer nas suas dependências reducionistas. A continuidade, por sua vez, dependia da dissimulação empregada¹³⁹.

Relatamos isto por conta de uma experiência particular, a qual envolveu nossa pesquisa. Quando passamos a encontrar explicações para o motivo que havia levado os *borjistas* a deslocarem-se para as proximidades do Queguai¹⁴⁰, sabíamos da localização deste espaço e reconhecíamos a distância significativa que estava da redução de San Borja¹⁴¹, contudo, não encontrávamos explicações plausíveis para esta opção. Por fim, numa documentação de 1743¹⁴², tudo ganharia sentido: a região do Queguai dava todo o suporte necessário para acomodar os grupos indígenas ditos nômades e infieis. Tal região era composta pela chamada Vacaría do Rio Negro e isto tinha uma importância fundamental, pois já havia possibilitado um sentido de confluência entre as reduções que a formalizaram¹⁴³. Em

¹³⁷TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Ed. Unisinos, 2002, p. 350

¹³⁸Mais uma vez fica demonstrada a importância do centro conversor que coube à redução de San Francisco Borja, pois, neste caso ficou nítido que a redução era um referência, já que seu consentimento significava espaço aberto para qualquer ação desejada.

¹³⁹Esta interpretação ficou constatada em todos os depoimentos que Diego de Sallas coletou dos *borjistas*. Efetivamente existia somente três lugares que agradavam os personagens da redução: o Queguai, a redução de Santo Thomé e a própria redução, ou seja, espaços que comportavam alguma referência ancestral e temporal para os mesmos.

¹⁴⁰A região do Queguai assim como o rio Queguai ficavam ao sul da Estância de Yapeyu. Atualmente o Queguai faz parte da província de Entre-Ríos, Argentina.

¹⁴¹Aproximadamente 250 quilômetros separavam o Queguai da redução de San Francisco Borja.

¹⁴²Correspondência de 30/04/1743, do Pe. Ribas [sic!] para o Pe. provincial Antonio Machoni relatando um caso no qual envolvia os *charruas*, quando os mesmos se encontravam em fuga dos espanhóis e por conta disto procuraram garantir refúgio no espaço descrito. Entendimento que aparentemente foi bem aceito por Ribas que na oportunidade chegou a declarar que os mesmos não faziam mal algum aos índios da sua redução. A.G.N.A. Sala IX: 6.9.7.

¹⁴³ Segundo o pesquisador Norberto Levinton (2009b: 254), a Vacaria do Rio Negro foi consolidada pelos

tese, o Queguai, se constituía por ser uma região que comportava todas as possíveis identificações culturais do indígena. Esta característica deve ter atraído os *borjistas* por conta das circunstâncias impostas, pois se mostrava como uma possibilidade concreta para aproximar-se dos grupos indígenas aos quais já mantinha uma relação muito estreita a partir da política da diversidade reducional.

Esta situação, por si só, poderia responder o sentido “descompromissado” que classicamente ficou aplicado para a redução de San Borja, porém, a justificativa acaba se tornando pouco plausível perto do que representou tal situação na época.

O resultado final do Tratado de Madri e, por conseguinte, o levante indígena, não solucionaram os vários interesses e necessidades que o momento exigia. Estes, em realidade, sequer justificaram os anseios que predominavam a realidade destes povos. Neste sentido, San Borja, demonstrou na prática como os problemas deveriam ser solucionados, pois nada era alcançado sem dissimulação.

O acidental, neste caso, teria sido se a redução tivesse participado do levante, pois sempre se comportou de maneira distinta aos interesses que envolveram os povos da banda oriental do rio Uruguai. Esta condição foi observada certa vez pelo pesquisador Arthur Rabuske, e o mesmo acabou fazendo o seguinte comentário: “Com isso não está dito, porém, em absoluto que os *borjistas* fossem mais pacíficos que os índios restantes. Sabendo-se de sua conduta real, poderia dizer-se até que ao contrário. Na verdade eram apenas, de certo ponto mais espertos e diplomatas”¹⁴⁴.

Avançando um pouco mais nesta explicação e já encaminhando a conclusão desse capítulo, deixamos registrado que os *borjistas* foram tão espertos e diplomáticos que acabaram usufruindo das estâncias para confirmar situações que sempre movimentaram o seu cotidiano de interesses. Frente a esta realidade resta o exemplo de que o conjunto reducional na prática foi uma aplicação que procurou alcançar um sucesso desejado. Porém, o mesmo era envolvido por situações distintas e independentes, ou seja, o que prevalecia acima de tudo era o sucesso individual de cada redução e para isso ser possível cada uma procurou satisfazer suas necessidades particulares. Neste caso não a infração foi aceita por parte dos representantes do poder vigente e religioso. E foi dentro desse cenário de interesses que a redução de San Francisco de Borja foi envolvida e como tal soube tirar proveito em algumas

esforços das três reduções ocidentais no ano de 1700: Yapeyu teria cedido 4.000 reses, Santo Thomé de 10 a 12.000 reses e La Cruz 30.000 reses. Para saber mais sobre esta vacaria assim como a vacaria dos Pinhais ver: DE MASY, Rafael Carbonell. Técnica e tecnologia agrárias apropriadas en las misiones guaraníes. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XV, n. 1, junho, 1989.

¹⁴⁴RABUSKE, Artur. S.J. O povo de São Borja entre os anos de 1750 e 1757. In: *V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Anais*. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985, p. 126.

situações e em outras acabou ficando com a fama de redução refratária. Contudo parte dessa característica reproduz exatamente a época da sua fundação, ou seja, quando o que se buscava era preencher e garantir um vazio administrativo e cultural que o projeto reducional ainda não havia alcançado. Portanto o caso de San Borja demonstra uma política de época, ou melhor, uma política reducional que procurou enquadrar-se dentro de um cenário que lhe envolvia: o colonial.

CONCLUSÃO

Logo na introdução deste estudo chamamos a atenção para algo muito peculiar do povo *borjista*, que constava nas palavras do índio Eleutério Añendae. As mesmas davam um indicativo de que as nossas abordagens seriam feitas para responder a diferença cultural que existiu na redução de San Francisco de Borja. Representar a condição refratária que envolveu a redução em comparação com as demais que foram estabelecidas na margem esquerda do rio Uruguai provou as atratividades que envolvem uma proposta pautada sobre o conceito da *diversidade reducional*.

Em nossa análise, procuramos demonstrar o máximo possível de fatos relacionados a este que parece ter sido o mais “problemático” dentre os *sete povos das missões*. A pesquisa sem dúvida, foi a tarefa mais conturbada e pesada de todo processo, contudo o esforço despendido foi ficando mais leve a partir do momento que os resultados começaram a aparecer.

Foi com muito cuidado que atravessamos o famoso rio Uruguai e durante estas transposições podemos observar os passos e as capelas que existiam. Aliás, a finalidade maior sempre foi fortalecer o sentimento de pertença daqueles que compunham a mesma essência cultural que no decorrer dos fatos, acabaram se tornando referências de identificação.

Ainda na busca por tais referências acabamos adentrando nas estâncias e nestas reconhecemos outras culturas, não muito distintas das que já havíamos analisado, porém se mostravam diferentes pelo momento que se encontravam. Acabamos conhecendo uma série de personagens que até então eram desconhecidos no campo historiográfico. Infelizmente, não podemos dar atenção a todos, mas conseguimos identificar e analisar a maioria dos problemas dos quais foram envolvidos.

Por ações que envolveram o ano de 1758, foi possível perceber muitas continuidades de 1754 e 1756, o que influenciava na forma de interpretar os fatos não resolvidos pela *Guerra Guaranítica*. Porém, também existiram diferenças, e uma delas foi que a esperança

acabou sendo substituída pela incerteza. No entanto, até nessa situação existe a possibilidade de explicação se atentarmos para a maneira como foram conduzidos os *mini-inquéritos* nas antigas estâncias reducionais.

Em referência a negociação do Tratado de Madri, lançamos a suspeita que existiram negociações secretas entre as partes envolvidas na América Meridional no que diz respeito à Companhia de Jesus e a égide lusitana. Essa problemática, assim como os personagens e demais fatores vinculados a ela, compôs e fez parte de uma contextualização abrangente que envolvia todo um entendimento do período colonial. Aliás, esta realidade foi sendo reproduzida de forma gradual no decorrer da pesquisa e provou que projeto reducional e espaço missionário fazem parte do mesmo processo histórico de interpretação: o colonial. Essa interpretação prova que a manutenção das verdades passadas como absolutas são circunstâncias desta separação equivocada.

O projeto reducional, a partir de uma concepção macro-analítica, serviu a uma construção constante do poder metropolitano, transformando-se num instrumento necessário e possível para elevar as garantias e os interesses coloniais da Coroa espanhola. Esta interpretação no entanto, não pode servir para firmar conceitos generalizantes como reflete o enunciado *Sete Povos das Missões*. A generalização, neste caso, repercute vários equívocos de produção e estes não se resumem apenas às reduções propriamente ditas, mas sim a um conjunto de fatores do período colonial. Por esse motivo o pesquisador Guillermo Wilde (2006:12) fez o seguinte alerta: “cuando hablamos de “espacio misional” no deberíamos referirnos solamente al territorio, el espacio urbano o los edificios, sino a todo un complejo sociocultural, en el que deben distinguirse muchos sentidos en juego”.

Por fim, a sobrecarga de fatos, situações e descrições acabaram tornando a redução de San Borja um exemplo refratário. Assim, se pendia para o lado do indígena era categorizada como facilitadora de práticas infieis; se pendia para o lado do projeto reducional lhe atribuíam novas responsabilidades para fortalecer o poder metropolitano. Restava-lhe a neutralidade, mas com ela também proliferaram novos rumores para fixar o consenso de distinção. Ou seja, não existiu um limite que isolava a redução dos fatos consumados. E foi justamente por portar-se contrária a determinados acontecimentos que a mesma passou a ser considerada diferente perante os demais povos orientais.

Portanto, a dinâmica da diferença à qual foi envolvida a redução, bem como todos os seus personagens se consumou na prática, contudo só foi mantida porque houve interessados nessa política de propagação. Neste caso, foi mais cômodo construir um imaginário coletivo perante a redução e seus personagens ao invés de expor que o universo missionário era

impulsionado por ações *fisiológicas*.

ANEXOS

ANEXO A - Decretos do General Espanhol sobre o modo de efetuar as transmigrações – Retirado de: ESCANDÓN, Juan. *História da transmigração dos sete povos orientais*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1961 [1804], p, 368-369.

Neste Povo de São João, aos 19 dias do mês de junho de 1756, apareceu em presença de mim, don José Andonaegui, Tenente General do Rio da Prata e das Missões Orientais e Ocidentais do Rio Uruguai, o Revdo. Pe. Jaime Mascaro, da Companhia de Jesus, Cura do Povo de São Borja, um dos que, em virtude do Tratado feito entre Suas Majestades Católicas e Fidelíssima, devem entregar-se à Coroa de Portugal, dizendo que, por terem chegado os índios daquele povo ao conhecimento do atentado cometido em retardarem o cumprimento das ordens reais, por seu intermédio, em nome de todos, pedia perdão o cabildo que está presente, dispondo-se a cumprir a vontade régia.

E, como em vista do verificado, a clemência do Rei se dignará de considerar por bem esta minha disposição, determinei conceder-lhes o indulto solicitado, com a condição de que o dito cabildo, em voz e nome de todo aquele Povo, haverá de observar inviolavelmente o que lhes mando, e é como segue:

1º Que as armas, artilharia e munições, que tiverem em seus armazéns, as entreguem a mim dentro de 15 dias.

2º Que nem por si sós, nem unidos com os índios dos outros Povos, de nenhuma maneira se hão de opôr a estes exércitos; antes pelo contrário, ao que o intentar, hão de entrega-lo a mim, para que eu o castigue em sua qualidade de rebelde a seu legítimo Rei e Senhor natural.

3º Que imediatamente hão de começar com a mudança para a banda ocidental do Uruguai, sem levar consigo outra coisa que os víveres necessários para a manutenção de suas famílias no caminho, acolhendo-se estas ao Povo que o Superior das Missões lhes destinar, até que se assinale para elas o terreno, em que irão estabelecer o seu Povo.

4º Que, pedindo-se-lhes gado ou outros víveres (mas somente haveriam de levar o que fosse estritamente necessário para a viagem ?!), destinados para a subsistência destes exércitos,

terão de entregá-los sem repugnância nenhuma.

5º Que o dito cabildo há de jurar por Deus e um sinal de cruz, como esta +, de que não violará nem fará coisa contrária ao disposto, mas ao que direta ou indiretamente se lhe opuser, entregá-lo-á a mim, para eu o castigar, como a réu de lesa-majestade, como a pena que corresponde a tamanho delito.

E havendo-o traduzido, em nosso idioma, o dito Pe. Cura Jaime Mascaro, a nós, o Corregedor Fernando Tucu, Tenente Patrício Cunhamanha (Cuñamaña), Alcaide Romualdo Ibaraza, Regidores Inácio Abera, Francisco Chemangue, Comissário Francisco Abaeraqua e Secretário Pedro Inácio Ibaraza, o que nosso capitão General nos manda, não somente juramos a Deus Nosso Senhor e a um sinal de cruz como esta +, que a submissão que fazemos, é verdadeira, senão que também prometemos sob o mesmo juramento, de cuja gravidade estamos inteirados, que o havemos de cumprir em tudo e por tudo. E, para que conste, firmamos isto os que sabemos assinar e os que não (o sabemos) com um cruz, juntamente com Sua Excelência e o dito Padre Cura.”

ANEXO B - Declaração jurada do cura de São Borja – Retirado de:

ESCANDÓN, Juan. História da transmigração dos sete povos orientais. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1961 [1804], p. 201-204.

Do P. Miguel Marinón, pobre Cura de São Borja, não encontro escrito, em que se lhe pedisse alguma declaração. Isso porque, como já deixei aludido, os índios tinham-no despedido do Povo_ note-se que foram os seus próprios paroquianos! _ com tanta infâmia, que o remeteram aos seus Superiores. Será o caso de que estes julgassem inútil qualquer declaração que fizesse, pois constava a todos o muito que se empenhara junto a seus índios, para que se mudassem.

Seu sucessor, o P. Jaime Mascaro, em tempos posteriores deu a que segue ao Superior das Missões, e foi no dia 22 de setembro do ano de 1756:

“Eis a resposta ao que Vossa Reverência me encarrega!

Chegando ao Povo de São Borja, quase não encontrei gente alguma. Pois sabia V.R. que, no primeiro domingo, eu me meti a contar a todos, vendo que apenas vinham a ser 360 os velhos e moços. Eram 234 as mulheres, que tinham os seus maridos na povoação, ajuntando-se a elas 166 viúvas. Quanto a juvenzinhos, de ambos os sexos, havia muito poucos. Todos andavam espalhados por ali, porque não queriam mudar-se, pretendendo antes que isso perder-se.

Pouco a pouco, depois eu fui juntando, com a graça de Deus, gente e mais gente, chegando a ter além de 600 famílias, sem contar a viúvos e viúvas, que eram muitos com os seus respectivos filhos.

Logo, porém, que iniciei com a exortação à mudança, não me deram ouvidos, ma em tudo preferiam fazer contrário, passando a viver em sua liberdade, sem que pudesse eu compor o necessário para o Povo e sem que eles atendessem às ordens dos Superiores. Tudo não passava, em suma, de um total desprezo da minhas palavras e dos papéis do P. Comissário.

Vendo eu que deles não conseguia coisa alguma, quis afastar-me de seu povoado, mas não o pude, por causa da falta de cavalgadura.

Pó muitos dias fiquei sem cuidar de qualquer coisa relativa ao bem temporal do Povo. Várias vezes atirei a seus pés as chaves dos armazéns. E, vendo-me tão desprezado e tanto desobedecido, disse-lhes que não mais queria cuidar das coisas temporais.

Eles, porém, trataram de devolver-me a chaves e entrega-las, contra a minha vontade, em meu aposento, troçando de tudo.

Sobre a mudança falei-lhes diversas vezes na igreja e no pátio, mas nunca eles quiseram obedecer. Ameacei-os da minha desistência de administrar-lhes os Sacramentos, caso não cumprissem as ordens recebidas.

E deve V.R. saber o que com isso me responderam, a saber, que já as haviam cumprido antes, que o P. Comissário lhes tinha prometido ajuda, não a dando, e que nós pretendíamos entregá-los aos portugueses e espanhóis. Esta a razão por que tanto os molestávamos no sentido da mudança.

Um deles chegou a dizer-nos que os aborrecíamos, não trabalhando como os outros padres, os antigos, e deixando de ajuda-los em sues afazeres. Queríamos, em vez disso, conduzi-los à perdição e entrega-los como escravos aos europeus.

Ainda que jogasse a seus pés as chaves dos seus armazéns, como já disse, jamais lhe deu na vontade toma-las.

Muitas vezes procurei dissuadi-los da ida à guerra, mas em vão. Observavam então que eu não o queria ou que não fossem, para que, quanto antes, os espanhóis chegassem ao povoado. Levantaram não poucas acusações falsas contra mim, veiculando a idéia de que eu tinha uns três espanhóis nos aposentos vazios, sendo que se puseram a investigar o caso.

Doutra vez me acusaram de que eu tivesse mandado um neófito ou recém-cristão a trazer-me cavalos, pois de noite pretendia passar-me para o lado dos espanhóis.

Tinham a postos muitas sentinelas, e era para ver e observar os nossos movimentos. Logo que viessem cartas, havia sido ordem de leva-las ao cacique Mbaragua. Contudo não o fizeram.

Não sinto escrúpulo, numa palavra, em haver omitido o que fosse, para que se mudassem. Antes me parece até que, por vezes, fiz demais, oferecendo-lhes coisas ou ameaçando-os com o castigo e poder do Rei. Tudo, no entanto, em vão.

Mandava eu uma coisa e eles faziam outra, sendo que algumas vezes eles próprios, diante de mim ordenavam aos mordomos o que sabiam repugnar-me.

Pus todo o empenho em que não fossem combater os espanhóis, mas os, gentios, que lhes destruíam a estância! Fizeram todo o contrário.

Para atraí-los à minha vontade, presenteava-os com erva-mate e tabaco. Vendo, porém, que não podia impedir a sua ida à guerra, ao menos procurei ganhar tempo, para que não fossem dos primeiros.

Nunca vieram a pelejar, assim, contra os espanhóis, anão ser depois de eles haverem passado com os portugueses o Monte Grande. Mesmo já vendo os espanhóis tão próximos, que estavam como que caindo sobre eles, ainda não queriam abrir os olhos e afirmavam preferir o virarem cinza, a não deixar o seu Povo.

Eu, da minha parte, todo me empenhei para sair do povoado, mas não me deram qualquer cavalo. Até o contrário se deu, pois soldados enviaram aos do Povo um papel, ordenando que não se me permitisse sair, mas que me cercassem a mim e companheiro com guardas. Porque, como diziam, tinham ouvido que gente de outro Povo, da banda ocidental, pretendia tirar-nos ou raptar-nos.

Diante de tamanha teimosia e à vista do pouco remédio humano a dispor, humilhei-me face ao Cabildo e Caciques, para que ao menos me permitissem levar as bruacas com os meus papéis a Santo Tomé.

Concederam-mo. Durante o caminho, porém, trouxeram-nas de volta. Alegavam que era por ordem do Tenente do Povo e de outro cacique, não mais o querendo.

Note-se que isso ocorrera depois de eu me haver rebaixado diante deles, pedindo por amor de Deus o que acima relatei!

Muitas vezes me rodearam como tigres armados, e sempre era com ameaças, quando eu queria ir-me ou quando os molestava com a mudança. Dava-se isso ainda, quando os espanhóis já se encontravam em sua volta ou ao seu redor.

Avisaram-me que queriam matar-nos, a mim e ao companheiro, caso fôssemos embora. Parece que era verdade, pois notificaram-me de San Tomé, através de meu moço de serviço, que estava para ir comigo à outra banda do Uruguai, dizendo-lhe;

— “O fulano de tal visa matar-nos, caso passeis. Não passes, pois com o padre!”

Confesso que nunca fiz caso deles. Vendo-os, porém, como a loucos e gente sem juízo, quando lhes falava sobre a mudança, como homem que sou, não deixei de ter bastante medo, encontrando-me sozinho em seu meio, que eram tantos.

Ainda se portaram desavergonhadamente comigo no último domingo, em que com eles estive.

Era porque lhes dizia que Sua Excelência, o Governador de Buenos Aires, mandava sobre eles. Tanta foi então a falta de vergonha de um desses desalmados, que veio à minha presença, para dizer-me que não os molestasse no futuro, pois não haveriam de mudar-se, mesmo sabendo que Deus os castigaria.

Muita história houve quanto ao envio de gado ao Governador, e isso, mesmo depois de haverem ido vê-lo e render-lhe obediência. Simplesmente porque não queriam. Àqueles que o haviam jurado, ameaçavam-nos com a morte, como consta do pobre Romualdo, que esteve refugiado por uns dias em San Tomé, porque pretendiam matá-lo, caso levasse vacas à sua Excelência.

Este o curso das coisas, até que Deus desse um jeito a elas e juízo a alguns deles. Muitos perder-se-ão, porque preferem mudar-se aos gentios, a se mudarem a outras terras novas.

Infinitas são as sem-vergonhices e palavras ditas contra nós, e ainda muitas as demonstrações de outro feitio que nos causaram, procurando saber a nosso respeito as coisas mínimas, para levantarem falsos testemunhos de nós.

Perdô-os e rogo a Deus que lhes dê também o perdão, concedendo-lhes acerto para a Sua glória e o bem de tantas almas, redimidias com o precioso sangue de seu Filho!

Concepción, aos 22 de setembro de 1756.

Certo é tudo quanto foi dito acima e, sendo necessário jurá-lo-ei _ Jaime Mascaró.

ANEXO C - Ordem de Pedro de Ceballos, ao Tenente General Don Diego de Sallas para dar prosseguimento a averiguação dos autores da rebelião dos índios. Retirado de: TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. II volume, Editora Unisinos: 2ª edição, 2002, p.161-162.

Simancas

Estado 7405

Pedro de Cevallos, comendador de Sagra e Senet na Ordem de Santiago, tenente general dos Exércitos Reais, governador e capitão general das Províncias do Rio da Prata, cidade de Buenos Aires.

Pelo fato de convir ao serviço do Rei fazer todas as diligências possíveis, para averiguar, com plena justificação, quem foram os autores da rebelião dos índios destas missões, assinaladamente se o foi algum ou alguns dos padres da Companhia de Jesus, e em que forma e por que meios eles induziram os índios, com tudo quanto possa levar ao convencimento dos culpados em tão grave delito; e porque julgo ser o meio mais eficaz para este fim formalizar antes de tudo o processo das declarações que, por ordem de meu antecessor D. José

Andonaegui, tomou a diferentes índios D. Nicolau Patrón, tenente então da cidade de Corrientes, o qual se achava nesta expedição, continuando depois com quantas averiguações e diligências julgasse convenientes para o mesmo fim: Dou, por conseguinte, comissão por todas as minhas faculdades sem restrição nem limitação alguma ao tenente general coronel de Infantaria e major general deste exército D. Diego de Salas, para que em consideração deste decreto que mando, agregue-se ao processo iniciado e nomeando os intérpretes mais fiéis e peritos que se acharem do idioma guarani, e um escrivão de toda a sua satisfação, passe aos povos da banda oriental do Uruguai e aos do Paraná e proceda com a formalidade devida à ratificação e comprovação das ditas declarações contidas no mesmo processo, examinando aos índios que nele depuseram.

E concluída esta primeira diligência, continue com o exame de outros quaisquer, que possam expor nesta matéria, fazendo-os saber a todos que podem estas certos de que não se lhes irá seguir o mais leve dano nem prejuízo do fato de declararem como devem a verdade, como estão obrigados em força por juramento e de sua fidelidade ao Rei a declará-lo. Para tal efeito assegurará também que permanece inviolável o indulto, que lhes concedeu, em nome de Sua Majestade, o próprio D. José de Andonaegui, para que, com inteira liberdade e sem receio algum, deponham tudo que souberem. E, concluídas estas diligências, o mencionado tenente coronel e major general D. Diego de Salas mas trará fim de que, em vista do que delas resultar, possa eu dar as ordens convenientes.

Quartel General de São Borja, 27 de agosto de 1759. D. Pedro Cevallos

ANEXO D - Inquérito promovido por Diego de Sallas para investigar Don Ignacio Arete cacique de San Miguel no dia 29 de setembro de 1759. Retirado de: PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolívia y Brasil)*. Tomos VIII: Libreria General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

– En 29 del mismo mes y año declaró don *Ignacio Arete*, de sesenta y ocho años de edad, natural de San Miguel y cacique, que desde de 1752 hasta 1754 fue alguacil mayor, en 1755 alférez real y desde 1756 hasta hoy alcalde mayor, y dijo que tiene noticias de los indios de los siete pueblos de la banda oriental del Uruguay, pero que los sublevados no fueron todos, sino algunos de cada pueblo, y estos de corta capacidad y juicio. Que en 1752 el P. Bernardo Nusdorffer, Superior de Misiones, habia ido por los siete pueblos haciendo saber a sus individuos la orden del Rey, para que se mudasen, la cual orden repitió varias veces al pueblo su Padre cura, Diego Palacios, con eficaces exhortaciones a su cumplimiento, y todos,

como fieles vasallos del Rey, la abrazaron por entonces, por lo cual mandó prevenir dicho Padre cura carretillas y lo necesario para el transporte, despachando luego efectivamente la mitad de las familias, en compañía del P. José Gracia, al sitio destinado para su nuevo establecimiento, que es la tierra de Valdés. Que habiendo llegado a la estancia de San Antonio se detuvieron allí para hacer nueva provisión de yerba y otros viveres para lo restante de tan dilatada marcha. Que para este efecto se dividieron de las familias algunos indios al yerbal llamado Caagua, los cuales, concluída su faena y volviendo con la yerba a juntarse con los suyos, encontraron cuatro portugueses, que les dijeron que ellos habian de venir a recibir todas las viudas, muchachas y muchachos de los siete pueblos que les habian prometido los Padres, conforme decia una carta que traía, que esta noticia, esparcida entre los suyos por dichos yerbateros, fue bastante a que desistiesen de su marcha y determinasen volver a su pueblo, sin poderlos contener dicho P. Garcia, a quien precisaron a volver atrás. Que llegados a su pueblo y reprendidos ásperamente por su Padre cura, se sosegaron algún tanto y emprendieron segunda vez la marcha las mismas familias al sitio de San Antonio, conducidas del mismo Padre cura; que a este tiempo llegaron a Santa Tecla las partidas demarcadoras de España y Portugal, con cuya noticia Felipe Zubay, con algunos otros indios de los transmigrantes, fueron a verse con los españoles y portugueses, y volviendo después a incorporarse con los suyos esparcieron entre ellos que habían sabido de los suyos esparcieron entre ellos que habían sabido de los portugueses que los Padres les habían vendido a ellos sus tierras y sus pueblos por una gran cantidad de dinero y que cuanto les decian los Padres de la orden y mandato del Rey era falsedad y engaño de los mismos; que con esta noticia, alborotados segunda vez y perdiendo el respecto a su Padre cura con palabras y acciones, se descompusieron con él, obligándole a retroceder al pueblo, en donde, sin obediencia ya, se arrojaron sobre los almacenes donde, sin obediencia ya, se arrojaron sobre los almacenes donde tenían sus viveres y armas, amenazando al mismo tiempo a los indios de razón que se mantenían por parte del Rey y los Padres que si se movian a embarazar sus intentos los habían de matar. Que en este tiempo era ya corregidor de su pueblo el capitán Cepé, que a la sazón se hallaba en la estancia recogiendo ganado, y saliendo del pueblo los levantados fueron a unirse con el' y otros varios indios de los siete pueblos, con intento de oponerse a los españoles, con quienes tuvieron un encuentro en Caibaté, donde murieron muchos indios y el mismo Cepé, en el paraje que llaman Guacacay, que con estas noticias familias obedientes al Rey que quedaron en el pueblo, temerosas de que los españoles las maltratasen, determinaron desamparar su pueblo y retirarse a sus estancias, llevándose consigo a los Padres para que les asistiesen con la doctrina y demás ministerios cristianos. Que habiendo entrado los españoles

en su pueblo y continuando después la comunicación de estos con algunos indios, observaron el buen trato que les hacían los españoles, por lo cual, desengañados muchos y entre ellos el declarante, se presentaron y el Gobernador de Montevideo dispuso que fuesen conducidos los presentados a la banda occidental del Uruguay. Que el motivo de la rebelión fueron las falsas noticias que los portugueses dieron a los indios que lleva nombrados; que los Padres de la Compañía en nada de lo sucedido tuvieron parte, que desde niños con la doctrina cristiana les enseñan la obediencia y veneración a su Rey para su transmigración, con trabajo y constancia en su pueblo y los demás. Que Felipe Zubay fue muerto en Caibaté con otros muchos indios.

ANEXO E - Inquérito promovido por Diego de Sallas para investigar Francisco Chacal, do povo de San Luis Gonzaga no dia 03 de outubro. Retirado de: PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolívia y Brasil)*. Tomos VIII: Librería General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

En 3 del mismo mes y año declaró *Francisco Chacal*, de cincuenta y cinco años de edad, natural de San Luis, Procurador hasta 1756, en que tuvo el cargo de Corregidor, Dijo que en 1752, así el P. Superior Bernardo Nusdorffer como el P. Cura Inocencio Herver, les hicieron saber la orden del Rey para su mudanza, la cual aceptaron con toda resignación; y prevenidas las carretillas y demás necesario para un dilatado viaje, emprendieron la marcha al sitio destinado para su nuevo establecimiento en el río Miriñay; pero que los infieles les salieron al camino y obligaron a volverse al pueblo, con gran sentimiento del Padre Cura, quien, sin embargo, les hizo salir segunda vez en mayor número y llegaron al paraje de su población, de donde, hostigados de los infieles, que les amenazaban de muerte a ellos y a los Padres, se vieron precisados a volver a su antiguo pueblo, en que se mantuvieron quietos y prontos a obedecer, siempre que faltase el estorbo que se lo había impedido; y en este estado se mantuvieron hasta que, por unas malignas voces originadas de los portugueses y esparcidas entre los indios se, inquietaron los ánimos de algunos de su pueblo, diciendo que los españoles y portugueses venían a esclavizarlos y quitarles sus hijos y mujeres, por lo que, y convocados de los Miguelistas, salieron de varios pueblos algunas proporciones de indios, y del declarante como unos 100, a oponerse a los españoles, sin que su Padre Cura ni los Padres de los otros pueblos pudieran contenerlos, por más vivas diligencias que para ello hicieron. Que llegados a San Miguel los españoles con su Capitán General, dicho Padre Cura, con el declarante y otros del Cabildo, pasó a darle la obediencia, y por su orden empezaron a transmigrarse las familias a esta banda occidental del Uruguay. Que aquellas malignas voces originadas de los portugueses y esparcidas por los Miguelistas, fueron las causa de que

algunos de su pueblo que las creyeron se alborotasen. Que los Padres siempre los exhortaron a la obediencia que le debían al Rey en lo que se les mandaba.

ANEXO F - Inquérito promovido por Diego de Sallas para investigar D. Felipe Penieyú, do povo de San Nicolás no dia 05 de outubro. Retirado de: PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Tomos VIII: Libreria General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

En dicho día, mes y año declaró D. Felipe Penieyú, de sesenta y tres años de edad, natural de San Nicolás, cacique, y ha sido alcalde mayor y que ahora es teniente de corregidor. Dijo que sabe la desobediencia de algunos indios de los siete pueblos situados en la parte oriental del Uruguay; que en su pueblo fueron todos sabedores el año de 1752 por el Padre Superior Bernardo Nusdorffer de la orden de Su Majestad para que se mudaran y dejaran sus tierras, cuya orden fue también explicada varias veces por su Padre Cura Tux, exhortándolos a la obediencia y cumplimiento, en el que todos conformes dejaron a su Padre cura la disposición y prevenciones necesarias para su transmigración, por lo que mandó hacer muchas carretillas interin pasaba el mismo en persona con el Cabildo a ver el sitio que habían de ocupar, quedándose el en el pueblo durante su ausencia con el encargo de su gobierno, en cuyo intermedio los indios infieles de paz comunicaron a los de su pueblo la noticia de que los portugueses les habían dicho venían a hacerse dueños de sus tierras, de todos sus bienes, mujeres e hijos, porque los Padres los habían vendido; y que era incierto lo que se originó grande alboroto entre los indios por dar crédito a estas falsas voces, donde empezaron a perder la obediencia al Rey y a lo que los Padres les decian en este punto, en cuya confusión y desbarato llegó su Padre cura, y viéndolos en este alzamiento esforzó de nuevo en el pulpito lo que ya tenia hecho muchas veces para que se dispusieran a ejecutar su marcha al nuevo destino, que venia de ver, y apartalos del error en que estaban impresos por aquellos indios infieles, que lo no tenia remedio se había de ejecutar. Todo fue en vano, pues no hicieron caso e indujeron a otros para que no creyeran a los Padres. En este tumulto y confusión vivieron hasta la llegada de los españoles, la que dio motivo a que con más vigor esparcieran en el pueblo de que su Rey no mandaba tal cosa y que se habían de oponer a los que intentasen apartarlos de la defensa de sus tierras, en cuyo tiempo llegó una carta al pueblo del capitán Cepé, avisando a los levantados para que sin detención salieran a unirse con él, como lo hacian los de los otros pueblos, de que resultó partir varios caciques con parte de sus vasallos a incorporarse con los dichos, y hechos todos un cuerpo se opusieron a los españoles y tuvieron la función en Caibaté, donde fueron derrotados los indios, con muerte de muchos, y

entre ellos los caciques de su pueblo y el capitán Cepé, de cuya resulta muchos de los fugitivos se abrigaron por las chacras hasta que los españoles llegaron a San Miguel; que inmediatamente que lo supieron se desparramaron por toda la campaña. Que el resto del pueblo se mantuvo quieto con su Padre cura hasta que el General de España dispuso su trasmigración a esta parte occidental. Que los autores de la rebelión de su pueblo fueron en su pueblo fueron los indios infieles y el capitán Cepé. Que los Padres no tuvieron la menor culpa, antes fueron en su pueblo y en los demás ultrajados, perdiéndoles el respecto muchas veces por predicarle con un Crucifijo en la mano la obediencia que habían de tener a su Rey, y amenazados con la muerte por querer apartarlos de sus arrojados, en cuyo trabajo incesantemente estuvieron empleados, como en que se hiciera la trasmigración, que no fue posible su ejecución, por impedirlo la obstinación de los rebeldes. Añade que un capitán español que venia con una partida a su pueblo, estando hablando con ellos en paz, unos indios levantados le mataron a traición, y que los dichos indios, en la fuerza de rebelión de su pueblo, intentaron matar al corregidor, lo que hubieran hecho a no haberlo impedido el Padre y el Cabildo, a costa de haber padecido muchos ultrajes y tropelía.

ANEXO G - Inquérito promovido por Diego de Sallas para investigar os índios Fernando Tucú e Romualdo Ibaraza e Eleutério Añendae, ambos da redução de San Borja em 08 e 09 de outubro de 1759. Retirado de: PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolívia y Brasil)*. Tomos VIII: Librería General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

En 8 del mismo mes y año declaró *Fernando Tucú*, de cincuenta y un años, de San Borja, que hasta 1754 fue Alcalde Mayor, y desde este año hasta hoy es Corregidor. Dijo que sabe que varios indios de los seis pueblos orientales del Uruguay fueron desobedientes al Rey, pero que ninguno del suyo de San Borja lo fue, porque habiéndoles hecho saber la orden de Su Majestad en 1752 el Padre Francisco Marinón, su Cura, después de haber dispuesto lo necesario para su viaje y reconocido el terreno para la nueva población en el Queguay hacia la costa del Uruguay, marcharon la mayor parte de las familias a disponer ranchos y una capillita lo que empezado a hacer, en este intermedio los infieles les precisaron a abandonarlos y volverse a su antiguo pueblo, de donde con nuevas prevenciones volvieron a salir enderezando su marcha de la otra parte del Ibicuy en la estancia de su pueblo, en cuyo sitio volvieron a formar un nuevo pueblecito, manteniéndose en el pasado un año, y al cabo de el volvieron de nuevo los infieles a hostigarlos y arrojarlos, viéndose precisados, sin poder o remediar, a dejarlo y restituirse a su antiguo pueblo; malográndose el trabajo que habían

tenido; en cuyo estado se mantuvieron sosegados hasta fines de 1756, esperando permitiese el tiempo ocasión de cumplir la orden del Rey. Que en esta situación, con la venida de los españoles, el capitán Cepé escribió tres cartas a su pueblo, pidiéndole a él indios para defender sus tierras, pues se hallaba en animo por si y con otros varios indios de los demás pueblos a impedir la entrada de los españoles y oponerse a ellos, cuyas cartas despreció, sin hacer caso de lo que contenían, y de esta forma lograron no tener en su pueblo el menor disturbio, a lo que ayudó la eficacia y celo de su Padre Cura, impidiendo enteramente la comunicación con los demás pueblos hasta que supieron que los españoles habían llegado a San Miguel, donde determinó enviar dicho Padre al Maestre de Campo con 50 indios a dar la obediencia al Gobernador, de quien trajeron orden para transmigrarse a esta parte occidental, como en efecto hizo, quedando en el pueblo de Santo Tomé. Que ha oído decir que el autor del levantamiento fue el capitán Cepé, como deja ver por las cartas que a su pueblo y a los demás envió, induciéndoles a la guerra contra los españoles. Que sabe con certeza el mucho trabajo que los Padres tuvieron en apartar a los levantados de sus intentos y traerlos a la obediencia del Rey, lo que intimaban a los indios por todos los medios posibles y en los púlpitos con un crucifijo en la mano

En el mismo día declaró *Romualdo Ibaraza*, de cincuenta y ocho años, Alférez Real de San Borja. Dijo que muchos indios de los seis pueblos se unieron para oponerse a los dos ejércitos, pero que en su pueblo no ha habido alboroto alguno, aunque puede ser que algunos pocos indios de él se hayan mezclado con los alzados de otros. Que por los Padres se es intimó la orden del Rey para su transmigración y pasaron luego a establecerse en el Queguay, y después en tierras de su propia estancia, donde se mantuvieron un año; pero que de uno y otro paraje los despoblaron los infieles, obligándolos a retirarse a su antiguo pueblo, del cual pasaron a de Santo Tomé, conforme a la orden que el Gobernador dio a su Padre Cura cuando en compañía de su Cabildo, fue a darle la obediencia al pueblo de San Miguel. Que el capitán Cepé anduvo por los pueblos juntando gente para oponerse a los españoles, por lo cual su Padre Cura del declarante les prohibió toda comunicación con el y sus secuaces; que en todos los pueblos, después de la publicación del Real mandato, se empeñaron los Padres en que se cumpliese, amonestando pública y privadamente a los indios la obligación que a elle tenían, pero que los frustraron sus esfuerzos, propasándose muchas veces a faltarse de palabra y amelándolos con la muerte si no desistían de su empeño.

En el mismo día declaró *Eleuterio Añendae*, de cincuenta y dos años, de San Borja, que desde

1752 hasta 1757 fué Alcalde la Hermandad y en adelante hasta hoy, Alcalde Mayor. Dijo que ha sabido la desobediencia y alboroto de algunos indios de los seis pueblos, pero que en el de San Borja se mantuvieron siempre quietos mediante las disposiciones que dió su P. Cura Francisco Marinón para evitar toda comunicación con los alzados. Que habiéndoseles intimado el orden del Rey para su mudanza, por dos veces la pusieron en práctica, mudándose primero al Queguay, en la costa del Uruguay, y después a su propia estancia, donde se mantuvieron más de un año, pero que por las hostilidades de los infieles se vieron precisado a refugiarse ambas veces a su antiguo pueblo, donde se mantuvieron en quietud hasta la llegada de los españoles al de San Miguel, a donde pasó el Cabildo con su Padre Cura a dar la obediencia al Gobernador, y por su orden se transfirieron las familias al de Santo Tomé en la banda occidental del Uruguay. Que el autor de la rebelión fué Cepé, que con sus cartas convocatorias incitó a los indios a oponerse a los ejércitos; pero que en el pueblo del declarante fueron despreciadas, aunque algún otro de los indios, según ha oído, se unió a los alzados de los demás. Que los Padres en todos los pueblos hicieron publicar la orden del Rey, exhortando a los indios a su cumplimiento sin perdonar diligencia, por lo cual muchas veces fueron ultrajados por los dichos alzados.

ANEXO H - Inquérito promovido por Diego de Sallas para investigar Nicolás Ñenguirú, líder indígena que acabó asumiendo a milicia no lugar de Sepé Tiarajú. Retirado de: PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Tomos VIII: Librería General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

En 10 del mismo mes y año declaró *Nicolás Ñenguirú*, de cuarenta y nueve años de edad, natural de La Concepción, y que desde 1759 hasta hoy es Corregidor. Dijo haber sabido que los siete pueblos de la banda oriental del Uruguay, por orden del Rey debían mudarse, para lo cual su P. Cura Segismundo Asperger le ordenó hiciese en la margen occidental de dicho río un galpón grande y previniese carretillas con los demás necesario para recoger y ayudar las familias en el transporte de sus muebles. Que tiene noticia de haberse intimado dicho orden en los seis pueblos a los indios por sus respectivos Padres Curas, y que los de San Angel y San Juan pusieron luego en ejecución la dicha orden, bajando con sus carretillas al paso del Uruguay, a donde fué el declarante a entregarse de la hacienda que traían, y que aquella misma noche las familias alborotadas se habían vuelto a su pueblo; de que se siguió después que algunos caciques mudaron su primer intento y buena voluntad en orden a su mudanza. Que las cartas que los Padres escribían eran cogidas y quemadas de los indios, sin permitir a

las Padres se visitasen mutuamente, quitándoles para esto las cabalgaduras. Que por esto él mismo en persona pasó a San Lorenzo llevando una carta del Padre Superior para los indios, en que les decía que las familias abreviasen su transmigración, pues ya estaban concluidos de esta parte los galpones y demás prevenciones necesarias para ella. Que con esta ocasión le dijeron los Padres que por su parte hiciese también presente a los indios la orden del Rey, como lo ejecutó, encargándoles al mismo tiempo el respecto y veneración que debían a los mismos Padres para mostrar en eso el agradecimiento al Rey, que de tan lejanas tierras los destinaba para la asistencia y cultivo de sus alamas; que todo esto hizo, no obstante que se recelaba que por todo esto le quitasen la vida. Añade que todo este primer alboroto de los indios fué causado por unas noticias que los portugueses dieron a los Miguelistas, de que venían a sus estancias a llevarse los animales de ellas y sus mujeres y muchachas, y que después los seguirían otros muchos de su misma nación para hacerse dueños de sus pueblos y hacienda, a que se añade que llegando a Santa Tecla don Juan de Echevarría con su partida demarcadora, les comunicó la verdad de la orden del Rey para su transmigración, añadiendo que Su Majestad ayudaba a cada uno de los pueblos con 4.000 pesos; las cuales palabras, mal entendidas de los indios y combinadas con las otras noticias que por los portugueses tenían, hicieron creer a los indios que los Padres les tenían vendidos a ellos sus pueblos y haciendas por los 4.000 pesos, que estando el declarante en su estancia del Ibicuy con algunos indios al resguardo de los animales, llegaron cuatro infieles y les dijeron que muchos portugueses entraban por Santa Tecla, y al mismo tiempo recibió una carta del capitán Cepé, Corregidor de San Miguel, sobre lo mismo; por lo cual pasó a donde el dicho estaba con la tropa de indios, de quienes con esta ocasión supo que de su propio motu y voluntad se habían levantado en defensa de sus pueblos y haciendas, y confiesa que esta ocasión haber asistido con ellos. Añade que habiendo sabido que los indios del pueblo de Yapeyú estaban alborotados, perdido el respecto a su Padre Cura, y que algunos caciques, levantados con muchos de los suyos, habían salido a la campaña, pasó a Yapeyú a fin de sosegarlos; en la cual ocasión, yendo uno de los Padres en una canoa río abajo para administrar los Sacramentos a los indios, y habida ocasión exhortar a los alzados a la obediencia del Rey, éstos se apoderaron de la canoa y, castigando a los canoeros y un muchacho ayudante de misa del Padre, a éste le pusieron preso, debajo de guardia, pretextando que iba a hablar a los españoles que estaban en el Salto y a su Gobernador, y traerlos al pueblo. Que con esta noticia de la prisión del Padre, despachó el declarante 12 indios de razón, que sacándole de ella lo condujeron a Yapeyú. Añade que al volver a su pueblo halló en él la noticia de que muchos indios de los seis pueblos habían ido al Yacuy a verse con los portugueses, e ignorando el fin de su ida, determinó ir también allá

acompañado de sólo 10 indios, y habiendo sabido de los que allá estaban que los portugueses les habían dicho que venían por orden del Rey a entrar en los siete pueblos de Misiones, pasó él mismo, acompañado de algunos indios de cada pueblo, a informarse de una partida de portugueses que estaba de guardia a esta parte de Yacuy, cuyo oficial, por medio de un lenguaraz, le dijo que venían por orden del Rey a entrar a San Miguel; y que replicándole el declarante si habían de proseguir su camino, aunque los indios que allí estaban procurasen atajarlos, le había respondido que si los indios se oponían, abrirían camino con las armas y cañones que llevaban, para lo cual esperaban sólo respuesta a una carta que se había despachado al Gobernador Andonaegui. Que después de estas razones se retiró el declarante, sin hablar a ningún otro de los portugueses, y a los seis días vió que las tropas de carretas de los dichos retrocedían para el río Pardo; y lo mismo hicieron los indios, restituyéndose a sus pueblos, y esto es lo único que practicó en el Yacuy a lo que puede decir en cuanto a la rebelión de los indios. Que no sabe quién fué su autor; que los indios en comun se levantaron creyendo que la transmigración de los pueblos no nacía del Rey, sino de que los Padres tenían vendido por plata sus pueblos y haciendas, y que se confirmaban más en esta persuasión cuanto veían mpas empeñados a los Padres en la ejecución de dicha mudanza; que los Padres procuraron siempre sosegar los alborotos, y por esta causa en varias ocasiones fueron ultrajados y amenazados de muerte por los indios inobedientes.

ANEXO I - Inquérito promovido por Diego de Sallas para investigar Juan Francisco Sobrecasas, em 04 de novembro de 1759. Retirado de: PASTELLS, Pablo. *História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Tomos VIII: Librería General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

A 4 del dicho mes y año, ne San Borja don *Juan Francisco Sobrecasas*, Ingeniero ordinario, y dijo que ha servido en la segunda campaña que hizo el Gobernador Andonaegui y empezó en 5 de diciembre de 1755, sin haber estado ausente del ejército. Preguntado si sabe quién o quiéense fueron los autores de la rebelión de los indios de estos pueblos, respondió que no lo sabe, pero por lo que ha observado comprende que han sido algunas porciones de indios de distintos pueblos, aquellos de más mal natural que juntándose unos con otros, amigos de los de montar a caballo y de la libertad que con esto se les ofrecía, les salieron al encuentro, ejecutando infinitas puerilidades. Dos razones le mueven a esto: la primera, que en 1752, cuando el Marqués de Valdelirios les intimó la orden de desocupar los siete pueblos, fué público y notorio que algunos pueblos hicieron sus disposiciones para mudarse; el de San

Borja tenía ya hechos sus disposiciones para mudarse; el de San Borja tenía ya hecho muchos edificios e iglesia en terreno llamado San Fernando, a la costa del Uruguay; el de San Juan tenía ya hecha la elección de un terreno, llamado Pedro Gonzáles, entre lo último de estos pueblos y Corrientes, y fué público que vinieron todos los pueblos con su Cura y Cabildo cada uno a prestar obediencia a don José de Andonaegui, y habiéndoles éste preguntado a algunos de los Curas por qué no lo habían ejecutado antes, respondieron que no eran dueños de salir de sus pueblos por temor de los indios sediciosos que se habían juntado de distintos pueblos, que andaban haciendo disparates por todas parte, y aun el Cura de San Angel, abrazando públicamente al Excmo. Señor don José de Andonaegui, le dijo: "Vuestra Excelencia tendría ganas de llegar a estos pueblos, pero yo mucha más de que Vuestra Excelencia llegase, pues tengo algunos indios sediciosos con quienes no me puedo averiguar, y suponiendo que Vuestra Excelencia vendrá falto de víveres, aquí le traigo 500 vacas", las que entregó inmediatamente. El pueblo de San Lorenzo, que no vino tan prontamente a presentarse, se vió, cuando fueron 800 hombres a sorprenderlo, que era porque estaba en la actualidad de mudarse. Preguntado si vió, sabe o tuvo noticia de que alguno o algunos de los Padres de la Compañía hubiesen concurrido con los indios a la oposición que éstos hicieron a las tropas de Su Majestad, respondió que no vió señal de semejante cosa; antes bien, todo lo que se vió fué al contrario por las operaciones que se vieron, pues ninguna de ellas fué de hombre que tuviese visos de un mediano entendimiento, y aunque en el ejército corrió de que venían Jesuítas con los indios, fué una voz vaga sin fundamento alguno, pues no ha de haber hombre alguno en todo el ejército que jure viese Jesuíta alguno, ni señal de Jesuíta que viniese en la dicha oposición pudo comprender que éstos hubiesen sido gobernados por los Padres, respondió que le parece imposible, pues todas sus operaciones de los indios fueron unas bobadas u necedades, propias de la puerilidad, en que se dejó conocer que estos indios, por viejos que sean, no tienen más alcance que una criatura de ocho años. Tres han sido los encuentros que han tenido con las tropas; el primero, en el Daymar, en 1º de octubre de 1754, que aunque él no se halló allí, supo por relación verídica la tontera con que se portaron: venían como unos 300; traían un cañoncito tapado; al tiempo que estuvieron cerca de nuestra tropa, en cuenta de dispararlo contra la gente que se les presentó, lo dispararon contra tierra; cercanos los nuestros, los mataron e hicieron prisioneros como ovejas. El segundo fué el día 10 de febrero de 1756 en Caibaté: presentáronse en una colina como 1.5000 indios, a tiempo que nuestro ejército había de subir aquella colina; vinieron embajadores de ellos a nuestro General, el que les intimó se retirasen a sus pueblos y dejasen el paso franco; ellos con sus necedades, iban y venían con recados, y cansado nuestro General de sus impertinencias, les

dió una hora de tiempo para que desocupasen el terreno; fenecida ésta sin ejecutarlo, se dispararon algunos tiros de artillería, a cuyo estrépito se desvanecieron aquellos indios como moscas; los que estaban a pie, los más de ellos se recogieron a una barranca, los que fueron muertos sin resistencia, y aun pidiendo misericordia ; los de a caballo dieron a correr; pero dieron los blandengues tras ellos, matando a unos y haciendo prisioneros a otros. Los despojos de esta función fueron dos banderas, con las que acostumbran a celebrar sus fiestas; un cañoncito de tacuara, que es un caña fuerte; otro de metal amarillo, como especie de trabuco, con la cerraja inservible; algunas lanzas y saetas. Los más de ellos venían trayendo por bandola el santo de su devoción pintado en pergamino, con lo que decían no podían ser muertos. El tercer encuentro fué en el paso de un arroyo llamado Chuniebí, en donde se dejaron ver algunos indios, y al tiempo de entrar la tropa por un estrecho bosque para pasar el arroyo, se oyó un ruido como de disparo de fusil, con lo que, alboratada toda la tropa, dieron un descarga general sin saber contra quién; a este ruido se vieron después los indios huyendo sobre una colina a la otra parte del arroyo. Hallaron en este sitio tres cañones de fusil, unidos como especie de órgano; dos cañones de madera, los que mandó deshacer nuestro General, y se halló que el uno no estaba cargado ni se conocía se hubiese disparado con él; el otro estaba cargado, pero sin método alguno, pues no tenía viento; hallóse también donde estaban estos cañones un pedazo de trinchera hecha rústicamente pues por su debilidad se conoció que el fin no era más que tapar el cañón. Halláronse en la colina algunos fosos abiertos, lo que unicamente se conoció los hicieron para esconderse en ellos, y lo mismo hicieron en Caibaté y les sirvió de sepulcro; considérense estos tres lances y reflexiónese qué hombre de juicio podía gobernar estos indios. Preguntado si a lo menos, después de haber entrado el ejército a ocupar los pueblos, ha reconocido en los Padres alguna desobediencia en lo que mandaba el General, respondió que no; antes muy alo contrario, ha observado que la más leve insinuación de cualquiera de los dos Generales ha sido un precepto inviolable para ellos, y ninguno ha probado más esta ciega obediencia que el excelentísimo señor don Pedro Ceballos, que desde que entró en los pueblos los ha traído al retortero en un continuado trabajo en busca de los indios huídos por esos montes, para su transmigración, habiendo logrado por medio de ellos que no se perdiese ni un indio; si sólo los que don Gómez Freire se llevó con astucias al rio Pardo, lo que no pudo evitar tal vez por no llegar a un quebranto. Preguntado si sabe o discurre de dónde haya nacido la voz que tanto se ha esparcido de que los Padres de la Compañía han sido los autores de dicha rebelión de los indios, sin embargo de haberse portado del modo que acaba de declarar, respondió que lo ignora; pero comprende que como en todos tiempos la Compañía han sido los autores de dicha rebelión de los indios, sin

embargo de haberse portado del modo que acaba de declarar, respondió que los ignora; pero comprende que como en todos tiempos la Compañía de Jesús ha tenido émulos, y por lo común, hombres que en un sistema tan crítico como éste no le faltasen *de facto* en la primera expedición que hubo en el ejército, según públicamente ha oído decir un don Tomás Hilson, que públicamente decía que los Padres y el Gobernador eran unos traidores, formando un conciliábulo en su mismo carretón contra el Gobernador, como más justificadamente podrá informarse la Corte del mismo Excmo. Sr. Don José de Andonaegui, pues lo que él puede decir es nada para lo que aconteció.

ANEXO J - Doc. 31 Descripción ò mapa de la vaqa [Vaqueria] nueva [17--]. Acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil.



doc. 32. Mappa que contem o pais conhecido da Colonia até as missões e o caminho que fizeram as duas armadas de S. Magde Fidellma e Calto [17--]. Acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil.



MEMÓRIAS E LIVROS IMPRESSOS

ALVEAR, Diego. **Relación geográfica e histórica de la provincia de Misiones**. Alicante (Espanha): Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Edição digital a partir da obra de Pedro de Angelis, *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del río de la Plata*. Tomo V. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836 [1784]. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/index.shtml>

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980 [1858].

AZARA, Felix de. **Viajes por la America Meridional**. Tomo II. Ed. El elefante blanco, Buenos Aires, 1998.

BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Ed. da UNISC; Florianópolis: Paraula, 1997 [1874].

DOBLAS, Gonzalo de. **Memoria histórica, geográfica, política y económica sobre la provincia de Misiones de indios guaraníes**. Alicante (Espanha): Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Edição digital a partir da obra de Pedro de Angelis, *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del río de la Plata*. Tomo III. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836 [1785]. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/index.shtml>

CARDIEL, Jose. **Las misiones del Paraguay**. Edició de Héctor Sáinz Ollero. *Cronicas de America* 49, *HISTORIA* 16, 1988. Información y Revistas, S. A: Madrid.

CARVALHO E MELO, Sebastião José de. **República Jesuítica Ultramarina, que os religiosos jesuítas das províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios Ultramarinos**. Gravataí, SMEC; Porto Alegre, Martins Livreiro: Santo Ângelo, Centro de Cultura Missioneira/ FUNDAMES, (Júlio Quevedo, transcritor e apresetador), 1989.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão; Ed. da PUCRS, 1990 [1839].

ESCADÓN, Juan. **História da transmigração dos sete povos orientais**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1961 [1804].

GAY, João Pedro. **História da Reública Jesuítica do Paraguai – (desde o descobrimento**

do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861). 2ª ed. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1942 [1861].

GRAELL, Francisco. **O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol.** Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1998 [1755-1756].

HENIS, Tadeo Xavier. **Diario histórico de la rebelión y guerra de los pueblos guaraníes, situados en la costa oriental del río Uruguay, del año 1754.** Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1886.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834.** 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JARQUE, Francisco; ALTAMIRANO, Diego F. **Las misiones Jesuíticas en 1687. El estado que al presente gozan las misiones de la compañía de Jesús en la provincia del Paraguay, Tucumán y Rio de La Plata.** 1ª ed. - Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia. Estudio preliminar de Ernesto J. A. Maeder, 2008 [1687].

MONTENEGRO, Pedro de. **Materia médica misionera.** 1ª ed. Posadas: EdUNaM, 2007 [1710].

RELAÇÃO abreviada da república, que os religiosos jesuítas das províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos das duas monarquias e da guerra que neles têm movido e sustentado contra os exércitos espanhóis e portugueses. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, O Instituto, v. 4, 1842.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821.** Brasília: Senado Federal, 2002.

SEPP, Antonio. **Algunas advertencias tocantes al gobierno temporal de los pueblos en sus fábricas, sementeras, estancias y otras faenas.** (tradução de Mansueto Bernardi). In: Pesquisas, IHU, Porto Alegre, n. 2, 1958.

_____. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos(1655-1733).** Introdução e notas de Wolfgang Hoffman Harnish; tradução de Reymundo Schneider, Ed. USP, 1972 [1698].

_____. **Continuación de las labores apostólicas.** Buenos Aires: EUDEBA, 1973.

_____. **Jardín de Flores Paracuário.** Buenos Aires. Editorial Universidad de Buenos Aires, 1974.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. **As Missões Orientais e seus antigos domínios.** Porto Alegre: Carlos Echenique, 1909.

COLETÂNEAS DE DOCUMENTOS PUBLICADOS

ANAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1977, v. 1.

BRABO, Francisco Javier. **Colección de documentos relativos á la expulsion de los jesuitas de la Republica Argentina y del Paraguay, en el reinado de Carlos III, con introduccion y notas por d. Francisco Xavier Brabo.** Madri: Establecimiento Tipográfico de José Maria Perez, 1872.

_____. **Inventarios de los bienes hallados a la expulsion de los jesuitas.** Imprenta y estereotipia de M. Rivadeneyra, Madrid, 1872.

CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri à conquista dos sete povos (1750-1802).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. (Manuscritos da Coleção de Angelis).

_____. **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri**, parte III: Antecedentes do Tratado, tomo II, Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1951.

PASTELLS, Pablo. **História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil).** Tomos I a VIII: Libreria General de Vistoriano de Preciados, Madri, 1912.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL. 3ª série, n.9, 1º trimestre de 1853.

REVISTA DO ARCHIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Officinas Graphics, janeiro de 1921.

FONTES MANUSCRITAS

Correspondência de Segismundo Asperger para o Governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucarelli y Úrsua. S. S. Aspotolles, 10/10/1769. A.G.N.A. Sala IX: 18.05.01.

Correspondência de Francisco Bruno de Zavala para o Governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucarrelly y Úrsua, da redução de San Francisco de Borja no dia 26/11/1769. A.G.N.A. Sala IX: 18-05-01.

Correspondência de Francisco Bruno de Zavala para o Governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucareli y Úrsua, da redução de Yapeyu em 07/02/1758. A.G.N.A. Sala IX: 18.5.1.

Adição ao memorial da redução de San Nicolás no dia 18/02/1747. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

Correspondência de José Cardiel para o Comandante do Destacamento de San Luís [sic!], da redução de San Francisco de Borja no dia 09/01/1758,. A.G.N.A Sala IX: 6.10.3.

Memorial de Bernardo Nusdorffer ao povo de San Lorenzo, dia 26/01/1747. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

Correspondência de Francisco Andonaegui para Bernardo Nusdorffer, Buenos Aires, 9/11/1750. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

Correspondência de Baltazar Moncada para [sic!]. Lima, 06/06/1751. A.G.N.A. Sala IX 6.10.1.

Memorial de Pedro Lizoain para registrar as visitas que fez as missões no ano de 1752. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.1.

Correspondência de Joseph de Molina para Pedro de Cevallos, da estância de San Miguel no dia 07/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3

Correspondência de Dⁿ Lucas Infante para Dⁿ. Pedro de Cevallos, da redução de San Francisco de Borja no dia 11/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3

Correspondência que Pedro de Cevallos para Dⁿ Lucas Infante da redução de San Francisco de Borja no dia 24/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3

Correspondência de Joseph de Molina para Pedro de Cevallos, da redução de Santo Tomé no dia 09/02/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência de Pedro Cevallos para Dⁿ lucas Infante, da redução de San Francisco de Borja no dia 03/01/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3

Correspondência de Joseph de Molina para Pedro de Cevallos da estância de San Ángel Custódio no dia 01/02/1758. Sala IX: 6.10.3.

Registro demográfico sobre a estância de San Ángel Custódio feito por Juan Ris Bonnerval de 15/01/ 1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Depoimento de Estanislau Bacatu na estância de San Miguel no dia 01/01/1758, na presença de Dⁿ Miguel Vidal e Juan Delgado. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Depoimento de Eugenio Tubuchain no campo da capela de San Nicolás em 21/01/1758 na presença de Dⁿ Lucas Infante e Juan Ignacio Delgado. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência de Joseph de Molina para Fran^{co} Xavier Limp da redução de San Francisco de Borja em 20/03/1758. A.G.N.A. Sala IX 6.10.3.

Correspondência do Capelão Francisco Serdaheli para Pedro de Cevallos, da redução de Yapeyu no dia 04/03/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência do Ministro Ricardo Wall para Pedro de Cevallos alertando-o sobre o envolvimento de soldados blandengues que estariam servindo de peões para saquearem os gados vacuns das estâncias dos povos. Mês de fevereiro de 1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência de Joseph de Molina para Pedro de Cevallos. Do campo de San Ángel Custódio no dia 01/02/1758 A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Registro interno de Pedro de Cevallos determinando controle sobre a entrada e saída dos índios borjistas via rio Uruguai. Da redução de San Francisco de Borja, no dia 19/10/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência de Joseph de Molina para Pedro de Cevallos. Do campo de San Ángel Custódio no dia 12/02/1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3

Inquérito realizado no campo de San Ángel Custódio por Dⁿ Lucas Infante e Joseph de Molina, no dia 25/04/1758 para interrogar Dⁿ Calixto Ñapunay. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência do jesuíta Joseph Unger para Joseph de Molina e Dⁿ Lucas Infante. Da estância de San Nicolás em 20 de Abril de 1758. A.G.N.A. Sala IX: 6.10.3.

Correspondência de Pe. Ribas [sic!] para o Pe. Antonio Machoni da redução de Yapeyu. Registro do dia 30/04/1743. A.G.N.A. Sala IX: 6.9.7.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. Rio de Janeiro: Ed. Unb/José Olympio ed. 1993

ARAÚJO, Rubens Vidal. **Os jesuítas dos 7 Povos**. Porto Alegre: Ed. Vozes, 1986.

ARGUILAGA, Pablo. **Santo Tomé: mi pueblo**. Santo Tomé. Acervo Casa de la Cultura de Santo Tomé, 1975.

AVELLANEDA, Mercedes y Lia QUARLERI. **Las milicias guaraníes en el Paraguay y Río de la Plata. Alcances y Limitaciones (1649-1756)**. In: Estudos Ibero-Americanos, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brasil, Vol. XXXIII, Nro. 1. 2007a.

AVELLANEDA, Mercedes. **El recurso de la violencia como mecanismo de cambio social en la sociedad del Paraguay Colonial a principios del siglo XVIII**. In: Historia Unisinos. Vol.11, n.2 – maio/agosto de 2007b.

_____. **El ejército guaraní en las reducciones jesuítas del Paraguay**. In: Revista História UNISINOS. Universidade do Vale Do Rio Dos Sinos. Sao Leopoldo. RS. Brasil. Vol. 9, Nro. 1. 2005

_____. **Orígenes de la alianza jesuítica-guaraní y su consolidación en el siglo XVII**. In: *Memoria Americana, Cuadernos de Etnohistoria*, nº 8, pp. 173-200, 1999.

BARCELOS, Artur H. F. **O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial**. Tese de doutoramento, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

_____. **Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000a.

_____. **Os jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII**. In: Revista Complutense de História de América 2000b, 26: 93-116.

BAPTISTA, Jean T. **O temporal**. In: Dossiês Históricos do Museu das Missões; 1. São Miguel das Missões, 2009.

_____. **O eterno**. In: Dossiês Históricos do Museu das Missões; 2. São Miguel das Missões, 2009.

_____. **A invisibilidade étnica nos registros coloniais. Missões Guaranis ou**

Missões Indígenas? In: Povos indígenas. Coordenação Geral Tau Golin, Nelson Boeira; Diretores do volume Arno A. Kern, M. Cristina dos Santos, Tau Golin. Passo Fundo: Méritos, 2009. v. 5 – (Coleção História do Rio Grande do Sul).

_____. **Fomes, pestes e guerras: dinâmicas dos povoados missionais em tempos de crise (1610-1750)**. Tese de doutoramento, PUCRS, Porto Alegre, 2007a.

_____. **Igrejas, capelas e Opy: as áreas de reza das lideranças missionais**. In: XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo, 2007b.

_____. **Diversidade reducional: a presença de culturas não-Guarani nos espaços reducionais**. In: XI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas, Porto Alegre, 2006.

BARRAL, G. A. **Rebeliones indígenas en la América española**. Madrid: Mapfre, 1992.

BARROS, Paulo Sérgio. **Confrontos Invisíveis – Colonialismo e Resistência Indígena no Ceará**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BECKER, Ítala I. B.; CEBEY, Juana P. de. **Os índios da antiga banda oriental do Uruguai. Charrua e Minuano: histórico, abastecimento e assentamento. Sua relação com as frentes de expansão**. In: Estudos Leopoldenses, Ano XIII, vol. 14, nº 47, 1978.

BECKER, Ítala Irene Basile. **El indio y la colonización**. In: Pesquisas, Antropologia, IHU, São Leopoldo, nº 37, 1984.

_____. **Algumas informações sobre as missões entre os primitivos habitantes da antiga banda oriental do Uruguai**. In: VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários: "As Missões Jesuítico-Guaranis: Cultura e Sociedade". Santa Rosa, 1988.

BECÚ, Ricardo Zorraquín. **La organización política argentina en el período hispánico**. Buenos Aires: Editorial Perrot, 4ª ed., 1981.

BEOZZO, José Oscar. **Leis e Regimento das Missões – Política Indigenista no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

BLOOM, Allan. **O declínio da cultura ocidental**. 3ª ed. São Paulo: Best Seller, 1989.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRACO, Diego. **Los errores Charrúa y Guenoa-Minuán**. In: Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas, nº 41, 2004a.

_____. **Charrúas, guenoas y guaraníes**. Montevideo, Linardi y Risso, 2004b.

BRIONES, Claudia. **La alteridad del "cuarto mundo". Una deconstrucción antropológica de la diferencia**. Serie Antropológica, Ediciones del Sol, Buenos Aires, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos (coleção Aldus 18), 2003.

_____. **Formas de hacer Historia**. Madrid, Alianza, 1999.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CAMARGO, Fernando. **Las relaciones luso-hispánicas en torno a las misiones orientales del Uruguay: de los orígenes al Tratado de Madrid, 1750**. In: Fronteras de la historia, año/vol.8, Ministerio de Cultura Bogotá, Colombia, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAMORRO, Graciela. **Decir el cuerpo: Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní**. Asunción: Tiempo de Historia, Fondec, 2009.

_____. **La buena palabra experiencias y reflexiones religiosas de los grupos guaraníes**. In: Revista de Indias, vol. LXIV, nº 230, 2004.

CLASTRES, Helena. **Terra sem mal: o profetismo tupi-guarani**. São Paulo, Brasiliense, 1978.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

COLVERO, Ronaldo B. **Inventário de Bruno de Zavala em San Francisco de Borja e sua importância na memória do povo**. In: XII Jornadas Interescuelas – Departamentos de Historia: "En homenaje a los fundadores de las Jornadas Interescuelas". San Carlos de Bariloche, 28, 29, 30 y 31 de octubre de 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Vingança e Temporalidade: os Tupinambás**. In: Anuário Antropológico 85: 57-78, 1986.

DJENDEREDJIAN, Julio C. **Un aire de familia? Producción ganadera y sociedad en perspectiva comparada: las fronteras rioplatense a inicios del siglo XIX**. In: Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas, nº 41, 2004.

DAMIANI, Gisele T. M. **O Guarani: uma experiência de guerra**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PPGH-PUCRS, 1996.

DA SILVA, Kalina Vanderlei Paiva. **'Nas solidões vastas e assustadoras' – os pobres do açúcar e a conquista do sertão de Pernambuco nos séculos XVII e XVIII**. Tese de Doutorado Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003

DE CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE MASY, Rafael Carbonell. **La propiedad comunitaria en las reducciones guaraníes**.

In: XII Jornadas Internacionales sobre las misiones jesuíticas: "Interacciones y sentidos de la conversión". Buenos Aires, 23 a 26 de septiembre de 2008.

_____. **Estrategias de desarrollo rural en los pueblos guaranies (1609-1767)**. Monografías economía quinto centenario. Barcelona, 1992.

_____. **Técnica e tecnologia agrarias apropriadas en las misiones guaranies**. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XV, n. 1, junho, 1989.

DOMINGUES, Beatriz Helena. **As repercussões da expulsão dos jesuítas nos movimentos independentistas nas Américas Espanhola e Portuguesa**. In: V Encontro da ANPHLAC, Belo Horizonte, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FALCON, José C. **A época pombalina (Política econômica e monarquia ilustrada)**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis: História, Guerra e Xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EDUSP, 2001.

FAVRE, Oscar Padrón. **O caso de un pueblo indio: Historia del éxodo guaraní-misionero al Uruguay – Bella Unión. San Borja del Yy**. Durazno: Tierradentro ediciones, 2009.

_____. **Las misiones jesuíticas y los indígenas misioneros en la historiografía del Uruguay**. In: Estudios Historicos – CDHRP – Diciembre 2009, nº 3.

FEITLER, Bruno. **Nas malhas da consciência: igreja e inquisição no Brasil: Nordeste 1640-1750**. São Paulo: Phoebus, 2007.

FERREIRA, Mario Clemente. **O Mapa das Cortes e o Tratado de Madrid: a cartografia a serviço da diplomacia**. In: Varia Historia, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p. 51-69, Jan/Jun 2007.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século XVII ao XIX)**. In: História do Rio Grande do Sul – Colônia I. Nelson Boeira, Tau Golin (Coord.); diretores dos volumes Fernando Camargo, Ieda Gutfreind Heloisa Reichel. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 1.

_____. **Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII**. In: Topoi, v. 6, n. 10, jan.-jun. 2005, pp. 71-98.

_____. **Sentir, adoecer e morrer: sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII**. Porto Alegre. Tese de doutorado PUCRS, 1999.

FLORES, Moacyr. **Colonialismo e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: EST/Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul, 1983.

_____. **As Vacarias e as estâncias missioneiras.** In: II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Anais. Santa Rosa: Faculdade Dom Bosco, 1977.

FURLONG, Guillermo S. J. **Bernardo Nusdorffer y su "Novena Parte".** Ediciones Theoria. Buenos Aires, 1971.

_____. **Misiones y sus Pueblos de Guaranés.** Buenos Aires: Teorema, 1962a.

_____. **Antonio Sepp, S.J. Y su 'gobierno temporal', (1732),** Buenos Aires, 1962b.

_____. **José Cardiel, S. J. Y su carta-relación (1747).** Librería del Plata, Buenos Aires, 1953.

_____. **Cartografía Jesuítica del Rio de La Plata.** Texto I. Talleres. Buenos Aires: 1936.

_____. **Un médico colonial. Segismundo Aspergi (desde 1687 hasta 1772).** In: Estudios, 54: 117-148, Buenos Aires, 1936.

GALVEZ, Lucía. **Guaranés y jesuítas: de la tierra sin mal al paraíso.** 3ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena.** Rio de Janeiro: Espaço e Terra, 1988.

GANSON, Barbara. **La rebelión guaraní en un contexto comparativo.** In: XII Jornadas Misioneras, Buenos Aires, 2008.

GARCIA, Elisa Frühauf. **Dimensões da igualdade: os significados da condição indígena no processo de independência no Rio da Prata.** In: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP. São Paulo, 2008.

_____. **As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indegenistas no extremo sul da América Portuguesa.** Tese de doutoramento, UFF, Niterói, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. **História noturna. Decifrando o sabá.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOLIN, Tau. **A Fronteira.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **A expedição: imaginário artístico na conquista militar dos Sete Povos.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul.** 1ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. **Etnocídio e herança indígena.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999b.

_____. **Sepé Tiaraju.** Porto Alegre: Tchê, 1985.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O conceito de região e sua discussão.** In: CASTRO, Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HEINSFELD, Adelar. **Os tratados de limites coloniais e o espaço territorial missioneiro no contexto da geopolítica hispânica para a América.** In: XI Jornadas Internacionais sobre as missões jesuíticas. Porto Alegre de 6 a 9 de setembro de 2006.

HILBERT, Klaus. **A interpretação étnica na Arqueologia dos caçadores-coletores da região do Prata.** In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXVII, nº 2, dezembro 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Visão do Paraíso.** 3ª ed. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1977.

KERN, Arno Alvarez; PEREIRA, Ione A. M. **Missões jesuíticas coloniais: um estudo dos planos urbanos.** In: Revista História em Reflexão: vol. 2, nº 4. UFGD, Dourados jul/dez 2008.

KERN, Arno Alvarez. **Missões, história e arqueologia: frentes de colonização, contatos interétnicos, intercâmbios culturais.** In: Sociedade brasileira de pesquisa histórica. 26ª reunião, julho de 2006.

_____. **Os portugueses e as missões coloniais platinas: Pombal, os jesuítas e os guaranis missioneiros.** In: Colóquio Internacional Território e Povoamento. A presença portuguesa na região platina. Colonia del Sacramento, Uruguai, 23 a 26 de março de 2004.

_____. **Sociedades ibero-americanas. Reflexões e pesquisas recentes.** Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

_____. **Escravidão e missões no Brasil Meridional: impactos e contatos entre as sociedades indígenas ibéricas, no Período Colonial.** In: Moacyr FLORES (Org.). Negros e Índios: história e literatura, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

_____. **O espaço missioneiro.** In: Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Ed. La Salle. Canoas, 1985.

_____. **Missões: uma utopia política.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

KROEBER, Clifton B. **La navegacion de los rios em la historia Argentina (1794-1860).** Buenos Aires: Editorial Paidós, S/D.

LA SALVIA, Fernando. **Remanescentes das atividades agro-pastoris dentro do espaço missioneiro.** In: VII Simpósio Nacional de Estudos Missionários: "As Missões Jesuítico-Guaranis: Cultura e Sociedade". Santa Rosa, 1988.

LEONHARDT, Carlos. **La guerra de los siete pueblos**. In: Revista Estudios. Buenos Aires, T. XXII, 1922.

LEVI, Giovanni. **Sobre Microhistoria**. Buenos Aires: Biblos, 1993.

LÉVI-STRAUS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LEVINTON, Norberto. **El espacio jesuítico-guaraní: la formación de una región cultural**. Asunción: Biblioteca de Estudios Paraguayos, 2009.

_____. **Guaraníes y charrúas: una frontera exclusivista – inclusivista**. In: Revista de história regional 14(1); verão 2009.

_____. **La arquitectura jesuítico-guaraní**. 1ª ed. Buenos Aires: SB, 2008a.

_____. **La Micro-Región: espacio y tiempo en la cartografía producida por la interacción jesuítico-guaraní**. In: XII Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas, Buenos Aires, 2008b.

_____. **Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú: tenencia de la tierra por uso cotidiano, acuerdo interétnico y derecho natural (Misiones Jesuíticas del Paraguay)**. In: Revista Complutense de Historia de América, vol. 31, 2005.

LOPES, Fátima Martins. **Missões religiosas – índios, colonos e missionários na colonização do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

LUGON, Clóvis. **A República "Comunista" Cristã dos Guaranis: 1610-1768**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MAEDER, Ernesto. **Los bienes de los jesuitas. Destino y administración de sus temporalidades en el Río de la Plata, 1767-1813**. Residencia: CONICET, Instituto de Investigaciones Geohistóricas, 2001.

_____. **Misiones del Paraguay: conflicto y disolución de la sociedad guaraní (1768-1850)**. editorial mapfre, 1992.

_____. **La población de las misiones de guaraníes (1641-1682). Reubicación de los pueblos y consecuencias demográficas**. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XV, n. 1, junho, 1989.

MAEDER, Ernesto; BOLSI, Alfredo S.C. **La Población Guaraní de las Misiones Jesuíticas. Evolución e características (1671-1767)**. In: Cuadernos de Geohistoria Regional. n. 4. Instituto de Investigaciones Geohistóricas. Conicet. Fundanord. Corrientes, 1983.

MARTINI, Mônica P. **Un Plan de evangelización tardío: las colonias de indios guaraníes proyectadas por José Cardiel (1747)**. In: Anales de las VII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas, IIGH, Resistencia, 1999.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai (Séculos XVII e XVIII)**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo: Porto Alegre: ANPUH, 2006.

_____. **Sobre as práticas guaranis nas Reduções**. In: História Unisinos. Vol. 8, nº 9, 2004.

_____. **"Da Virgem" e "de São Miguel": Congregações leigas nas Reduções Jesuítico-Guaranis do Paraguai**. In: Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC, Belo Horizonte, 2000.

_____. **Tempo, festa e espaço na redução dos guarani**. In: Estudos Leopoldenses, Série História, Vol. 1, nº 1, 1997.

MATEOS, Francisco. **El tratado de límites entre España y Portugal de 1750 y las misiones del Paraguay (1751-1753)**. In: Missionalia Hispánica, n. 17, 1949.

MAURER, Rodrigo F. **Dissimulação ou circunstância dos fatos? A exposição de San Borja no espaço missioneiro**. In: XIII Missões Jesuíticas Jornadas Internacionais – "Fronteiras e identidades: povos indígenas e missões religiosas". Dourados, de 30 de agosto a 03 de setembro de 2010.

_____. **Das necessidades as intrigas: o caso de São Borja frente os processos político-sociais dos anos de 1750 à 1759**. In: X Encontro Estadual de História – ANPUH-RS: "O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional". Santa Maria, 26 a 30 de junho de 2010.

_____. **Ação e reação: o caso da redução de San Borja frente os anos de 1750 à 1759**. In: V Simpósio Internacional Estados Americanos: O Bicentenário das Independências (1810-2010). Passo Fundo, 08 a 10 junho de 2010.

_____. **Uma contrariedade que garantiu a continuação: redução de San Francisco de Borja X Milicianos Guaranis no espaço oriental do rio Uruguai entre os anos de 1750 a 1759**. In: Jornadas de Estudios Indígenas y Coloniales. San Salvador de Jujuy, 26, 27 y 28 de noviembre del 2009.

_____. **Redução de San Francisco de Borja: um espaço de dissimulação política na região dos Sete Povos das Missões nos anos de auto-governo (1750 a 1759)**. In: III Seminário de História Regional. Passo Fundo, 12 e 13 de novembro de 2009.

_____. **Redução de San Francisco de Borja: a qualificação política da Companhia de Jesus na banda oriental do rio Uruguai**. In: XII Jornadas Interescuelas – Departamentos de Historia: "En homenaje a los fundadores de las Jornadas Interescuelas". San Carlos de Bariloche, 28, 29, 30 y 31 de octubre de 2009.

_____. **A confirmação do povo conversor e a irresponsabilidade amenizada: o caso do julgamento de 1759 nas missões orientais do rio Uruguai**. In: XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

_____. **Redução de San Francisco de Borja: a parcialidade guarani na**

banda oriental do rio Uruguai. In: Revista Armazém da Cultura, vol. 1, nº 1, julho de 2008.

MAURER, Rodrigo F. & COLVERO, Ronaldo B. (Org.). **Missões em Mosaico. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências.** Porto Alegre: Faith, 2011.

_____. **Legados jesuíticos em São Borja: um patrimônio que sofre na Terra dos Presidentes.** In: 1^{er} Congreso Iberoamericano y VIII Jornada técnicas de restauración y conservación del patrimonio. La Plata, 10 y 11 de Septiembre, 2009.

_____. **São Borja e seu patrimônio "quase" esquecido: o caso das missões jesuíticas na Terra dos Presidentes.** In: IV Congreso Internacional de História. Maringá, de 09 a 11 de setembro de 2009.

_____. **Um caso mal resolvido: os Sete Povos das Missões e o julgamento de 1759.** In: Revista Estudios Historicos – CDHRP – n.2, Agosto 2009.

_____. **As possibilidades na análise das fontes: a redução de São Francisco de Borja a partir do Inventário de Bruno de Zavala.** In: Bens e riquezas das missões. NASCIMENTO, Ana Olívia do e OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila (orgs.). Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

_____. **Redução de San Francisco de Borja: a expressão da função política da Companhia de Jesús a leste do rio Uruguay.** In: XII Misiones Jesuíticas Jornadas Internacionales: "interacciones y sentidos de la conversión". Buenos Aires, 23 al 26 de septiembre de 2008.

MELIÁ, Bartomeu. **Potyró: las formas de trabajo entre los Guaraní antiguos "reducidos" y modernos.** In: Revista Complutense de Historia de América. Nº22. Madrid, pp.183 -208, 1996.

_____. **Missão por redução.** Estudos Leopoldenses, v. 25, nº 110, pp, 21 – 36, maio/junho de 1989.

_____. **El guaraní conquistado y reducido. Ensayos de Etnohistoria.** Biblioteca Paraguaya de Antropología, vol. 5, Assunción, 1988.

_____. **Informação etnográfica e história sobre os Kaingang do Rio Grande do Sul.** In: Anais V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. LASALLE, 1985.

_____. **Las Reducciones Jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial.** In: Estudios Paraguayos, Assunção 6 (1): p. 167. Set. 1978.

MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e historiadores. Estudos de História indígena e do indigenismo.** Tese apresentada para o concurso de livre docência. Área de Etnologia, subárea história indígena e do indigenismo. Campinas, agosto de 2001.

_____. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Os guarani e o Brasil meridional.** In: História dos índios do Brasil.

CUNHA, Manuela Carneiro da. (coord.). São Paulo, Faspesp/SMC, Companhia das Letras, 1992, pp. 475-498.

MÖRNER, Magnus. **Actividades políticas y económicas de los jesuitas en el Río de la Plata**. Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.

MOUTOUKIAS, Zacarías. **Las formas complejas de la nación política: justicia corporativa, faccionalismo y redes sociales (Buenos Aires, 1750-1760)**. In: Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas, nº 39, 2002.

NEDEL, Letícia Borge. **Regionalismo, historiografia e memória: Sepé Tiaraju em dois tempos**. In: Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20 – jan./dez. - 2004.

NEUMANN, Eduardo S. **Episódios de rebelião na fronteira: a Guerra Guaranítica (1752-1756)**. In: O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil. NEUMANN, Eduardo S.; GRIJÓ, Luiz Alberto. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. **"De letra de índios" Cultura escrita e memória indígena nas reduções guaranis do Paraguai**. In: Varia historia, Belo Horizonte, vol. 25, nº 41: p. 177-196, jan/jun 2009a.

_____. **Repensando a fronteira: o lugar das populações indígenas na história rio-platense colonial**. In: Fronteiras americanas: teoria práticas de pesquisa. GUAZZELLI, Cesar A. B.; FLORES, Mariana F.; AVILA, Arthur L. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2009b.

_____. **A escrita dos guaranis nas reduções: usos e funções das formas textuais indígenas – século XVIII**. In: Topoi, v.15, jul.-dez. 2007a.

_____. **A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai – século XVIII**. In: História Unisinos, vol. 11, n.2 – maio/agosto de 2007b.

_____. **A escrita indígena nas reduções jesuítico-guarani**. In: Sociedade Brasileira de pesquisa Histórica (S.B.P.H.) 26ª reunião, julho de 2006.

_____. **Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na banda oriental – 1680/1757**. In: Revista complutense de História, 2004a.

_____. **A fronteira tripartida: a formação do Continente do Rio Grande –século XVIII**. In: GRIJÓ, Luis Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.25-46, 2004b.

_____. **"Mientras volaban correos por los pueblos": autogoverno e práticas letradas nas Missões Guarani – século XVIII**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 93-119, jul./dez. 2004c.

_____. **Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na Banda Oriental. 1680/1757**. Revista Complutense de Historia de América 26: 73-92 (Madrid), 2000.

_____. **A atuação Guarani missioneira na Buenos Aires colonial.** In: Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros (1995). Santa Rosa: Editora da Unijui, Vol II, p. 407-431, 1997.

_____. **O trabalho guarani missioneiro no Rio da Prata Colonial. 1640/1750.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

_____. **A participação guarani missioneira na vida colonial rio-platense.** Anais do X Simposio Nacional de Estudos Misioneros (1993). Santa Rosa: Editora da Unijui, p. 487-496, 1995.

NEVES, Luis Felipe Baêta. **O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978.

NOELI, Francisco S. **La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas guaraní.** In: Revista de Indias, vol. LXIV, nº 230, 2004.

_____. **Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia guarani através de informações históricas.** In: Diálogos. DHI/UEM, 02: 177-199, 1998.

NOFRI, María Clarisa. **Barbarie y demonización en los orígenes de un imaginario para la conversión de los indígenas de la pampa oriental (1663-1690).** In: XII Jornadas Interescuelas, Bariloche, 2009.

PAIVA, Eduardo F. **Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PANIAGUÁ, Edson R. **Fronteiras, violência e criminalidade na região platina: o caso do município de Alegrete.** São Leopoldo: Dissertação de Mestrado; UNISINOS; 2003.

PAZ, Carlos D. **Nuevos aires para la historia de los pueblos indígenas americanos.** In: História Unisinos. Vol. 11, n.2 – maio/agosto de 2007.

PÉREZ, Leonel Cabrera; CURBELO, María del Carmen. **Aspectos socio-demograficos de la influencia guarani en el sur de la antigua banda oriental.** In: VII Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros: "As Missões Jesuítico-Guaranis: Cultura e Sociedade". Santa Rosa, 1988.

PÉREZ, Leonel Cabrera. **Los "indios infieles" de la banda oriental y su participacion en la guerra guaraníca.** In: Estudios Ibero-Americanos. PUCRS, v. XV, n. 1, junho, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 8 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

POENITZ, Edgar; Alfredo. **Misiones, Provincia Guaranítica. Defensa y disolución.** Posadas: Editorial Universitaria, 1993.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo: a produção de uma identidade regional.** In: XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas: "Interacciones y sentidos de la conversión". Buenos Aires, 23 al 26 de septiembre de 2008.

POMPA, Cristina. **O profetismo Tupi-Guarani: a construção de um objeto antropológico.** In: Revista de Indias, vol. LXIV, núm.230, 2004.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai.** Porto Alegre, Livraria Selbach, 1954, v. IV.

POSSAMAI, Paulo César. **A Colônia do Sacramento: uma praça de guerra do império colonial português.** In: História em Revista, Pelotas, 09-28, v. 12, dez./2006; v. 13, dez./2007.

QUARLERI, Lía. **Rebelión y guerra en las fronteras del Plata: guaraníes, jesuitas e imperios coloniales.** - 1ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009a.

_____. **Cohesión, fragmentación y contracción comunal. Los pueblos guaraníes frente al conflicto.** In: XII Jornadas Interescuelas, Bariloche, 2009b.

_____. **Gobierno y liderazgo jesuítico-guaraní en tiempos de guerra (1752-1756).** In: Revista de Indias, 2008, vol. LXVIII, núm. 243.

_____. **El territorio jesuítico-guarani: del enfrentamiento de sentidos al conflicto armado (1750-1761).** In: História unisinos, vol. 11, n.2, - maio/agosto de 2007.

QUEVEDO, Júlio. **As missões jesuítico-guaranis.** In: *Colônia*. BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coordenação geral). Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

_____. **A ocupação européia do Rio Grande do Sul: séculos XVII e XVIII.** In: Turismo e Cultura - História Regional/Organização de Ana Beatriz R. Gonçalves, Claudete Boff. – Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001. (História Regional, v.2), 2001.

_____. **Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata.** Bauru/SP: EDUSC, 2000.

_____. **Rio Grande do Sul. Aspectos das Missões (em tempo de despotismo esclarecido).** Porto Alegre: Martins Livreiro 1997.

RABUSKE, Arthur S.J. **O povo de São Borja entre os anos de 1750 e 1757.** In: V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. (1983) Anais. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985.

_____. **Cartas de índios cristãos do Paraguai, máxime dos sete povos, datadas de 1753.** Mártires das Missões, 1628-1978. São Leopoldo: Estudos Leopoldenses, 1978, ano 13, v.14, n.47.

RAYMUNDO, Leticia de Oliveira. **O Estado do Grão-Pará e Maranhão na nova ordem política pombalina: a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e o Diretório dos índios (1755-1757).** In: Almanaque Braziliense. Nr 3. Maio de 2006. Disponível em: www.almanack.usp.br, acesso em 15/11/2010.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. **História regional: dimensões teórico-conceituais.** In: História: debates e tendências. Passo fundo, v. 1, n. 1, p. 15-22, junho de 1999.

REICHEL, Heloisa Jochims. **Fronteiras no espaço platino**. In: Colônia. BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coordenação geral). Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 1. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

REIS, Arthur César Ferreira. **Limites e demarcações na Amazônia Brasileira. Vol. 1: A fronteira colonial com a Guiana Francesa; Vol. 2: A fronteira com as colônias espanholas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, 2 vol.

REZENDE, Tadeu Valdir Freitas de. **A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, departamento de História econômica, São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Darci. **Os índios e a Civilização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

RILLO, Aparício Silva. **São Borja em perguntas e respostas. Monografia histórica e de costumes**. São Borja: Coleção Tricentenário, 1982.

RILLO, Aparício Silva; O'DONNELL, Fernando. **Populário são-borjense**. São Borja: Nova Prata, 2004.

RISSOTTO, Luiz Rodolfo G. **La importancia de las misiones jesuíticas en la formación de la sociedad Uruguaya**. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XV, n. 1, junho, 1989.

RISSOTTO, Luis Rodolfo G; GONZALES, Susana Rodrigues V. **Guaranies y paisanos. Impacto de los indios misioneros en la formación del paisanaje**. Colección Nuestras Raices, n.3, editorial Nuestra Tierra. Montevideo, 1990.

_____. **Contribución al estudio de la influencia guaraní en la sociedad uruguaya**. Rivera, República Oriental de Uruguay, 1989.

RODRIGUES, Cláudio Oraindi. **São Borja e sua história**. São Borja: Tricentenário, 1982.

SANTOS, Maria Cristina dos & BAPTISTA, Jean. Tiago. **As ruínas**. In: Dossiês Históricos do Museu das Missões; 3. 2009.

_____. **Reduções jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (séc. XVII – XVIII)**. In: História Unisinos, vol. 11, n. 2 – maio/agosto de 2007.

SANTOS, Maria Cristina dos. **Dois modelos de discurso: sobre a eficácia do "reduzir" o Guarani e sobre o Guarani "reduzido"**. In: História Unisinos, vol 8, nº 9, 2004.

_____. **Crença e descrença na América Meridional do século XVII**. In: Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXVI, nº 2, dezembro 2000.

_____. **Aspectos de la resistencia guaraní: los proyectos de integración en el Virreinato del Río de La Plata (1768-1805)**. Tesis doctoral. Departamento de Antropología Americana. Facultad de Geografía e Historia. Universidad Complutense de Madrid; Madrid, 1993.

_____. **Os movimentos guarani de resistência à colonização da bacia platina (1537-1660)**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PPGH-PUCRS, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **A Natureza do Espaço**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHADEN, Egon. **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei: tolerância e salvação no mundo atlântico ibérico**. São Paulo: Companhia das Letras; Bauru: Edusc, 2009.

_____. **Segredos internos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEMPÉ, Moarcy Matheus. **As festas reais de São Borja em 1760**. In: Anais V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. LASALLE, 1985.

_____. **O padre Francisco Garcia e a fundação de São Francisco de Borja**. In: III Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Santa Rosa, 1979.

_____. **Uruguai – um estudo etimológico. As reduções a época dos Sete Povos**. Anais. Santa Rosa: III Simpósio Nacional de Estudos Missionários, 22 a 26 de outubro de 1979.

_____. **O oitavo povo das missões orientais do Uruguai**. A população missioneira. IV Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Anais. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1981.

SEVERAL, Rejane da Silveira. **A Guerra Guaranítica**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso. **As missões orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre. Typografia da Livreira Universal de Carlos Echenique, 1909.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 2009.

_____. **Inferno atlântico. Demonologia e colonização – séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUSNIK, Branislava. **Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XVIII**. Museo Etnografico "Andres Barbero". Asunción, 1990-1991.

_____. **Guerra, Transito, Subsistência (Ambito Americano)**. Anuales del Museo Etnografico "Andres Barbero" V. Asunción, 1990.

_____. **Los aborígenes del Paraguay. V - Ciclo vital e estrutura social**.

Museu Etnográfico "Andres Barbedo". Assunción, 1983.

_____. **Los aborígenes del Paraguai – etnohistoria de los guaraníes – Época colonial.** Assunción: Museu Etnográfico Andres Barbero, 1979-1980.

_____. **Aproximación a la realidad vivencial y al ethos existencial en el Paraguay colonial. Ambiente rural.** In: *Estudios Paraguayos*, vol. III, nº 2, Assunción, 1975.

SNIHUR, Esteban. **El universo Misionero Guaraní.** Buenos Aires: Sudamerica Joven Ensayo, 2007.

TESCHAUER, Carlos. **História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos.** Ed. Unisinos, 2002.

UESSLER, Claudia de Oliveira. **Sítios arqueológicos de assentamentos fortificados ibero-americanos na região platina oriental.** Tese de doutoramento PUCRS, Porto Alegre, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIEIRA, Alexandre. **Pensamento político na Guerra Guaranítica. Justificação e resistência ao absolutismo ibérico no século dezoito.** Tese de doutoramento, UFSC, Florianópolis, 2005.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **História, Região e Poder: a busca de interfaces metodológicas.** In: *LOCUS: revista de história*, Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, p. 84-97.

WILDE, Guillermo. **Religión y poder en las misiones de guaraníes.** 1ª ed. Buenos Aires: SB, 2009.

_____. **La ritualización del espacio en las misiones jesuíticas del Paraguay.** In: XI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas, Porto Alegre, 2006a.

_____. **Prestigio indígena y nobleza peninsular. La invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay.** In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, nº 43, 2006b.

_____. **Poderes del ritual y ritual del poder: un análisis de las celebraciones en los pueblos jesuíticos de Guaraníes.** In: *Revista Española de Antropología Americana*, 2003a, 33 203-229.

_____. **Orden y ambigüedad en la formación territorial del río de La Plata a fines del siglo XVIII.** In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, año 9, n. 19, p. 105-135, julho de 2003b

_____. **Segregación o asimilación? La política indiana en América meridional a fines del período colonial.** In: *Revista de Indias*, vol. LIX, nº 217, 1999.

